

JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS

RUA DESCALÇA



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS

Rua Descalça



SUMÁRIO

Capa
Folha de rosto
Sumário
Dedicatória
A Literatura de José Mauro de Vasconcelos

Explicação

Primeira Parte – OS SANTOS

1. “Eles”
2. A Paz do Senhor
3. A Manhã Daquela Rua
4. O Gurufim
5. A Ternura do Milagre
6. Entre o Céu e a Terra dos Homens

Segunda Parte – OS ESPELHOS

1. Mabel e o Espelho
2. O Espelho e Mabel
3. Todo Trem É Uma Rua Que Caminha
4. No Começo, Um Novo Mundo

Terceira Parte – AS GUERRAS

1. Pum!... Pum!... – A Guerrinha
2. O Soldado, o Sonho e a Enfermeira
3. A Volta
4. A Paz do Senhor

Notas

José Mauro de Vasconcelos

Créditos

PARA

Ciccillo Matarazzo
Hugo Ribeiro de Almeida
Claudino do Amaral
Tito Ribeiro de Almeida
Horácio Lomelino
Marino Gouveia (Nonote)
Paulo Baptista Pereira

e

D. Léa de Abreu
Filoca Chiara
Ziza, Yole e Bianca

e

também a Hasso Weiszflog,
lembrando certa
história de dragão.

A literatura de José Mauro de Vasconcelos

por Dr. João Luís Ceccantini
Professor, pesquisador e escritor
Doutor e Mestre em Letras

A literatura de José Mauro de Vasconcelos (1920-1984) constitui hoje um curioso paradoxo: ao mesmo tempo que as obras do escritor estão entre aquelas poucas, em meio à produção nacional, que alcançaram um número gigantesco de leitores brasileiros – além de terem sido também traduzidas para muitas outras línguas, com sucesso de vendas e projeção no exterior –, não contaram com a contrapartida da valorização de nossa crítica literária. Há, ainda, pouquíssimos estudos sobre suas obras, seja individualmente^[1], seja sobre o conjunto de sua produção. Trata-se, com certeza, de uma grande injustiça, fruto do preconceito de um julgamento que levou em conta, quase de maneira exclusiva, critérios associados à ideia de ruptura com a tradição literária como elemento valorativo. Uma das vozes de exceção que veio em defesa de Vasconcelos foi a do grande poeta, tradutor e crítico literário José Paulo Paes (1926-1998), que denuncia “a miopia de nossa crítica para questões que fujam ao quadro da literatura erudita”, examinando o desempenho do escritor “unicamente em termos de estética literária, em vez de analisá-lo pelo prisma da sociologia do gosto e do consumo”^[2].

José Mauro de Vasconcelos, com a linha do “romance social” (frequentemente, também de caráter intimista), que produziu desde a sua estreia com *Banana Brava* em 1942, prestou um serviço notável à cultura do país, contribuindo de modo excepcional para a formação de sucessivas gerações do público leitor brasileiro. Soube seduzi-lo de maneira ímpar para uma obra multifacetada, que permanece atual, sendo ambientada em diferentes regiões do país e abarcando questões das mais pungentes, sempre segundo uma perspectiva bastante pessoal e

impregnada de sentido dialético. Chama a atenção, na visão de mundo do escritor, particularmente, o destaque dado em suas composições à relação telúrica com o meio e certa visada existencialista. Vasconcelos conjuga, em seus personagens, espírito de aventura e vigor físico com dimensões introspectivas; aborda temáticas regionalistas, bem como as de natureza urbana; analisa a sociedade contemporânea segundo uma visão crítica e racional sem abrir mão de explorar aspectos afetivos ou até mesmo sentimentais de personagens e problemas; põe em relevo espíritos desencantados, assim como aqueles impregnados de esperança; debruça-se tanto sobre os vícios como sobre as virtudes dos entes a que dá vida; esses, entre tantos outros elementos, dão corpo a uma literatura à qual não se fica indiferente.

Para uma leitura justa e prazerosa da obra do escritor nos dias de hoje, vale lembrar que a literatura de Vasconcelos precisa ser compreendida no contexto social de sua época, não devendo ser avaliada por uma visão étnico-cultural atual. Se é possível encontrar, aqui e ali, uma ou outra expressão linguística, ponderação ou caracterização que seriam inconcebíveis para os valores do presente, isso não desvia a atenção do valor do escritor e do imenso interesse que sua obra desperta, de visada profundamente humanista.

A reedição cuidadosa que ora se faz do conjunto da obra de Vasconcelos é das mais oportunas, permitindo que tanto os leitores fiéis à sua literatura possam revisitar, um a um, os títulos que compõem esse vibrante universo literário como que as novas gerações venham a conhecê-la.

DR. JOÃO LUÍS CECCANTINI

Graduou-se em Letras em 1987 na UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, instituição em

que trabalha desde 1988. Pela mesma faculdade, realizou seu mestrado em 1993 e doutorado em Letras em 2000. Atua junto à disciplina de Literatura Brasileira, desenvolvendo pesquisas principalmente nos temas: literatura infantil e juvenil, leitura, formação de leitores, literatura e ensino, Monteiro Lobato e literatura brasileira contemporânea de um modo geral. É hoje professor assistente Doutor na UNESP e coordenador do Grupo de Pesquisa “Leitura e Literatura na Escola”, que congrega professores de diversas Universidades do país. É também votante da FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e tem realizado diversos projetos de pesquisa aplicada, voltados à formação de leitores e ao aperfeiçoamento de professores no contexto do Ensino Fundamental.

Explicação

Faz muito tempo, um homem chamado Enoque subiu aos céus num carro de fogo.

Mais tarde um pouco, Elias fez a mesma coisa e etc., etc.

Um homem chamado Gotama Buda abandonou as pompas para viver entre os pobres.

São Francisco de Assis, também do mesmo modo, deixou tudo para participar da vida dos menos favorecidos...

E basta, e é só.

Primeira Parte

Os santos

Capítulo Primeiro

“ELES”

A
E
I
O

UM VERÃO DE DEZEMBRO enrodilhava tudo com um abraço de calor, com um asfixiar aquecido que enrolava a rua, as casas, as árvores e até começava a esquentar a sombra das coisas com uma mornidez espreguicenta.

E por ser dezembro e por ser verão e por ser manhã, já desperta fazia tempo pelos galos alheios, foi que Ananias esfregou um pé no outro e arregalou bem os olhos num contentamento quase infantil.

Tinha muito mais coisas atrás do verão, da manhã e do calor. Acontece que Ananias sabia ser mais uma manhã de Natal.

E quando clareou de todo, Ananias se levantou e, não se contendo, sacudiu Antão, que dormia calmo, sem roncar nem nada, numa plácida beatitude. Seus olhos se abriram sem pressa e pareceram mais escuros por causa do rosto ensombrecido pela barba grande. Analisou friamente o rosto do outro, e o sorriso de Ananias foi morrendo, foi morrendo, e o rosto voltou ao comum das expressões. Tentou justificar-se:

– Hoje...

Nada disse o outro.

– Hoje é dia de Natal.

Antão estirou as pernas compridas e magras, sacudindo de lado as cobertas encardidas. Sentou-se na beira da cama e bumba, preparou o sermão. Antes, porém, Raça Dura veio da ponta da cama, miou um romão amigo e se aninhou no colo entre as mãos também compridas de Antão.

– Você não toma jeito...

Ananias se coçou todo, com a alma, quase desanimado, foi até à janela e bastou empurrar, porque ela estava presa apenas por um papel enrolado.

Logo um dia sem-vergonha penetrou alegre, cantando verão. Ananias viu tudo lá fora, até a cerca de bambu emborcada no chão e apodrecendo no tempo.

Desvirou-se e, humildemente, encarou Antão. Doía perguntar, mas perguntou.

– Quer dizer que não me comportei bem este ano?

Os longos cabelos de Antão acompanharam lentamente o menear da negação.

– Quer dizer que este ano ainda não serei santo?

– Ainda este ano você não será santo, Ananias. Ainda este ano, não...

Falava com tristeza absoluta e de tristeza também se encheu o olhar do outro. Por mais um bocadinho, chorava. Tombou a cabeça aos poucos.

– Mas eu fiz o possível.

– Não fez.

– Fiz sim.

– Acha mesmo que fez o possível?

– Acho.

– Pois eu não acho, e não vai aqui nenhuma injustiça. Sente-se, Ananias. Ali, bem defronte aos meus olhos.

Ananias obedeceu e a cama rangeu grungrunhenta.

– Diga, meu irmão, o que você fez no dia 6 de fevereiro?

– Eu plantei bananeira no fundo do quintal com a meninada.
– Bem. E no dia 10 de maio?
– Soltei papagaio com a meninada no meio da rua e levei uma
carreira do caminhão da Light.
– E 12 de setembro?
– Joguei dois mil-réis na borboleta.
– Então?
– É.
– Você procedeu apenas regular. Não foi perfeito. Portanto, vai
esperar mais um ano. Tenho receios de que você nunca passará
da condição de anjo, Ananias.

Veio humildade nos olhos do anjo.

– Mas hoje é dia de Natal, Ricardo.

Antão não se zangou, mas sombras longínquas perpassaram
seus olhos, que agora na luz eram claros.

– Ridículo! Simplesmente ridículo. Nós prometemos, faz muito
tempo. Não sou Ricardo e você não é Roberto, Ananias.

– Mas mesmo assim não deixa de ser hoje o dia de Natal.

– Natal é um dia como outro qualquer. Você se comporta como
uma criança e nem parece um velho de 86 anos, Ananias.

Ananias, quase morto de triste, saiu. Abriu a porta da cozinha
e danou-se a espiar a continuação da manhã. Lá fora o dia
chegava sem alardes, mas tinha muita música. O mato crescia
afogando a terra ressequida do quintal. Como crescera o mato
tão depressa! Nos fundos, a cerca de bambus se encontrava
mais deitada que em pé. Os coleiros se festejavam no capinzal
num alarido miúdo, como se fossem bolinhas de gude se
entrechocando.

Aproximou-se do tanque e abriu a bica. A água estava morna
de ternura por causa do verão, que vinha grande. Lavou o rosto
barbado. O contato das mãos na barba fez que se lembrasse que
hoje era dia “daquilo”. Lavou a boca e entrou.

Incontinente, retornou à porta e, levantando a voz, fez minchinho! minchinho! minchinho! E do meio do capinzal amarelo uma gata também amarela, de olhos amarelos, comprida e magra, e cuja cauda se fosse mais comprida poderia balançar o corpo, veio de lá e se roçou na perna de Ananias.

Então ele disse:

– Você não dormiu em casa, não foi? E eu fiquei muito preocupado, não sabe?

Dobrou-se e fez plim-plim-plim com as mãos no pelo da gata amarela.

Doçou a voz e perguntou:

– Sulamita, minha querida, você viu Tricolinete?

Nem foi preciso resposta, porque Tricolinete, parecendo adivinhar, subiu pela beira do valão; corria nas suas patinhas curtas e se achegou com muito cheiro natural de porco.

Ananias se abaixou de todo e se alisou na porquinha. Demorou dois dedos espremendo macio as orelhas da Tricolinete, enquanto murmurava quase grunhindo também:

– Você sabe que eu lhe quero muito bem, não sabe, minha filha?

Tricolinete fora ganha quando ele fez um milagre, curando, com mijo novo de criança de menos de dez anos, a erisipela de Dona Pifânia. Mas logo que logo, ficou arrependido de ter pensado naquele orgulho todo, pois já que ele não era santo, só anjo, e anjo não fazia milagres. Só graça. Santo era Antão, que era duro e calmo de excessos.

A gata Sulamita continuava fazendo ranguim, ranguim, e não custava pegar no colo, pois que não custava mesmo, pegou.

Entretanto, Dona Bárbara botou a cabeça arrepiada por lá daquele lado da cerca, mostrando um sorriso bondoso na cara que ainda não tivera tempo de ser lavada, gritou:

– Seu Ananias, viu minha galinha nanica? Bom dia.

– Não vi, Dona Bárbara. Bom dia.

– Acho que ela anda botando no seu mato. Bem lá, na beirinha do valão.

– Vou e espio.

A galinha estava.

– Apalpe para ver se está com ovo, por seu favor?

E enfiou o dedo e sentiu quente e viu que tinha ovo.

– Tem sim, senhora.

– Quer uma caneca de café?

– Aceito sim. Duas. Antão já acordou.

Ela foi lá e voltou com as duas canecas. De alumínio uma era e a outra, de lata velha de chocolate em pó.

– Hoje não tem aula, tem, seu Antão?

– Hoje, não. É dia de Natal.

– Então, boas festas para os senhores.

– Muito obrigado. Para os seus também. Se ganhar uma folhinha de paisagem eu lhe dou.

Entrou.

A vida deles era aquela simplicidade compridamente.

Lembrou-se “daquilo”. Abriu a primeira gaveta da velha cômoda. Vazia. Abriu a outra. Vaziíssima. Abriu a terceira, e como era aquilo que estava procurando, foi bom. Apanhou, pois, a tesoura.

Antão botou com cuidado de cristal Raça Dura no chão e, passando por Ananias, que balançava a tesoura na mão direita, foi fazer as abluções da manhã. Parou também na porta e olhou. Nem se apressou com a manhã que tinha se adiantado e que estava mesmo muito bonita. O sol agora aureolava a festa dos coleiros e as cigarras brotavam de canto nos espinheiros mais longe. Fechou os olhos para ouvir num enlevo místico a beleza da música das coisas que só ele sabia escutar. Nem gostava de suspirar para ouvir tudo, no canto do seu silêncio, na natureza que começava a despertar.

Tomou prumo e caminhou para a bica. Tricolinete grungrunhou juntinho dele, mas nem se abaixou. Acariciar com os olhos é tão mais doce. Felizmente o dia estava quente e quase não chovia no verão. Pois se acontecia chover, ruim se tornava o dia e a noite. A casa goteirava toda e cada vez mais as telhas se abriam para a passagem das águas. Para ele não significava sofrer, mas para Ananias, que era anjo ainda, tornava-se duro suportar. E via o irmão emburrar e ficar às vezes uma semana com raiva da eternidade. Até que este ano Ananias tinha dado mostras de progresso e compreensão. Fruto da idade que avançava, naturalmente.

Voltou. Ananias, sentado numa cadeira velha, bem velha, mostrou a tesoura entre os dedos.

Concordou indiferente.

– Hoje é dia.

E levaram a cadeira para bem fora e se sentaram ao sol, porque o sol faz bem.

– Eu, primeiro?

– Primeiro eu, Ananias.

Ananias começou a aparar os cabelos dele. E os cabelos iam caindo lindos, louros, no chão. Era difícil ver um cabelo branco. Raro mesmo.

– Antão, que idade você vai mesmo fazer em janeiro?

– Se eu sou mais velho que você, naturalmente 96 anos.

Todos os dias de Natal faziam aquilo. E sempre naquele dia Ananias ficava mais pressuroso. Veio a suave reprimenda.

– Ananias, que pressa é essa?

Continuou a cortar sem a mesma animação. Eram bonitos os cabelos do irmão que se sujavam na terra.

Apareceu uma crise de ternura e Antão comentou:

– Meu irmãozinho, não fique zangado. Você é bom. Você está com oitenta e seis anos e já é anjo. Ora, já é anjo desde os oitenta anos. Os outros só atingem isso depois de oitenta e cinco.

Ananias suspirou. Como desejava possuir a idade do irmão e ser santo em sua plenitude. Mas qual. Não por ser ruim e muito mais por ingenuidade...

Fosse porque fosse... Daquele jeito ele nunca chegaria a santo, mesmo que alcançasse os cem anos...

Mas também era bobagem. Ser santo era ser santo. E há cinco anos – no conceito de eternidade explicado por Antão – a idade não tinha tempo. E sentia que realmente não tinham envelhecido. Nem Antão na sua santidade, nem ele na graça de anjo.

Suas mãos expressivas e transparentes suspenderam o queixo do irmão e apararam um pouco a barba ainda mais loura.

– A minha cresceu mais.

– É engano, a minha é mais cacheada e se enrosca nas pontas.

– A gente pode medir.

– E mesmo que fosse, que importância teria?

– Você sempre briga comigo.

– Não é brigar. Você sempre faz pouco caso da minha barba, dizendo que ela é loura demais.

Riram e Antão acariciou a mão do irmão.

– Você sempre criança.

Depois chegou a vez de Ananias, e Antão foi devagar cortando o cabelo dele.

Seus cabelos não se sujavam tanto no chão, porque eram mais escuros.

...

De noite, Antão acendeu uma vela bem enorme. A sala se clareou. Sentou-se numa cadeira de fundo esburacado, mas muito boa para pensar. A luz banhou em cheio os olhos meio tristes do anjo que se sentara numa cadeira mais velha ainda e

ficou analisando mais uma vez o interior da sala. Vendo a confusão das sombras que cresciam e diminuíam, conforme o balanço da chama.

Pouca coisa morava na sala. Uma cômoda com velas de todos os tamanhos e na parede o relógio, redondo e comido de cupim, parecia um velho queijo preto. Mostrava um resto de dourado no pêndulo parado e inútil. Sua impressionante mudez completa e... bastava dar um pouco de corda para que ele revivesse, trabalhasse e cantasse a música da sua monotonia.

Relembrou quantas vezes pedira ao irmão para fazer aquilo. Pelo menos na noite de hoje. Mas a noite de hoje fora proibida de lembrar qualquer coisa.

Não obstante a sala se impregnava de recordações, estava repleta de fantasmas. A sala tinha vida naquele vazio todo. Na mudez dos móveis e vestição de sombras.

Não conseguiu afastar para longe que hoje era o dia de Natal. As casas dos vizinhos pareciam ter morrido de silêncio. As casas dos vizinhos mais próximos se escondiam na noite apagada de todo. Todo mundo tinha saído.

Dia de presepe. Noite de Missa do Galo. Ninguém mandava ruído para demonstrar cordialidade. Lá fora só o abandono da noite quente de verão. O cheiro do capim ressecado. Estrelas fazendo figuras no céu. Talvez a Ursa Maior, na certa o Cruzeiro do Sul e provavelmente Escorpião. Ananias não sabia mais e, se tanto sabia, o culpado fora o Padre Roquete, que ensinara apontando o dedo para o céu. E ele com medo de que nascesse verruga no nariz do padre, e nunca que nascia. Só se nasceu depois.

Antão pensava calmo. E no que estaria pensando? Mal e mal os seus dedos percorriam o pelo de Raça Dura no seu colo.

Ananias voltou a fixar o relógio. Seus olhos se pregaram nos ponteiros e teve quase a impressão de que o relógio revivia. O seu áspero tic-tac quase chegava aos seus ouvidos, tal era a

vontade de que o seu somido quebrasse a dureza daquele abandono...

Um foguete estourou ao longe, dando um pequeno grito para o céu. Ananias estremeceu.

O relógio parado. O relógio parado. O relógio parado. A noite quieta e Antão pensando. A noite quieta e Antão pensando. A noite quieta e Antão pensando...

Outro foguete estourou mais forte.

Levantou-se e se postou olhando a noite.

Outro foguete ainda.

O relógio parado, a noite quieta e Antão pensando. E nem sentia vontade de cantar uma canção bonita. Falou devagar, quase para ele mesmo, para o pequenino mundo do seu abandono.

– Dia de festa. Missa do Galo. De Papai Noel. Dia de presepe...

Antão se virou ternamente e observou as costas do anjo. Sabia que por pouco mais as lágrimas estourariam no silêncio. Sentiu pena da imperfeição do irmão e da sua infantilidade.

– Ananias, venha cá.

Tornou a virar-se e fungou grande.

– Puxe sua cadeira para perto da minha.

Ananias engoliu um pouco de lágrimas e limpou os olhos.

– Eu vou falar com você, quer?

Engoliu menos lágrimas. Sentou-se perto.

– De que você quer que eu fale?

O anjo pensou, pensou e nada disse.

– Quer que eu conte uma história para você?

Ananias riu e disse que sim.

– Conto o quê?

– Conte de quando eu era pequenininho.

– Você uma vez foi muito pequenininho.

– Só? Só isso? É pouco, diga mais...

Antão foi contando assim, não da maneira de era uma vez, mas do modo da ternura que passeia pela rua do mais ou menos:

– Quando você era pequenininho, era um nenê lindo. Tão gordo que fazia pulseirinha nos pulsos. Um nenê que ria por tudo. Eu sempre peguei você no colo. Vi você crescer. Na verdade foi o irmão de que eu mais gostei...

Ananias ouvia enlevado, porque aquilo era muito bonito mesmo. Possuía canções largas de infância, doçura de berço morno, uma ligação de amizade.

Antão falou mais um bocado e passou o braço nos ombros do irmão.

– Meu irmãozinho.

Ananias escorregou mansamente a cabeça no colo de Antão. Seus dedos ficaram acariciando os seus cabelos por muito tempo. Os olhos de Ananias se fechavam e se abriam. Ananias olhava o relógio parado, sentia a noite quieta e Antão pensando, mas, dessa vez, acarinhando sua cabeça. Não tinha nem vontade de cantar, mesmo que soubesse todas as canções bonitas da vida. O sono começava a se enroscar nas pestanas e a vela caminhava para bem longe. O balanço das chamas confundia o branco das paredes manchadas. Fechou de vez as pálpebras no acalanto do sono feliz.

Capítulo Segundo

A Paz do Senhor

OH! O MISTÉRIO de todas as coisas. O mistério da igreja. O mistério do Natal. O mistério da Missa do Galo. O mistério do povo acreditando em tudo e espiando a beleza da igreja enfeitada de velas enormes e onde os altares exibiam um planejamento novo de brocados, onde se distinguiam os desenhos bordados a sangue para dar mais alegria naquela noite.

A igreja desde as dez horas fora se enchendo de multidão. Meia-noite não era ainda chegada quando não havia lugar nem mesmo fora das portas. Sim, porque o verão fez com que se abrissem até as portas laterais.

Todo o subúrbio desaguara ali. O mais interessante de se ver aparecia na divisão da igreja feita pelos grupos de cada rua. Para isso se chegava cedo.

Seu Polydoro ficava de pé ao lado de seu Abrahão, sentado e se abanando. O terno de seu Polydoro era mais branco que cor de hóstia. Tão engomado que estalava a qualquer movimento. Estava de gravata borboleta e em vez do livro de missa segurava elegantemente o chapéu de palha. Seu Abrahão se enxugava com um lenço de riscadinho e deixava escapar a barriga quase atingindo os joelhos. A calça meio soronha libertava um pedaço de meia azulada e um pouco da batata gorda das pernas. As botinas de elástico foram engraxadas, mas a poeira das ruas

descalças empanava o seu brilho. Era o dia do ano que conseguia trazer seu Abraão e sua bondade para fora do seu pequeno sítio.

Seu Antoninho Verdureiro dava verdadeiros cochilos. Os olhos não aguentavam o brilho balançante das velas. Era preciso que Taninha cutucasse ele de vez em quando e falasse ao seu ouvido discretamente: “Acorde, porqueira! Tu veio aqui pra dá vexame?”. Quiterinha ficava verde de vergonha com a atitude da mãe e rezava verdemente, porque ela era toda desengonçada, magra, feia, esquisita e triste. Sua pele esverdeada combinava com o cabelo preso em coque de um tom castanho e ainda por cima liso. Até o seu vestido nessa noite era verde. Parecia que seu Antoninho Verdureiro tinha trazido por engano um feixe de cheiro-verde.

Dona Cordélia estava vidrada. Olhava os santos e julgava cada um mais lindo que o outro. Verdade que desviava a vista da imagem de São Sebastião todo flechado, porque senão começaria a se sentir no lugar dele, toda martirizada, sofrida e dolorida. O coração era até capaz de repetir sua frase costumeira: “Que coisa!...”.

Dorinha aparecia porque era da igreja. Cantava no coro aos domingos com sua voz esganiçada. Mas a verdade verdadeira era que achava o Natal menos bonito do que a Semana Santa. Aí, sim, vinha de Verônica, de cabelos soltos, mais viva e importante do que o Salvador.

Rosinea, de cabelo espichado e bancando pose de letrada, sentada sem respirar quase, porque a cintura se achava estrangulada por um cinto de couro largo. Tão apertado que por pouco não separava o tórax das cadeiras. Rosinea sabia que atrás Dona Maria José e Dona Bárbara estavam pensando nas suas costas: “Neguinha besta, taí. Pensa que é a mulher mais fina e mais elegante da rua. A culpa foi da Princesa...”.

Na verdade, na verdade, elas estavam pensando isso e muito mais. Mas o pensamento foi interrompido, porque o povo se afastava, dando passagem para as três Marias. Aí Dona Bárbara cutucou Dona Maria José. E todos os olhares viraram-se para as três. Até os santos dos altares se debruçaram um pouco para espiar.

As três Marias. Santinhas do pau oco. Bruacas, sim. Virgens sem homens. Aquelas danadas, verdadeiras pestes futriqueiras, iriam para o céu no barco da virgindade. Nem minhoca estaria disposta a fazer a caridade.

Maria da Penha, Maria Elisa e Maria Ofélia. Iguais em tudo. Magras, amarelas, ossudas. Da mesma altura. Legítimas tábuas de passar roupas; verdadeiras bruxas sem vassouras. O vestido de uma era igual ao da outra. Elas deviam se vestir sem briga, porque toda a moda era igual. Na certa trocariam os vestidos, sem se zangar e se aperceber. Estavam de branco, de sapatos brancos. Tudo era branco fedendo a virgindade. A brancura se perdia ou não se completava, porque na mão esquerda elas traziam um livro e um terço pretos. E no peito, a fita azul de filhas de Maria. Outra coisa também destoava do normal. Cada uma trazia um pacotinho de presente embrulhado em papel de seda: AZUL.

O pensamento era geral. O pacotinho, na certa, era presente para o Padre Santa Helena. Não fossem elas da ordem da chaleira.

Mas na verdade as três Marias nem ligavam. Ajoelharam-se ao mesmo tempo, ao mesmo tempo se benzeram e ao mesmo tempo ritmaram os lábios na mesma oração.

Parecendo adivinhar o mal-estar causado, o harmônio da igreja soltou os primeiros sons roufenhos e lá veio o coro com a cantoria.

Sinal de que a missa ia começar. E como ia começar, começou mesmo. Padre Santa Helena veio da sacristia devagar,

imensamente gordo, vermelho de calor, afogado nas vestes amontoadas e brilhantes, rodeado de dois coroinhas.

Aí Vovó Sinhazinha apertou suavemente o braço de Pedrinho, como se dissesse: Olhe que bonito os coroinhas! Mas Pedrinho não achava nada bonito aquilo. Sabia que o sonho da velha era vê-lo daquele jeito, vestido de mulherzinha, de blusa branca e saia vermelha. Não, aquilo não era para ele. Nunca. Preferia subir em árvores, brigar na rua, pegar passarinho e conversar safadezas, em vez de estar ali rodeando o padre e balançando a sineta...

– *Introibo ad altare Dei...*

E quando chegou no evangelho, Padre Santa Helena, mais vermelho ainda, mais redondo, com as mãozinhas balofas, suando em bicas a ponto de empastar os cabelos ralos e avermelhados na testa, falou bonito.

Falou do significado da data. Da beleza e do valor do nascimento de Cristo. Do amor que deveria ser implantado no coração dos homens etc. Sapecou uns termos de latim para impressionar desde *Gloria in Excelsis Deo* até *Sic transit Gloria Mundi*.

Terminou abrindo os braços, como se quisesse estreitar entre eles o coração de todos os fiéis dizendo lindamente: “A Paz do Senhor se encontra em cada um de nós em qualquer parte...”.

Foi tão lindo que se se pudesse bater palmas a igreja teria vindo abaixo.

Terminada a missa, as três Marias permaneceram ainda em êxtase. Ressoava em seus vestidos, no ouvido do coração, a maravilhosa prédica.

A igreja começou a esvaziar-se enquanto os coroinhas retornaram para apagar as velas dos altares.

Dona Bárbara e Dona Maria José queriam ver o resto.

As três Marias se ergueram e ao mesmo tempo alisaram os vestidos. Seguraram o livro, o véu e o presente entre as mãos

cruzadas no peito e se encaminharam para a sacristia.

...

Esperaram um momento até que o Padre Santa Helena retirasse toda a roupagem litúrgica e entraram. Nem deram tempo de o padre cansado se sentar no banco e acabar de limpar o suor do rosto. Ache­garam-se em fila indiana e beijaram a mão salgada, suada do reverendo.

– Um presentinho para o senhor. Uma humilde lembrancinha.

– Ora, minhas filhas, não era preciso se incomodar.

– Não repare, que é de coração.

– Vamos sentar um pouco que o dia foi terrível.

Ofereceu o banco e elas se sentaram empertigadas.

– Realmente esses dias de festa são estafantes. Com esse pé. Com essa gota, só Deus sabe o que penei. Ainda por cima o calor de rachar. E foi um tal de visitar o sanatório dos tuberculosos, os presidiários, um tal de batizar e confessar sem ter fim. Um tal de benzer túmulos e velhos mortos amigos da família... Uff!...

– Isso é verdade – comentou o trio ao mesmo tempo. – Só um santo como o senhor suportaria tanto...

Fizeram uma pausa. Dona Maria Ofélia, como a mais velha, se transformava sempre em oradora das três. Arriscou:

– Foi por isso que não aceitou o nosso convitezinho, não foi?

– Teria sido um prazer, mas já expliquei... não seria possível mesmo.

– Que pena! Fizemos uma reuniãozinha muito bonitinha. Um chá com bolinhos e salgados. As mães-bentas e as brevidades estavam uma delícia.

Padre Santa Helena muniu-se de paciência, porque aquilo ia demorar. Enquanto elas não atingissem o alvo, não parariam; mas a verdade mesmo era a vontade de ir para casa, tirar os

sapatos, livrar-se daquela batina quente, suada, ardida e incômoda. Tomar um belo banho frio de chuveiro e esticar-se na cama, talvez mordiscando uma rabanada sumarenta que a empregada deveria ter feito.

– Reunimos muita gente amiga e de bom caráter para discutirmos os problemas. E se o senhor não se zanga, a conclusão foi a mesma de sempre.

Suspirou quase se lamentando em voz alta.

– Que conclusão, minhas filhas?

– Que o senhor, com a polícia, deveriam providenciar a ida daqueles homens para o hospício da Praia Vermelha ou de Jacarepaguá.

– Mas por quê?

– Por quê? Mas, Padre Santa Helena, aqueles homens estão desmoralizando a igreja. Precisam ser internados.

– Que mal fizeram aquelas criaturas?

– O senhor acha pouco?

Lembrou-se do seu sermão na missa. Da inutilidade de ter falado no amor e da paz na terra entre os homens de boa vontade.

– Estão desrespeitando a Madre Igreja. Estão desmoralizando a nossa igreja e, idiotamente, abalando o prestígio do senhor, Padre Santa Helena.

– Que mal praticam os homens? Nada. Só distribuem bondade, ao que me consta. Estão quietos no seu canto sem provocar ninguém...

– Padre Santa Helena, até milagres eles deram para fazer. MILAGRES!...

– Ora, nada foi provado. Nada.

– Diga isso para o povo daquela rua e eles são capazes até de matar.

– Não posso fazer nada.

– O senhor precisa fazer, padre. Corremos o risco. Nossa fé, nossas famílias, nossas casas, nossas vidas podem ser trucidadas pelo fanatismo que começa a invadir também as outras ruas...

Coçou a cabeça desanimado e sentindo que a paciência poderia a qualquer momento estourar. Por mais que quisesse não achava motivo forte e justo que obrigasse a saída dos dois homens daquela rua. Que mal poderiam fazer? Pelo que soubera, eles apenas distribuía simploriamente bondade e ternura. Davam aulas e serviam às vezes de enfermeiros para os mais desprotegidos da sorte. Não queria nem deveria julgar ninguém. Aquelas mulheres, fazia meses, os perseguiram e nem sequer poderiam esquecer a noite de Natal. Deus do céu!...

Levantou os olhos súplices para as três Marias.

– Não poderei tomar uma decisão definitiva. Vamos esperar. O mais que posso fazer é falar, indo à cidade, com a família dos dois homens e...

– E?...

– Então se a família decidir levá-los. Se a família não os forçar...

Nem sabia mais como argumentar. Já agora queria apenas chegar em casa, aliviar a gota, jogar-se na cama e nem pensar em rabanadas...

– Pois bem, se a família os vier buscar, eu apoiarei a ida deles... Do contrário, não vejo motivo em escorraçar os dois irmãos. Não são eles que irão destruir a verdade da Igreja. Uma verdade que caminha íntegra há dois mil anos.

Levantou-se e foi acompanhado pela decepção das três solteironas.

Juntou os três pacotinhos de presente onde sabia cada um conter quatro lenços. Seu nome, como em cada Natal, viria bordado em letras negras, verdes e azuis.

– Realmente estou muito cansado. E na quinta-feira próxima conversaremos com mais calma.

Tirou o relógio do bolso e viu o adiantado das horas.

– Poderei acompanhá-las até próximo da casa das senhoras.

Saíram em silêncio. A gordura do Padre Santa Helena caminhava devagar. Respirava mais aliviado o cheiro da noite.

Do adro da igreja na escuridão, Dona Bárbara e Dona Maria José se postaram para espiar a passagem.

E o padre caminhava ao lado das três, que ritmavam o passo no caminhar virginal e branco.

Dona Maria José não se conteve.

– Como se aquelas figuras tristes precisassem de acompanhamento. Nem lobisomem se arriscava a chegar perto daqueles trastes. Isso eu aposto até minha vida...

Depois, em silêncio, retornaram à sua rua. A rua pobre e descalçada que no verão levantava sempre a poeira, a poeira do desconforto.

Capítulo Terceiro

A manhã daquela rua

DIZIAM, isso diziam, que Dona Maria José tinha hálito de jacaré. Por ela, Ananias sabia de todas as histórias trágicas que vendem jornal. Estava o dia inteiro enferrujando as mãos no tanque. Só dava uma folga quando a preta Bangu pedia um pouco o tanque da rua emprestado. Mas enquanto Bangu não chegava, lá ia ela com um pano no cabelo, se sacudindo toda, passando os vincos do rosto a sol, com os seios grandes, mais ou menos polimorfos e quase líquidos, lembrando balões vazios ou garrações de vinho.

E assim mergulhando em montes de espuma, com a saia arregaçada deixando à vista as pernas finas e arqueadas, limpava o cocô das fraldas dos meninos, clareando marrons das cuecas e o amarelo do pijama do farmacêutico.

Do outro lado do valão, Dona Cordélia, também utilizando o seu tanque, ficava esperando o momento de Dona Maria José contar o pedaço da radionovela da Nacional, que perdia sempre porque o marido e os filhos não davam tempo de nada. E mesmo que quisesse, a verdade escondia que ela não possuía aparelho de rádio.

Foi quando Dona Maria José resolveu não contar ainda o capítulo da radionovela e sim outra coisa que a impressionara muito.

– Foi sim. Deu dezessete facada nela. Imagine que monstro, Dona Cordélia. E ela não tinha nada com o tal do Francisquinho.

Era uma santa. Ele, Marcolino Mendonça, que já tinha sido cabo de puliça, portanto otoridade, devendo de dar o exemplo, foi lá na hora e pronto... Cringue-cringue-cringue. O sangue tingiu o chão. Ela, Mariazinha, tinha jurado de pé junto que não tinha nada... nad... na... n... e o demonho não acreditou, puxou a faca, enfiou a faca, puxou a faca, enfiou a faca. Ela, tão linda no retrato do jornal. Ele, com aquela cara de assassino papa-figo. Cordeiro conhecia ela.

Cordeiro, o marido de Dona Maria José, conhecia todo mundo. Dona Cordélia, que não sabia ler e que, quando tinha tempo via figura de revistas, ficava excitadíssima do outro lado do valão enfiando as mãos no tanque; espremia a roupa com força, espremia estranguladoramente o sabão, como se defendesse todas as mulheres assassinadas, injuriadas, violentadas. Só tinha tempo de dizer antes que o suor corresse frio pela espinha: que coisa, mas não é?

Ananias não lia jornal, mas se deitava na sombra, ao lado de Sulamita, grudando-se em Tricolinete, espiando o capinzal queimado, sem querer apanhar o sol, mas doido para escutar tudo. Isso, quando era dia de folga. Uma manhã, Antão dava aula para os filhos de Dona Bárbara e outros meninos que apareciam e, na outra, era ele. Porém, Antão estava ficando santo demais. Começara aos poucos a empurrar tudo para cima dele e enfiar-se no mundo estranho dos seus pensamentos. Muitas vezes, Antão o descobria naquela posição e o botava para dentro, só mandando com os olhos.

Porque fora pensar naquilo. Seus ouvidos habituados descobriram o som dos passos de Antão do outro lado da casa. Esqueceu-se de que era um anjo de 86 anos e correu pressuroso para o lado contrário. Viu que o irmão caminhava lentamente para o portão. Na certa o procurava para ver se ele se encontrava brincando com a criançada.

Ananias olhou o portão e se postou mansamente ao lado de Antão. Os dois espiavam o avançar da luz.

A rua branca do subúrbio se perdia igual, indiferente, imutável. Todas as casinhas se projetavam dentro de uma cerca de crótons ou outro arbusto semelhante. Os pés de jamelão eram quase infalíveis em cada quintal. Os de tamarindos, apesar de muitos, apesar de grandes e velhos, rareavam mais.

Gente passava levando marmitas em direção à fábrica. Os homens da pedreira se encaminhavam para o Murundu.

O peixeiro aparecia perto com o cesto na cabeça e uma porção de gatos fazendo miau atrás. Parava e os gatos paravam. Andava e os gatos repetiam o miau.

Mulheres malvestidas, despenteadas coçando a cabeça, dando cafuné nos piolhos, vinham olhar a rua e gritar por qualquer coisa. Ou chamar um filho ou brigar com as vizinhas. Meninos barrigudos com o pipiu de fora, remelentos, seguravam nas saias da mãe e olhavam a rua sem compreender ainda o seu significado.

Seu Edmundo passou lento, lento na caminhada igual de todos os dias. Ia comprar o jornal, jogar no bicho e trazer o pão. Essas coisas, essas três coisas, sobretudo o bicho, ele pagava. O resto, não, porque a aposentadoria não chegava pra nada.

Gente fazia grupinhos, se cumprimentava e falava de doenças longes. A Nega Eugênia, que praticava pequenas sessões de macumba, era casada com seu Benedito Carpinteiro, que por sinal era branco, surdo e morfético e ainda fazia linguíça para vender, veio de lá fazendo arrepios nos meninos-remelas. Olhou os santos sem malquerença ou inveja e também não deu bom-dia. Mas eles nem notaram.

O prestamista Jacob tinha que surgir num dia bonito desses. Pois se ele aparecia nos dias feios de chuva, quanto mais hoje. Jacob tinha boca de ouro, riso pregado, calças de listas e paletó de casimira, engraxado de tanto suor. O suor fazia ilhas nas

costas, escorregava pelas pernas, pingava nas botinas e criava grudes de poeira nelas. Batia nos portões e ouvia: hoje não tem. Saía. Batia noutro e: hoje tem. Diminuía mil-réis na conta. Quando essa conta fosse acabando, ele venderia para o São João. Quando a do São João ficasse magra, ele engordava a do Natal. Jacob foi batendo e sumindo.

Também Fiote passou, gordo, grande e vermelho com os olhos inchados contornando espirais na poeira da rua. De noite ele voltaria grande, gordo e mais bêbado, com os olhos mais vermelhos ainda.

Tudo passava no começo do dia. Tudo passava no começo da noite. No meio, então, estagnava. Aquilo era a rua. E quando a rua parava, meninos jogavam bola de meia, bolas de gude, rodavam arcos, levavam surras das mães, soltavam papagaios, lançavam pipas, atiravam marimbaus que muitas vezes erravam o alvo e vinham achatarse na cabeça de um infeliz passante. A rua pertencia a todos. Os fios da Light se enchiam de caveiras de papagaios e arraias. Vinha o carro da Light e fazia um escarcéu dos diabos; retiravam os bambus balouçantes, endireitavam os fios, faziam ameaças, se pegassem o autor, capavam, multavam e etc...

Entretanto, a molecada era coletiva. Ninguém traía ninguém, porque a rua era deles. Aquela confusão de rua, com brinquedos coloridos simples.

Os palavrões sobravam. Surgiam precocemente nas menores idades e chegavam a ser bonitos, tal a ingenuidade da força com que eram ditos.

Uma vez Dona Bárbara agarrou um pelas orelhas e perguntou se sabia o que era filho da... então ela se vestiu de ternura e explicou que ele estava xingando a mãe do outro e que a mãe não tinha culpa de nada. O menino ficou sabendo e xingava agora com mais vontade, porque sabia o que atingia no palavrão. Era muito melhor.

A rua era aquilo. O sol se espojando no verão. Tricolinete fuçando rapidinha alguma poça de lama em volta de algum cano rebentado. A amarela Sulamita, magra, comprida, gata-cauda, dormindo com uma réstia de olho amarelo aparecendo, se esticava no meio da areia. Raça Dura não dava bola para ela e ficava, no máximo, no portão, enquanto Antão permanecia, depois acompanhava-o para pensar e endurecer-se.

A poeira aumentava na rua quando vinha um jogo de bola de borracha, quando vinha carroça, quando vinha a tropa de mulas carregadas em busca do mercado; os burros faziam aquele barulho e deixavam escapar bolotas verdes rolando nos caminhos e atulhando o chão. De tarde o sol teria secado tudo. Carros de rodas de borracha, só o da Light. Mais raro, o doutor no carro dele. Uma vez a cada século a assistência plequeteava o sino. Aí a rua se alvoroçava em peso e todo mundo corria para saber. Dona Maria José abandonava o tanque e chegava ao destino antes da assistência. Adivinhava o local por instinto e servia na certa de mestre de cerimônias para o estudante de medicina e dava uma mãozinha para os enfermeiros. Os portões se apinhavam de gente querendo saber o que era o que não era. A molecada disparava atrás da assistência, cujo sininho fazia piedosamente pelec-pelec.

A linguagem da curiosidade ligava a rua e o que foi e o que não foi habitava os olhares ansiosos. Os boatos surgiam e se apagavam como luz de farol. Já Dona Cordélia se sentiria doente espiritualmente e lavaria a roupa devagar, suavemente, como se fosse feita da fragilidade da espuma do sabão...

Agora não havia ninguém doente. A rua vivia a manhã calma. Os meninos voltariam a reinar. Estragariam novamente os fios da Light e pintariam o céu de quadradinhos de todas as cores, quadradinhos que ondulariam no vento. O peixeiro gritando, sem a sua sombra, que os gatos comiam desapareceria ao longe.

A areia branca, as cercas mais verdes com a luz do sol. Rosinea de cabelos esticados saiu atrasada. Andou apressada com o cinto estrangulando a cintura como sempre. Bateu o portão, deu bom-dia para os santos e lá se foi equilibrando a caixa do violino.

Pedrinho saiu em busca dos caminhos dos espinheiros com a gaiola e o alçapão. Pegava coleiros para vender na feira.

Ananias sentiu uma tristeza nos olhos vendo o menino se afastar. Pronto, ele não ia à aula hoje, e sem Pedrinho a aula não tinha encantamento. Conhecia Pedrinho desde pequenininho. Pedrinho fora uma criança tão fortinha, que fazia pulseirinha nos braços... também. Lá ia ele se afastando, vivo como a doçura da manhã. Levado, mas sem infância ruim... A rua era aquilo tudo...

Capítulo Quarto

O Gurufim

CURANDO TUDO que se podia curar, Antão não recebia dinheiro. Para Ananias, por mais que se esforçasse, nunca aparecia uma maneira de realizar qualquer grande milagre. Também não passava de um modesto anjo e que tinha sido pequenininho. Consolava-se pensando assim.

Mas Antão não curou seu Antoninho Verdureiro. Noite bem madura e apenas duas velas acendendo o ambiente onde o relógio morto predominava.

Antão, armado de Raça Dura no colo, como sempre, pensava. Bateram com os nós dos dedos na porta. Primeiro de leve, depois nervosamente. Logo, logo a voz de Dona Maria José anunciou angústia.

Ananias pulou célere de dentro do quarto.

– Seu Antão, seu Ananias!...

Antão abriu a tramela e deu com os olhos arregalados da mulher saltando pelo rosto pálido onde os cabelos desganhados davam um colorido ainda mais trágico às suas feições.

– Entre.

Entrou, trêmula. Balbuciou.

– Venha, seu Antão. Logo. Seu Antoninho, lá...

– Mas o que aconteceu?

– Ninguém sabe muito. Deu um trubufe nele lá e ele se pastifou no chão.

– Mas no dia de Natal ainda falei com ele. Estava bem. Contente.

– É porque o senhor não viu ele na missa do galo. Já estava com mostras de esquisitice. Agora o médico já foi chamado e até o padre. A família é meio heréfica, mas nessa hora de juntar os nó cum Deus, a coisa destroca toda.

Se meteram pra lá, atravessando o escuro da noite, as ruas cheias de capinzal, pernilongo e pobreza de prefeitura. Entraram na casa e cumprimentaram a todos respeitosamente.

Padre Santa Helena, ainda esbaforido pela pressa, acabara de dar extrema-unção. Fitou os dois homens tão pobres e tão humildes que falavam com tanta doçura. Falavam baixinho, ao contrário das três Marias, tão esganiçadas e chatas e achatadas. Que mal poderiam fazer aquelas pobres criaturas? Mas haveria uma hora, tamanha a pressão que lhe faziam, que seria forçado a tomar uma atitude. Naturalmente tinham vindo ali por um ato de solidariedade humana. Porque não haveria milagre que salvasse aquele homem morto. Milagre era no tempo de Nosso Senhor Jesus Cristo. E isso já ia bem longe, dobrando a esquina dos séculos.

Olhou mais os homens e eles inocentemente retribuíram o seu olhar com o sorriso mais suave que se pudesse imaginar. Ia ser duro ter que agir. Preferia não julgar e antes de retirar-se fez uma promessa dentro do seu coração de que cada noite antes de dormir e na missa rezaria a Deus por aqueles homens, certamente ignorantes de tudo quanto se fazia contra as suas pessoas.

Espalharam-se os visitantes para que passassem e olharam com respeito os santos, medo no olhar até.

A casinha tinha luz de eletricidade que doía nos olhos.

Dona Maria José já penetrara no quarto para fazer a reportagem. No dia seguinte, jacaré, que só come coisa podre e tem bafo trágico, se criava na voz dela, detalhando para Dona

Cordélia. Tinha morte, velório, facada, enforcamento, estava ela no posto. Mesmo quando não via jornal, não sabia de crimes, de nascimentos ruins com cesariana, esbarro de bondes, engavetamentos de trem, viradas de carro, ela ia contar as novelas que ouvira na Rádio Nacional, e só se lembrava de colorir sombriamente aqueles pedaços:

– Sabe, Dona Cordélia? Aí ele viu que o violinista não era filho dela. De quem Paulo é filho? Diga, mulher perjura! Carlota não tinha voz. Ele apertava as mãos no pescoço dela, que era mais macio que seda, palha de seda... – Dava o grito igualzinho ao de Carlota.

Dona Cordélia sentia-se excitadíssima, colocava-se no lugar de todas as mulheres enforcadas, violentadas, adulteradas, menosprezadas, dava pancada na roupa, no sabão, na água e só conseguia balbuciar: “Que coisa!...”.

Dentro tinha muito povo. Dona Bárbara ajudou a introduzir os dois no quarto. O quarto se enchia mais para ver Antão. Antão entrou e se concentrou nessa hora.

Nem Ananias sabia o que o irmão pensava nesses momentos. Tinha uma prece? Devia ter. Quais seriam as palavras? Ninguém sabia. Pensava, rezava mexendo os lábios docemente, fechando e abrindo os olhos. E seu olhar adquiria um brilho singular, vitorioso, dominador.

O quarto ainda se encheu de mais gente e expectativa. Dona Maria José trepou no arranha-céu de sua curiosidade para não perder nada. E aquele mundaréu junto, se misturando, de humanidade suada, se comprimindo, se promiscuindo, poluía o mau cheiro da câmara da morte. Suor acre de barro pegado, suor de pedreira e enxada. O suor de barro melado e ácido de corpos. De células mortas, calos de mão, precisava ser forte mesmo para dinamizar o transpirar da terra.

Seu Antoninho Verdureiro ainda vivia, mas nada se poderia fazer mais. Nem o médico, nem o padre, nem os santos. Já era

bem tempo. Assim ele descansava de roubar os outros na verdura, na quitanda. Antão pensaria isso? Ananias também? Seu Polydoro, que fazia questão de escrever o nome com ipsilone no meio e apertava a mão do velho português contra a vela, por acaso não seria vítima dos mesmos pensamentos?

Talvez sim, talvez não. O importante era segurar a vela, forçando-a entre os dedos, para que o pobre diabo encontrasse luz na porta que logo teria de transpor. Os olhos se abrindo, se fechando, prendendo o resto de luz como se os fosse aprisionando numa redoma. E escorria a baba viscosa. A boca se escancarando num roncar, mostrando os cacos de dentes escuros, o céu da boca limoso, tudo querendo prender a vida e enxotar a morte. As mãos crispadas contra o branco da vela quase com raiva. Ter de morrer quando agora economizara trinta contos de réis escondidos. E todo mundo sabia disso, estaria no forro do boné? Enterrado na quitanda ou dentro de uma lata no fundo do quintal?

Nem bem desse o prego, iam escavocar tudo. Nem bem ficasse a mesa fria do seu corpo, haveria corrida em todas as direções e cavando e nada encontrando, só minhocas, cacos de garrafas, dinheiro nenhum.

Ananias abanou a cabeça, afastando a ideia. Não. Antão nunca pensaria nisso em sua prece muda. Seria outro o objeto do seu pensar de santo. Com ele, Ananias, ninguém poderia ter certeza...

O frio começou a descer pelos pulsos do português. Dona Bárbara, que tinha prática de apalpar galinhas e praticar ajuda em nascimentos, segurou no pé sebento, não antes sem arranhar o pulso nas unhas compridas do velho. Disse que o frio subia também. Quando os frios se encontrassem, davam um nó e o povo poderia procurar o dinheiro.

Antão abanou a cabeça. Dona Maria José prendeu a suspiração. Dona Bárbara soltou uma lágrima obrigatória que

desceu aos saltos pelas escadas das rugas. A luz da vela foi abafando a respiração do velho e pouco mais os frios se encontraram.

Mais engrossadas as horas, no envelhecer da noite, começou a gurufinar o português. Arranjaram bancos e encheram o quintal, pois a casa já estava estourando de população. Além disso, o seu Antoninho Verdureiro, colocado na mesa com a toalha de um lençol barato, com quatro velas duramente acesas, tinha adquirido, com a morte, uma cara parva, barbada, terrosa, inexpressivamente besta. Estava o desgraçado estupidamente morto, sem jeito, sem deixar saudades, a provocar lembranças ou arrancar suspiros. Nem pena chegava a dar. Nem mesmo a vela, substituída de vez em quando, nova, viçosa, esbanjando luz, conseguia dar um tom além do anedótico naquela cara-pedacinho de canteiro de hortaliças. O quente do verão propalava mais ainda o fedor do apodrecimento, o cheiro de sujo, de mijo. Uma quitanda de micróbios se fragmentando, se devorando, se consumindo. Um horror.

Lá fora tinha estrelas, fazia calor no escuro sem vento. Alguém começou a ideia da vaquinha e a história quase sempre se repetiu. Mais dinheiro para a pinga do que para o café e o pão. Depois do primeiro embalo, se conversava de tudo menos lembrar as grandes qualidades do defunto esquecido, abandonado na companhia da mesma sombra que o perseguira em vida.

Alguns contavam histórias engraçadas até. Palavrão serrava a conversa num desabuso naturalíssimo. Outros, aventuras de caçadas onde as onças eram maiores que um leão e as espingardas faziam verdadeiros milagres de pontaria. Gente até jogava porrinha com palitos de fósforos já usados.

Rosinea chegou, olhou a contragosto, disfarçando mesmo aquela coisa que era o defunto. Tentou se constranger para impressionar se algum presente estivesse de olho nela. Saiu

pressurosamente da sala e foi se postar no meio de Dona Bárbara e Dona Cordélia; e Dona Cordélia não deixava de dizer que coisa. Se bem que com pouca emoção, porque a morte evidente não conseguia ter a grande tragédia que Dona Maria José sabia usar nas contações. Naquele momento exato falavam sobre o morto. E o morto nem parecia aquilo lá dentro. O morto de fora tinha mais vida e significava qualquer coisa.

De repente as três ensaiaram se cutucar ao mesmo tempo e ouviu um entrechoque de cotovelos.

– Espie só a fita da Taninha. Taninha só casou mais ele porque queria dar nome à filha. Sempre falou dele como bacorinho de chiqueiro, como sujo de casinha. Como se o pobre fosse que nem Sapucaia.

– Que coisa, mas não é?

Então no olhar de Dona Cordélia (e estava custando) se passou o sacrifício do holocausto. Era agora todas as pessoas que morreram abandonadas, exploradas, injustiçadas.

Quiterinha se chegou para Taninha, porque “chegara” a hora de dizer qualquer coisa ao seu ouvido. Aí todas as mulheres entrechocaram os cotovelos.

Só Antão permanecia impassível, distanciado, no seu papel de santo, de tudo que se comentava. Mas Ananias, como anjo, olhava tudo. Sapecava uma maliciazinha aqui e outra acolá. Se arrependia um pouco porque aquilo poderia contar no exame de fim de ano da pré-santidade... Melhor observar estrelas, olhar o jogo, escutar as mentiras dos caçadores.

Passou-se um tempinho e Taninha soltou o grito, alto, agudo, impressionante, enchendo a noite de fantasmas apressados... Pôs a mão no coração, revirejou os olhos e tombou penosamente. Correu gente para acudir.

Algumas balançaram a cabeça e se explicaram de maneira cochichosa.

– Não disse que Quiterinha foi avisar que estava chegando a hora?

Levaram Taninha para dentro do quarto e afrouxaram as grossas peças da intimidade. Abanaram que abanaram. Abriam as janelas.

Antão foi chamado. Rezou mudo, falou com o olhar e ela foi melhorando.

Taninha peneirou as lágrimas e foi dizendo:

– Magine, seu Antão. O senhor, que é santo, pode compreender. Ele morreu, ele se passou, e eu que fui tudo na vida para ele. E a minha maior mágoa, seu Antão, foi que ele morreu e nem me disse onde escondeu os trinta contos. Não teve fé nem confiança em mim. Nem fé, nem confiança, nem caridade. O que seremos da gente, meu Deus!...

Rosinea se levantou, ajeitou a blusa na cintura fina e deitou importância.

– Preciso me recolher. Amanhã tenho que sair muito cedo, pegar o maria-fumaça, gramar a viagem em pé por causa da minha aula de violino.

Olhou ainda que disfarçando para dentro e divisou o nariz afilado de seu Antoninho Verdureiro, que continuava duro, estupidamente morto dentro das velas renovadas.

Capítulo Quinto

A ternura do milagre

DEPOIS DA MORTE, gurufim e enterro e garimpagem dos trinta contos (e ninguém achou), a vida se tomou de tal calma que dava para desconfiar.

Ananias ficava cada vez mais admirado com o poder de sublimação do irmão. A vida dele se pontilhara naquela calma. Nos olhos moravam a paz e a bondade de mãos dadas. E tudo que fazia e tudo que não fazia se resumia numa santidade natural. Seus gestos eram completos. O bem praticado se distribuía para quem precisasse. Admitia o mundo como aparecia. As pessoas podiam ser boas ou ruins. Não julgava. Não exigia que ninguém fosse sempre bom, forçando uma situação para ser bom. Tudo precisava ser espontâneo. Sendo espontâneos, os homens eram naturalmente bons ou sinceramente maus. E o bem que só ele sabia distribuir não vinha medido ou escolhido. Esquecer do que fizera e para quem fizera. Seus olhos viviam apenas o momento do milagre com uma força transcendental, incontida. Rezava aquela prece brilhante, incompreensível e retornava ao âmago de sua paz. Esquecido, mas em humildade. Como se nada mais fosse do que uma corrente necessária para transmitir algo de superior. Obedecendo talvez as ordens maiores que lhe eram imputadas. Só aquilo. Nada mais que aquilo.

Depois perdia-se nele mesmo. Bastando-se a si próprio. Desdobrando-se introspectivamente para a sua alma. Vivendo as conversas do seu silêncio. Meditando, exilando-se com os olhos claros na distância dos seus pensamentos, no mistério das horas, no comprido das noites. Sentava-se naquela cadeira. Acendia uma vela, acolhia Raça Dura sobre o colo e, enquanto sua vista viajava, seus dedos desfilavam no pelo do gato.

E o estranho gato viera não se sabia de onde. Aproximara-se um dia de Antão e o fitara pedindo amizade e compreensão. Antão o alisou com o olhar e fez minchinho, minchinho. Então Raça Dura ficou. Sentiu-se mais que natural dentro do aconchego do abandono de Antão.

Foi quando Ananias resolveu interromper o mundo paralisado de Antão, que se revolveu na cadeira de braços.

– Vovó Sinhazinha deixou umas cocadas para você.

Antão apenas de leve sorriu e acenou com a cabeça, como se já tivesse visto as cocadas. A amizade de Vovó Sinhazinha, sobretudo com Antão, começara já fazia mais de dois anos.

– Ela pediu para que eu ralhasse seriamente com Pedrinho. Que o fizesse voltar às aulas na casa de Dona Bárbara.

Novo sorriso e o mesmo silêncio.

– Já fiz de tudo, mas o menino não aprende. Se esquece do que já aconteceu com ele. Já ameacei até. Mas...

Antão apenas balbuciou.

– É assim mesmo.

– Mas não deveria ser assim. Ele abusa porque sabe que a gente o conhece bem novinho. E pra falar a verdade as minhas aulas são mais bem dadas quando ele vem. Agora, não. Deu para se dirigir para o lado do encanamento com aquela gaiola de passarinho...

Como Antão não queria mesmo conversar e, cada vez mais, conforme o tempo passava, se tornava mais mudo e mais arredo. Só parecendo reviver quando aparecia a possibilidade de

um milagre. Ananias sentou-se em sua cadeira um pouco mal-humorado. Logo depois levantou-se resmunguento.

– Hoje você vai me desculpar, mas preciso de outra vela. Pelo menos uma, que afaste um pouco a minha tristeza.

Antão tornou a sorrir e virou a cabeça para o seu lado.

– Pois se o problema é esse, acenda mais uma, ou quantas quiser, meu irmãozinho.

O anjo, satisfeito o desejo, sentou-se, mas imediatamente levantou-se e apagou a vela recém-acendida.

– E agora?

– Eu me enganei. Estava melhor do outro jeito.

Soltou um longo suspiro, que encheu a sala de velhos ecos.

– Não quer pelo menos provar uma cocada da velha?

– Não agora.

– Pois você devia comer um pouco mais. Está tão magro que começa a ficar transparente.

– Minha fome é outra.

E durante o resto da noite nada mais disse e nem lhe foi perguntado. Ananias mordiscava a cocada lentamente. E a cocada foi trazendo uma paz de espírito imensa. Era o doce da ternura que começava a retornar ao seu coração. E sem querer foi-se lembrando de uma história linda, referente a Vovó Sinhazinha.

E daquela vez não era noite e sim um fim de tarde. Um pequeno espaço que liga o entardecer à noite. Pois bem, a velhinha batera à porta dos dois. Nem podia falar. Chorava doído e a fala tropeçava para cair fora da boca.

– É Pedrinho, seu Antão. E eu vim... não tenho dinheiro para lhe pagar... Mas salve meu filho. Salve meu filho, por amor de Deus e do que é mais santo no mundo!...

Os gestos das mãos trôpegas acompanhavam as falas do desespero.

– Venha, Vovó. Entre e fale com calma. Ninguém aqui se incomoda com dinheiro. O que foi? Conte direitinho. Assim.

A velha foi contando misturando a desgraça que surgia com a utilidade do passado. Repetindo a história que Antão e Ananias já conheciam de sobra.

“Apanhara um menino abandonado à sua porta. Um molequinho lindo e branco. Até gordinho, de pulseirinha de gordura em volta das mãos. Criara-o. Dera o de comer e repartira com o seu corpo pedaços de seus molambos. Dera-lhe carinho e um casebre. E o menino correspondeu. Pedrinho possuía boa índole. Enchera o vazio de sua velhice e repartira as ave-marias do seu terço antes do sono. Nos seus planos até via o menino de coroinha e, mais tarde, segurando Deus entre os dedos. Um padre belo e santíssimo. Por enquanto vendia na feira, na estação, gritando pelas ruas a doçura da cocada – puxa de Vovó Sinhazinha. Quem não conhecia o gosto da cocada do norte nascida das mãos brancas da velhinha? E todo mundo comprava. Tinha boa freguesia, mas tudo era ajudado pela voz, pelos olhos, pela face corada, pelo riso despejando infância de Pedrinho... Agora ele estava lá, duro, inanimado, respirando pela boca da morte. Viera carregado. Subira para apanhar ninho de passarinho na goiabeira e, tróquete, o galho quebrara. Está lá, duro, inanimado...”

Tudo se confundia nos olhos de Ananias, que acompanhara para ajudar. A pobreza do casebre. A mesa de toalha remendada. A folhinha Bayer com os números vermelhos e grandes, aprisionados no quadrado dos meses. Os ossos do pau a pique aparecendo onde o barro caíra. A mortiça luz de uma candeia, que parecia baixar mais o teto e ampliar a escuridão do quartinho. A luz da tarde, que morria, se arremessava tão magra e impotente pela janela e nem tinha forças suficientes para ajudar a luz da candeia. Ananias permaneceu na porta do quarto para não estorvar nem atulhar demasiado o ambiente.

O menino jazia duro entre as paredes velhas e o cheiro de pobreza que devastava o ambiente. A moringa no canto sobre um caixote. Uma toalha branca e cerzida tentando ser cortina na janela. A colcha de retalhos cobrindo o corpo da criança. O teto de sapé. A tristeza e a ansiedade das lágrimas de Vovó Sinhazinha. O seu medo de ficar só na velhice. De possuir sozinha o tudo que dividira com felicidade.

– Cure, seu Antão. É que nem meu filho. Só tenho ele e o resto da vida que vai me sobrar. Olhe, seu Antão!...

E a dureza do menino não respondia, calava.

– Por São João Batista, cure ele. Prometi que ia na procissão de São Sebastião. Prometi um ano de rosários para as almas do purgatório. Ai, meu São João. Meu São Joãozinho do carneirinho no colo. Olhe que ele é meu filho e eu prometo soltar um foguete na sua véspera. Prometo...

E o menino continuava imóvel por mais promessas que Vovó Sinhazinha pudesse imaginar. Antão colocou a mão na boca da velha e falou com uma bondade imensa.

– Não faça promessas. Ele fica bom. Quietinha, Vovó.

Ajoelhou as pernas magras no chão duro. Descobriu o peito da criança expulsando a colcha de retalhos. Trouxe a vela para perto dos seus olhos fechados e fixou aquela vida quase morta, por um segundo. O rosto do santo se enrijeceu. Seus olhos criaram um brilho magnífico. O peito do menino arfou devagarinho. As lágrimas se estagnaram nos olhos da velha.

Ainda ajoelhado, molhou um trapo de lenço na boca da moringa e começou a friccionar a testa de Pedrinho. Sua voz veio saindo e nunca houve voz mais doce.

– Acorde, meu filho. Acorde, abra os olhos devagarinho. Você é tão lindo para a vida e a vida vai ser linda para você. Acorde. Abra os olhos. Assim, filhinho...

O menino respirou forte e tossiu levemente. Respirou mais forte ainda. A cama de taquara rangeu. O rosto revolveu-se no

travesseiro. Os olhos se entreabriram curiosos, como se vissem a vida pela primeira vez. Olhou em volta e sorriu e foi fechando os olhos novamente e tudo devagar...

– Agora, você vai dormir de novo. Amanhã acordará bom. O sono da noite será tão lindo como a vida que caminha para você.

Passou os dedos quase roçando os olhos fechados de Pedrinho. Abaixou-se e segredou ao seu ouvido:

– Amanhã você poderá ver o que de belo existe na vida, sim? Vai ver as cores da rua, vender as cocadas de Vovó e... apanhar passarinhos pela rua.

A velha não falava. Custava a acreditar no que vira. Antão puxou-a para fora do quarto e abraçou a velha, que queria agradecer e nem podia.

– Até logo, Vovó. Não se esqueça que prometeu um foguete para São João e São João vai cobrar. Ele gosta de barulho e estouro. Até breve.

Ananias voltou e viu que a cabeça do irmão pendia sonolentemente e sentiu um bem-querer enorme. E continuou a se lembrar do resto da história que não terminara e nem poderia nunca esquecer.

Vovó Sinhazinha cumprira e ainda cumpria as promessas que fizera. As maiores, como o rosário pelas almas do purgatório, ainda iam durar tempão. Mas quando veio chegando o São João... Deus do céu! Quando chegou a véspera de São João... Me ajuda, Nossa Senhora do meu Murundu!... Ai, meu São Jesus!... O MEDO surgiu em letras maiúsculas. Aquele medo que tinha de foguetes.

Mastigou a resolução demoradamente. Dirigiu-se até a barraquinha de Mané Fogueteiro, desembulhou os níqueis do lenço. Mirou os fogos na prateleira. Sua vista tremeu mais do que suas pernas. Os foguetes encostados na parede tomavam verdadeiras proporções de monstros. Eram enormes, grandes, tão grandes como o seu pavor. Olhou sem saber o que fazer para

o rosto de Mané Fogueteiro. Fala que é bom não saía, não. O seu velho indicador, crestado, enrugado, teimava em não se erguer da mão, que, por seu turno, pesava como chumbo. E a promessa? Tinha de cumprir. E Pedrinho morto na cama? Precisava cumprir. Valei-me, meu São João do carneirinho no ombro! O medo era tanto que trocava o lugar do carneirinho no santo. A custo, balbuciou: “Foguete!...”.

– Foguete, Vovó Sinhazinha? Então vai ter festa no rancho? É? – A angústia proibia-lhe que dissesse: promessa.

– Quantos, Vovó?

Continuava ainda apatetada. Os foguetes cresciam mais. Logo, logo varariam o teto.

– Um? Dois?

Conseguiu vencer um pequeno buraco no seu medo.

– Promessa.

– Então leve dois, Vovó. Se falhar um, tem outro.

Dois? Era necessário levar dois? Um já se tornava um pesadelo: E se falhasse um, São João haveria de querer o outro.

Mané Fogueteiro tinha razão. Abanou a cabeça, concordando.

O fogueteiro colocou os foguetes majestosos sobre o balcão, recebendo o dinheiro. Foi preciso que os colocasse apertados nas mãos trêmulas de Vovó Sinhazinha.

– Não tenha medo. Eles só estouram se tocar fogo aqui.

Ela se foi, pequenina, medrosa, cobrindo a cabeça dos foguetes, o lugar do perigo, imaginando milhares de maneiras impossíveis de que eles pudessem estourar. Olhando temerosa os moleques que passavam, dos lugares onde podiam soltar uma bomba, se afastando das fogueiras da rua, mesmo estando elas ainda apagadas. As flechas se arrastavam no chão, riscando a rua. A casa nunca que chegava. A distância parecia ter se aumentado, porque os seus pés viraram pesos de balança...

De noite ela foi chorando à casa dos santos.

– Outra queda, Vovó?

Nem responder pôde. A lembrança da obrigação de soltar o foguete prometido estourou os receios que economizara da sua casa à casa de Antão.

– O foguete... A promessa...

Antão logo compreendeu.

– Tanto medo assim, Vovó?

– Ai que eu morro! Mas preciso cumprir.

– Irei com a senhora.

Chamou Ananias.

– Vamos dar um pulinho até lá.

E vieram atravessando a rua. A noite estava começando também a sair de casa soltando estrelas que não eram de São João. Os primeiros balões cruzavam os céus.

Defronte de cada porta uma fogueira mirrada já acesa.

– Boa noite, seu Antão.

– Boa noite, seu Ananias. Não quer uma batata assada? Tome um gole de caldo de cana.

A rua se transformara em festa de gritos, de bombas e traques, de rostos afogueados. O riso se transmitia simples em cada face. E o começo da vida, a roda da infância, brincando em cada olhar.

Chegaram. Vovó Sinhazinha foi explicando:

– Mandeí Pedrinho ir brincar. Não queria que ele visse que eu tinha medo de soltar o foguete.

Entraram. Escondidos no quarto, os dois soberbos foguetes se apoiavam na parede com as cabeças escondidas num pano velho.

– Lá.

E foi tudo quanto pôde pronunciar.

Ananias apanhou os fogos, trazendo-os para fora.

As lágrimas começaram a deslizar pelo rosto emurchecido da velhinha. Um tremor acompanhado de um porejar frio sacudia, invadia seus membros cansados de emoção. “Não! Antes morrer.

Não podia. Estava para desistir. Meu São João. Era demasiado. Aquilo foi num momento de agonia.”

Mas reviu o menino duro, sem respirar quase. São João podia aborrecer-se e tudo acontecer de novo.

Antão sorria com calma para a velha.

– Não é nada, Vovó. A gente encosta a brasa no estopim, ela queimando faz chabum e dá o arranco da subida. Vovó larga as mãos e ele vai buscar o céu, pagando a sua promessa para São João.

Ela tremia e não arredava os pés.

– Vá buscar a brasa na cozinha, Ananias.

E a brasa veio.

O medo e as lágrimas aumentando. Quase pânico.

– Vamos, Vovó. É tão simples. Vai ser a promessa mais bonita de São João.

Ela não se decidia. Pensava mil coisas. E se não subisse? E se tomasse a direção errada e incendiasse o sapé do rancho? Vinha um incêndio e pronto. Podia também cair em outra casa de sapé e ela seria presa na certa. Queria correr, fugir, rezar... Mas logo divisava Pedrinho, morto, paralisado...

– Eu pego na sua mão. Veja. Não há que temer.

Tentou fechar os olhos e quase não conseguiu devido a tanto choro. Entregou as mãos endurecidas de pavor. Antão enrodilhou os seus dedos contra a flecha. Uma mão mais baixa e a outra mais para cima.

– Vai ser um instante, Vovó.

Não abria os olhos. Agora as lágrimas pregavam as suas pálpebras grudadamente. Naquele instante todo o medo da sua vida se juntava. Toda a angústia de uma vida simples e sacrificada, coalhada de medinhos, covardias que se misturavam com lutas, tristezas e vitórias. O coração cansado de pequenas e grandes dores. O coração batendo tanto tempo, sem parar,

amedrontado com os ruídos do progresso, com o medo do trem, do avião, do eclipse, da morte, estava parando de susto...

– Abra os olhos, Vovó.

Suspendeu a mão direita da velha contra a sua que segurava a brasa.

– Agora.

Encostou fogo ao estopim, veio o chiado, o chiado foi crescendo, crescendo, crescendo. Suas pernas bambearam, mas Antão apoiava o seu corpo. Sua alma morria, sua coragem desmaiava. E o chiado, cresceu mais, cresceu mais... Um arranco e o foguete foi procurar a alma da noite cheia de estrelas. Foi aproximar-se dos balões.

Subiu... Subiu... Subiu... até que, totalmente livre, estourou em lágrimas coloridas. Vovó Sinhazinha abriu os olhos num encantamento maravilhoso. E fora ela, fora ela quem mandara o foguete mais bonito para São João. Estrelas verdes, amarelas, encarnadas que vinham descendo e se apagando. Seus olhos devoravam o espetáculo, maravilhados.

E fora ela. Seu corpo adquiriu um vigor extraordinário. Trocou as lágrimas pelo sorriso. Riu para Antão. Riu para Ananias. Limpou com as costas da mão o rosto molhado. Então tomou aquela decisão.

Ela, mesmo sem nada dizer, arrancou o outro foguete das mãos de Ananias. Empinou o bicho para o ar, juntou a brasa no estopim, esperou o chiado e ele deu o arranco da subida. Perdera o medo. Tudo tão simples.

E ele subiu mais bonito ainda. Subiu... Subiu e explodiu em gotas de estrelas. O seu rosto velho se iluminou de mil cores. As rugas criaram vida, e sem querer começou a bater palmas para cada estrela, verde, encarnada e amarela...

Aquele era o mais lindo milagre de Antão.

Tomou-se de ternura e aproximou-se da cabeça pendente do irmão mais velho. Suspendeu-a carinhosamente, enquanto a

outra mão tocava nos seus ombros.

– Vamos dormir, meu irmãozinho. É tarde. Você está cansado e a vela vai se apagar.

Capítulo Sexto

Entre o céu e a terra dos homens

DESSA VEZ estava decidido mesmo. Segurou o menino pela manga da camisa. A gaiola com o coleiro dentro caiu no chão e o passarinho debateu-se assustado.

– Olhe o que o senhor fez com o passarinho.

Pedrinho ficou com os olhos cheios d'água e mesmo preso pela manga da camisa conseguiu equilibrar a gaiola em pé.

– Me deixe, malvado!

– Hoje, não. Você tem que assistir à aula. Sua avó veio me pedir que não o deixasse escapulir.

O menino aos poucos sentou-se no chão e ficou emburrado.

Ananias acocorou-se perto dele.

– Você hoje vai à aula queira ou não queira. Prometi à Vovó Sinhazinha e não largo você por nada.

– Mas eu não quero estudar. Eu não aprendo nada com o senhor.

– Não aprende porque não quer. Você é um menino muito inteligente.

– O que eu quero é ser burro. Burro também vive e não precisa aprender nada.

Já nesse momento tinha juntado gente fora do portão dos santos. Dona Bárbara viera em socorro, Dona Maria José

repreendia o menino.

– Ora, Pedrinho, um menino tão bonito e esperto como você não pode perder uma horinha com os estudos? Você tem o resto do dia para apanhar passarinho.

– Mas essa é a melhor hora. Se passar das dez, seu Abrahão não deixa a gente entrar no sítio...

Antão apareceu atraído pela barulheira.

Ananias estava irritadíssimo.

– Você não aprende. Já aconteceu uma vez que foi castigado e não deixa os pobres passarinhos em paz. Passarinho é coisa de Deus e deve viver solto.

– É, mas se eu não pego eles e vendo na feira, como é que posso entrar domingo no cinema Moderno? Vovó não me dá dinheiro para isso. Se eu não vender passarinho na feira, cadê que eu assisto o seriado da Deusa de Joba e Flash Gordon?

– Assim não adianta.

Antão afastou as pessoas e sorriu para Pedrinho.

– Venha comigo, Pedrinho.

Depois falou com calma para Ananias.

– Pode soltar a manga dele que ele não vai fugir.

– Tá vendo, seu Antão, ele quebrou a tampa do meu alçapão.

– Isso não é nada, a gente conserta.

Deu a mão ao menino enquanto carregava com a outra a gaiola do passarinho. Como por milagre, o pássaro acalmou-se no poleiro.

O pessoal afastou-se e deixou que os homens penetrassem no portão da sua casa.

Dentro, Ananias continuou ainda agastado com o menino. Mas Antão mandou que se sentasse na cadeira e começou a explicar docemente.

– Eu também gostava de pegar passarinho quando era da sua idade, Pedrinho. Mas acontece que a gente precisa estudar.

Precisa mesmo. Já que você não quer ir à aula com Ananias, hoje quem vai dar a lição sou eu, quer?

Pedrinho afirmou com a cabeça que queria. Ananias já sabia o que ia acontecer. Pediu com humildade.

– Deixa eu também assistir a aula?

– Se você quiser, ninguém proíbe.

Atravessaram o quintal de Dona Bárbara e foram se sentar debaixo das laranjeiras. Os outros meninos tinham adivinhado a coisa e vieram de carreira acercar-se de Antão.

Quando todos estavam bem acomodados na sombra da manhã morninha, morninha, Antão principiou.

– Na verdade, na verdade, hoje eu também não estou com vontade de dar aulas, por isso vou contar uma história muito bonita que inventei uma noite dessas.

Passou a mão na cabeça de Pedrinho e sorriu como só ele sabia fazer.

– Essa história eu fiz pensando em você, Pedrinho.

Aí Ananias, que já esperava, fitou enlevado o rosto do irmão. Nessa hora seus olhos viravam sol, lua e estrelas. Tinham calor, claridade e brilho.

E, quase que hipnotizados, todos viajavam pelo céu claro dos seus olhos.

“Que lugar estranho seria aquele?”

Caminhava, caminhava, e os pés só encontravam um chão que virava tapete de nuvens de tão macio.

Dr. Bueno sentiu-se incomodado por tamanha solidão da paisagem. Tinha uma luz linda que não queimava. Era parecida com a luz do sol, mas não era o sol. Notou então que caminhava apressado e que não era comum andar assim. Na verdade, fazia anos que arrastava nos velhos pés o cansaço de quase noventa anos; mas agora não sentia nada. Nem o peito ofegante, nem dor nas juntas velhas e habitadas de reumatismo.

Parou e bateu com o pé com força no chão e nenhum som apareceu. Que lugar estranho. Pelo tempo já devia passar das cinco e meia. E nessa hora comumente estaria se dirigindo para a igreja. Bastava dar cinco para as seis e sentir-se acomodado naquele lugarzinho que todos já sabiam ser seu, e Frei Benevenuto sairia da sacristia já começando a missa.

– *Introibo ad altare Dei...*

Hoje na certa teria esperado um tempo, no mínimo dez minutos, e entraria preocupado na igreja. “Onde estaria o seu velho amigo Dr. Bueno? Teria se sentido mal. Faz anos que nunca falha. Paciência.”

Um sorriso no coração veio alegrar aquelas lembranças.

Estranho também era não poder parar. Alguma coisa o impelia para a frente. Viu de novo o tapete cinza do chão tão macio. Se ele fosse criança, estaria na certa tentando uma cambota. Ora se estaria. Mesmo com a sua idade um desejo forte falava ao seu ouvido.

– Por que não experimenta?

– Ora, tinha graça! Um velho caindo aos pedaços!

– Ué. Ninguém se machuca nesse macio todo. Por que não experimenta ao menos cair sentado?

Ficou perplexo com aquela sua volta à infância. Jamais pensara em pensar assim naquele momento.

Mas não resistiu ao ímpeto da tentação. Com cuidado, fechou os olhos e atirou-se para a frente. Sentiu bater no chão de uma maneira tão gostosa como se ele próprio fosse acolchoado de borracha. Esperou um instante e examinou-se apalpando. Nada. Nenhuma junta quebrada. Ergueu-se e experimentou de novo com mais audácia. A mesma sensação. Aí não resistiu mesmo. Dobrou a cabeça para a frente e soltou a cambalhota. Estatelou-se no fofo do chão e ficou com certo medo de se mexer. Encolheu a perna, mexeu com o braço, nada...

Devia estar ficando maluco, porque quanto mais fazia daquelas artimanhas, mais vontade sentia de repetir. E não se conteve. Foi virando umas seis cambalhotas sem parar. Sentou-se no chão e desatou a rir gostosamente.

Estava imaginando se Frei Benevenuto o visse assim.

Ergueu-se e ajustou no lugar as calças e o suspensório e recomeçou a andar. A luz aumentara. Sinal de que o tempo passava mesmo naquele lugar onde ignorava se achar.

Por certo não era mais a hora da missa que o preocupava e sim saber que tinha perdido o horário na Policlínica. Muito mais que Frei Benevenuto, os médicos estariam reclamando, preocupados:

– E o velho? Que terá acontecido? É mais fácil o relógio da Central parar do que ele falhar. Se não aparecer esta manhã, mandaremos alguém procurá-lo amanhã em sua casa...

E andava e andava e quanto mais andava o caminho não levava a canto algum. A luz aumentava sem arder e seus olhos não sentiam aquele incômodo que comumente os seus velhos olhos reclamavam, fazendo-o limpar os óculos de hora em hora.

– Mas onde estou? Onde estou?

Não havia ninguém e suas palavras não encontravam eco.

Parou desesperado e torceu as mãos.

– Onde estou, meu Deus do Céu?

Um trovão fortíssimo e um raio que o cegou repercutiram por toda parte. Enroscou-se miudinho, tampando os ouvidos com as mãos. Aquilo é que era medo. Nunca se libertara do pavor daquelas três coisas: sapo, dentista e trovão. Ficou um pouco parado e, como tudo desaparecera, recomeçou a andar tremulamente. Porque o dia continuava o mesmo, o dia ou a luz. Não havia indícios de tempestades ou coisa parecida. Aquilo também devia participar do mistério que o cercava.

Enjoado de caminhar a esmo, novamente torceu as mãos e implorou contritamente.

– Valei-me, Santa Constança!

Vinda não sabia de onde, apareceu uma senhora lindíssima toda vestida de verde-crepe e com um pano transparente na cabeça. Seus cabelos estavam emoldurados por uma auréola de ouro. Chegou-se mais próxima ao velho médico e os seus pés não usavam nada. Estavam completamente nus.

– O senhor me chamou?

– Mas quem sois, Senhora?

– Por acaso não acabou de pronunciar o meu nome?

Abaixou a cabeça embaraçado e murmurou.

– Apenas chamei pela santa da minha devoção: Santa Constança.

– Eis-me aqui.

Não podia acreditar. Precisou afastar-se um pouco e, gaguejando, retrucou.

– Eu Vos chamei tantas vezes na vida e nunca me apareceste, Senhora.

Ela sorriu.

– As circunstâncias variaram um pouco. O que deseja de mim no momento?

– Saber, Senhora, se possível, onde me encontro?

– Não seja esse o motivo da sua preocupação. Com calma tudo se aclarará.

– Ao menos, Senhora, dissei-me, por onde deverei seguir?

– O seu caminho está exato. Vá paciente, sempre em frente, e logo algo aparecerá. É tudo quanto poderei dizer.

Suspendeu as mãos níveas e transparentes e recomendou.

– Sobretudo, certos nomes não será de bom augúrio que os pronuncie... no lugar onde se encontra. É bastante cedo.

– Obrigado, Senhora.

– Agora, adeus. Não pronuncie o meu nome, a não ser num momento de grave aflição.

E, como viera, desaparecera.

Dr. Bueno coçou os cabelos brancos como a neve e recomeçou a andar, visto que seu caminho estava certo.

Sorriu pelas coisas estranhas que hoje acontecia. Chegou mesmo a rir com certa força, pensando em Frei Benevenuto. Quando contasse a ele que bastava estalar os dedos e invocar qualquer santa amiga e zás!, ela aparecia... Ah! Frei Benevenuto não iria acreditar. Mesmo que jurasse.

Ao avançar dos passos, notou que o tapete cinza começava a metamorfosear-se num alvo tapete. Dir-se-ia um carneiro branco de nuvens. Um som de música vinha se aproximando. Andou mais ansioso em busca do som. O caminho desembocou num corredor cercado de mosaicos brancos, de uma limpeza ímpar.

E a música crescia. Uma abertura na parede e um lindo jardim surgiu então. Caminhou surpreso e divisou vultos sentados em bancos brancos ou recostados em árvores douradas cujas folhas brilhavam num tom empratecido. Até as sombras eram brancas sobre uma relva docemente verde.

Ninguém sentia a sua aproximação. Algo que fascinava, encantava a todos, deixando sobrar uma paz de beatitude. A música preme de dolência silenciou e palmas ressoaram tão leves como se as mãos viessem envolvidas de plumas. Apenas um leve murmúrio contagiou o ambiente, como se fosse um leve sopro de brisa.

Uma voz vinda não se sabia de onde anunciou:

– Para gáudio de todos os irmãos, hoje teremos mais tarde a repetição no circo da maravilhosa cena: Daniel na cova dos leões.

Uma pausa e a voz continuou.

– Ouvi, amigos, ouvi, a harpa do Rei David. O silêncio encantou os circunstantes e o dedilhar da harpa povoou os espaços.

Os olhos do Dr. Bueno se plantaram num estranho grupo. Uma árvore imensa trazia três correntes finas que se

enrodilhavam em três mulheres parecidas, de vestidos que tocavam o chão. Não propriamente o chão, pois os três vultos diferentes traziam uma vassoura na mão e varriam um grande espelho em formato de um lago diminuto. Elas varriam o espelho sempre limpo e brilhante. Andavam sem pressa em gestos comedidos e em forma de um triângulo. Nada as distraía da missão. Nem os outros vultos, nem a voz, nem a própria música...

Findou-se o concerto e Dr. Bueno foi sentar-se quase desanimado num banco devoluto.

Os vultos começaram a se movimentar em todos os sentidos, a passear sem pressa alguma.

Dr. Bueno baixou a cabeça, desorientado. Desorientado por tudo, pelo receio de incomodar e pela realidade do anonimato.

Porém, não conseguiu permanecer muito tempo naquela posição. Algumas pessoas se aproximaram e falaram o seu nome.

Um vulto ajoelhou-se e beijou carinhosamente a sua mão.

– Dr. Bueno, faz tempo que esperamos pelo senhor.

Olhou os rostos que o fitavam e tentou reconhecê-los. Sabia que os vira uma ou muitas vezes, mas não sabia precisar onde e quando.

– Eu sou Thomaz. Lembra-se? Um pobre aleijado a quem o senhor antigamente comprou uma cadeira de rodas.

– E eu, a Mariana, a lavadeira cheia de filhos a quem o senhor dava os livros e pagava as aulas.

Um vulto mais magro se ajoelhou a seus pés e abraçou os seus joelhos.

Sentiu-se mal e suplicou humilde.

– Por favor, não faça assim.

– Mas olhe-me bem, Dr. Bueno. Olhe-me nos olhos. Não me reconhece?

Queria reconhecê-la, mas não conseguia.

– Vou lhe contar uma história, Dr. Bueno. Existia há muitos anos uma menina muito pobre que morava num favelamento nas proximidades do Jardim Botânico. Era uma menina tísica e esperando a morte a qualquer minuto. O senhor estava sempre lá. Ajudou a menina a morrer. Comprou a sua mortalha e o seu caixão... Lembra-se? Essa menina chamava-se Dionísia.

Um jato de memória atacou-o e ele sorriu.

– Isso faz muito tempo mesmo. E Dionísia morreu...

– Dionísia sou eu, Dr. Bueno.

Foi tal a sua estupefação que ergueu-se de um ímpeto. Arregalou incredulamente os olhos.

– Então quer dizer que eu...

– Morreu, Dr. Bueno. E aos poucos o senhor descobrirá que existe um sem-número de amigos que o esperam com carinho.

Torceu as mãos sem poder acreditar.

Dionísia sorriu.

– Mas não fique assim com essa cara. No céu não há lugar para tristezas.

Levou as mãos rapidamente aos ouvidos e não viu sequer a ameaça de um relâmpago.

Tornou ao normal e vislumbrou em volta que todos sorriam.

– Mas você falou em céu...

– Falei.

– E os raios? E os trovões?

– Só aparecem quando a pessoa ainda não tem consciência do seu estado. Agora não haverá essa ameaça para o senhor.

Mesmo assim continuava sem saber o que fazer e disfarçou a sua decepção.

– E elas lá?

– São as três verdades. Só elas podem acariciar o espelho da eternidade. São realmente o triângulo do eterno.

– Mas não devem se sentir felizes.

– São tremendamente felizes. Conseguiram se sublimar a tal ponto que nem se sentem presentes ao ciclo do nosso estágio.

– Mas por que então se encontram acorrentadas?

– Olhe bem, Dr. Bueno.

Espantado, divisou que as correntes haviam desaparecido.

– Mas eu as vi, tenho certeza.

– Isso porque os seus olhos ainda estavam impregnados da imperfeição terrena.

– E agora?

– Agora sabemos que o senhor quer ficar só e pensar um pouco. Nós já passamos todos por essa fase. Levaremos o senhor para o retiro da Consolidação. Venha.

Levaram-no até um recanto onde nem a voz, nem a música, nem a presença de outrem podiam penetrar. Deixaram-no sentado num banco misteriosamente azulado e desapareceram.

Colocou o queixo entre as mãos e os cotovelos sobre os joelhos numa atitude de plena insatisfação.

Então morreria. Mas morreria mesmo. Verdade que ali o período de seus noventa anos de vida não tinha em absoluto significado algum. Começava a pressentir isso. Deviam ser os últimos adendos da Terra. Mas, afinal, noventa anos eram noventa anos. Fora uma vida. A sua vida. E agora, que fazer? E a sua missa das seis horas? A sua Policlínica onde o esperavam sempre? E nada sabiam empreender sem o seu costumeiro conselho e auxílio... Afinal, que utilidade tinha um médico no céu? Não haveria dor, nem fratura. O exemplo agora era claríssimo. O exemplo foi as suas cambalhotas sem perigo de estrago algum... Mas no céu? Um médico no céu? Alguma coisa deveria estar falhando. Talvez aquelas duas horas que a teologia explicava. As duas horas que depois de morto a alma ainda continuava no corpo... Não. Mas um médico no céu? E daí?

Teve um pensamento veloz. Esfregou as mãos e balbuciou decidido.

– Valei-me, Minha Santa Constança!...

Ela surgiu imediatamente. Somente que suas vestes eram mais bonitas e irradiantes.

– E agora, meu filho?

– É grave a minha angústia, Santa Constança, senão não Vos estaria incomodando.

– Vamos ao que se trata. De que se trata, Bueno?

– Eu queria encontrar-me com Deus.

– Já?

– Eu preciso tanto, Santa Constança. Juro que preciso mesmo.

– Mas preciso saber do que se trata. Não se chega diante de Deus por qualquer motivo, muito embora você esteja no bom caminho.

– Acontece, Santa Constança, que eu não quero ficar no céu.

Ela silenciou um pouco e sorriu. Se ainda tivesse vislumbres de matéria, na certa coçaria a cabeça embaraçadamente.

– Espere um pouco.

Sumiu e, como no céu não há espaço nem tempo, ela imediatamente retornou.

– Consegui. Vamos. Segure nas minhas mãos.

Subitamente sentiu-se evolar, percorrer regiões altíssimas. Como se ascendesse ao cume de uma montanha enorme. Foi depositado e não mais enxergou Santa Constança; apenas ouviu uma recomendação em Sua voz.

– Pronto, agora é com você...

Ficou só e envolvido de luz fortíssima sem saber para onde ir. Estaria na certa recomeçando aquela primeira caminhada.

Mas uma voz lindíssima o chamou.

– Se aproxime, Bueno.

Andou dois passos.

– Um pouco mais.

Caminhou de olhos baixos e parou.

– Por que você não me fita?

– Porque em vida acostumei-me a falar com o Senhor de olhos baixos.

– Isso em vida. Olhe-me.

Ergueu o olhar e engoliu em seco. Ficou fascinado com Deus. A Sua beleza divina era indescritível.

Os olhos de Deus viraram estrelas, lua e sol. Tinham claridade, calor e brilho.

– E então, Bueno?

Dirigiu a vista para o que cercava Deus. E nada o cercava. Tentava divisar Nossa Senhora, São Francisco de Assis ou mesmo São Sebastião. Do jeito que eles se colocavam na sua igreja. E nada havia.

Deus sorriu compreendendo e nada disse.

– Deus, Meu Deus, não existe em mim nenhum intuito de desrespeito, mas...

– Eu sei, Bueno.

– Então vou resumir. Deus, eu quero voltar para a Terra.

– Voltar para a Terra?

Dr. Bueno afirmou com a cabeça.

– Isso é inédito. Ninguém até hoje reclamou do céu que Eu tenho preparado. O céu, não. O amor que tenho reservado...

– Eu sei, meu bom Deus. Mas eu queria voltar para a Terra. O Senhor vê: que utilidade tem um médico no céu? Na Terra pelo menos, mesmo não valendo grande coisa, tinha lá as minhas utilidades...

– E o que mais, Bueno?

– Podia receitar, dar os meus remedinhos. Na certa, estarão sentindo até a minha falta.

– Você pensa assim, Bueno? Pois bem. Chegue-se mais a mim. Dê-me as suas mãos.

Ficou aflito vendo as mãos de Deus estendidas e ao seu alcance.

– Pode pegá-las. Todos podem pegar em minhas mãos. Venha.

Segurou-as ainda nervoso. Deus o puxou e caminhou a seu lado.

– Sentemo-nos ali – e indicou um lindo banco de nuvens.

Obedeceu sem retrucar.

– Já que é necessário, espie por aquela janela. Mas espie mesmo e ouça.

Como por milagre o que Deus indicava e se assemelhava a uma janela foi-se distendendo, distendendo e ele reviu o pátio da Policlínica. Médicos e enfermeiros cercavam alguém que caíra. E pôde divisar também por milagre de Deus, que era ele, o seu corpo que tombara. O seu peito que respirava com dificuldade. Sua cabeça estava pousada no colo da enfermeira-chefe.

– Escapa?

– Que o que, Dr. Machado. Um coração que bate noventa anos sem parar reclama sossego. Depois, o velhinho era danado de cabeçudo.

Dr. Tancredo comentou irônico.

– Até que enfim vamos ficar livres da sua ranzinze e das suas superadas panaceias.

Um sorriso acolheu aquelas palavras de mau gosto.

– Quem será nomeado diretor agora?

– Possivelmente Dr. Abel. E tomara que seja ele mesmo. Assim teremos uma renovação...

Dr. Bueno fechou os olhos e tapou os ouvidos se afastando do cenário.

Então era aquilo? A verdade era aquilo. A realidade também aquilo. Nem bem morrera e já falavam em sua substituição. Era aquela a prova de carinho e generosidade que esperava encontrar entre os alunos e colegas... Ainda não fechara os olhos e falavam em modificações e renovações...

Sem querer, exclamou:

– Os homens... Humanidade ingrata.

De nada valeram as suas noites sem dormir à cabeceira dos enfermos. A sua vida médica, contada, para poder ajudar ao próximo... Panaceias.

Mas a mão de Deus estava ali para o apoiar.

– Eu sabia, Bueno. Eu sabia...

Caminharam mansamente lado a lado. Guardaram um pouco de silêncio, mas Deus recomeçou o interrompido.

– Quando Eu mandei buscar você, Bueno, Eu sabia que a Terra e os homens não serviam mais para você. Todos têm o seu momento no Meu Exato Momento. Quando mandei buscar você é porque até Deus precisa dos homens. Agora aceite o céu que Eu lhe ofereço. Você não sentiu o momento da Passagem, porque viveu em Mim. Seus gestos eram os Meus gestos. Aceite, meu filho, aquilo que Eu lhe ofereço e você será imensamente feliz na Minha Presença.

Suspendeu o queixo de Dr. Bueno e, com os dedos maravilhosos pinguejando carícias, limpou o resto das lágrimas que caminhavam no rosto do velho médico.

– Agora vá. Seja feliz, meu filho. O Meu Céu é o Meu Eu. E no Meu Eu só haverá o Amor. Em Mim, meu Filho, a palavra mais áspera que possa ainda aparecer... se chamará: Ternura.

Segunda Parte

Os espelhos

Capítulo Primeiro

Mabel e o espelho

– *ITE, MISSA, EST!*

Rômulo sorriu dentro do seu costumeiro sadismo. Os olhos de Ricardo o observaram estranhamente. Roberto seguiu o efeito da frase de mau gosto olhando os olhos espavoridos da mãe. O ambiente era insuportável, mas ninguém poderia se afastar daquela lúgubre reunião.

Roberto circunvagou os olhos pela sala fechada. Fechada como se encontravam todas as dependências da casa. Custava a se acostumar com o momento. Se ficasse sozinho parecia ouvir o tiro repercutindo em cada parte, descendo pelas paredes, nos degraus da escada, esvoaçando as cortinas.

O tiro partira de cima. Todos correram ao mesmo tempo. Um único tiro, cavo, cavernoso... Viera do escritório. Bateram violentamente, mas a porta se encontrava cerrada por dentro. Era ele. Chamaram pelo pai. Nenhuma resposta. Duro se tornava arrombar a porta, mas conseguiram. O pai estava lá. Caído sobre o tapete, o rosto envolto em um lago de sangue. Um sangue ainda escorrendo. Apoiara a arma na boca e o tiro arrancara o tampo da cabeça. O corpo ainda arfava, mas não demorou muito. A passagem durara menos do que apagar as manchas de sangue no tapete.

A realidade do porquê apareceu aos poucos. A realidade caiu na família com a violência de um tornado.

A polícia. A humilhação da carta escrita. O velório, o enterro e agora a missa do sétimo dia.

– *Ite, Missa est!*

Ao diabolismo de Rômulo só faltava acrescentar a velha piada: *Coca Cola is the best!*

A mãe empalidecia a cada fala de Rômulo, mas tocava a ele decidir a sorte da família. Mabel sentara-se desanimada numa poltrona. Dava a impressão de que a mãe aproveitava os últimos momentos de coisas que ainda poderiam ser utilizadas.

Tia Clarissa sentara-se junto a Mabel e tomara-lhe as mãos como se quisesse servir de algum apoio. Mesmo assim a própria tia não deixava de suspirar, arfando o busto negro, envolvido pelo desespero do luto.

– Não há de ser nada, querida.

Falava por falar, sem nenhuma convicção. Tragédia não fora a morte do morto, mas a tragédia que resultaria daquela morte, o que viria depois.

Rodolfo, elegantemente trajado até nos seus momentos de luto, estava livre de quase todos os vexames que a família passaria. Primeiro, porque morava em Petrópolis, casado com mulher rica e afastado de um certo modo das garras maldizentes da sociedade. Certamente ajudaria Mabel como já se prontificara. Finda a reunião, beijaria Mabel e voltaria aos seus interesses, quase que indiferente, como se esperasse por tudo aquilo que viria aos seus.

Rômulo contornou a secretária, sentou-se e ficou como que hipnotizando, com a sua figura fantasmagórica, os rostos que o observavam.

Tirou os óculos do bolso e um papel cheio de anotações.

Leu os itens um por um e, findos estes, rasgava um pedaço e atirava-o no chão.

– Primeiro: dispensar a criadagem. Depois, venda dos carros. Em seguida, venda da casa já hipotecada. Venda de tudo para

pagar dívidas. – Dívidas e mais dívidas. E nada sobrava. Nada. – Talvez sobre um pouco e isso penso eu...

Fez uma pausa para ver se havia alguma dúvida e, como ninguém contestasse, continuou.

– Findo tudo isso, sobram uns miseráveis tostões que dão para comprar uma casinha modestíssima no subúrbio.

Tia Clarissa sentiu-se arrepiada ao ouvir pronunciar aquela palavra. Já tinha resolvido. Não acompanharia Mabel. Nunca. Preferia morar em casa de Rodolfo, ser criticada pelos sobrinhos, mas morar num lugar decente. Mesmo sabendo que a altitude lhe faria um mal imenso ao coração e outras mazelas. Preferível morrer logo, mas bem, do que se sujeitar à humilhação e sujeira do subúrbio.

– Consegui com um amigo comprar em pequenas prestações uma casa em Bangu. Uma casa bem longe, onde ninguém saiba mais de nossas vidas. Onde ninguém comente o acontecido nem nos humilhe com a piada ou as indiretas. Não ficaremos com coisíssima alguma. Móveis, tapetes, cortinas, tudo isso: babau!... Certo? Alguma sugestão mais prática?

Tirou os óculos e olhou a mãe longamente. Do jeito que olhou, falou lentamente.

– Não a abandonarei, Mabel.

Mabel tirou um lenço e limpou as lágrimas.

Ricardo, duro e impassível, acrescentou a sua adesão.

– Eu também. Na certa, Roberto nos acompanhará.

– Então, tudo resolvido, Mabel. Seremos quatro numa casinha de três quartos. Ricardo e Roberto ficarão juntos. Um quarto para você e outro pra mim, que não sei dormir em companhia de ninguém. Como é sabido, ronco muito. Mas nos acostumaremos à nova vida. Não há outra saída. Eu já arranjei um emprego escondido no Laboratório Silva Araújo. Ricardo e Roberto continuarão no banco e viveremos apertados no começo. Depois,

quem sabe? Talvez até possamos pagar uma empregada para lavar e cozinhar.

Mabel ficou um momento pensativa, espiando para as meias negras e os negros sapatos. A realidade não tinha outra alternativa. Gustavo sempre fora assim. Fraco de caráter. Nos últimos meses até as suas joias tinham sido reduzidas pela metade do preço. Só nos últimos tempos é que lançara a situação face à família. Estavam completamente arruinados. A fábrica falira. O dinheiro jogado fora por todos não tinha recuperação. E agora? Só o futuro e talvez Deus, a quem não ligara muito na vida, pudessem responder...

Para espanto de todos, roçou os pés um no outro e retirou os sapatos. Depois, num gesto surpreendente, suspendeu o vestido e afrouxou as ligas. Devagarzinho enrolou a meia da perna esquerda e jogou-a no chão. Repetiu o mesmo com a outra meia. Mexeu os dedos exercitando-os e levantou-se completamente descalça.

Por um momento existiu um clima de preocupação. Mas o rosto de Mabel tornara-se calmo, apesar da palidez, das olheiras e dos lábios despídos de batom. As rugas aumentavam mais, assim como se tivessem também descoberto a realidade da própria realidade.

– Vou me despedir. Vou começar a me desligar das coisas.

Tia Clarissa levantou-se para acompanhá-la, mas Mabel declinou da sua companhia.

– Eu prefiro fazer tudo isso sozinha. Obrigada. Muito obrigada.

Descalça, caminhou pelos tapetes persas e saiu da sala. Subiu lentamente a escadaria. Chegou até o quarto dos rapazes e olhou cada coisa sem pressa, compridamente. A desordem do quarto de Rômulo contrastava com a organização dos outros dois filhos. Pobre Ricardo. O seu casamento com Lenita seria desfeito. O namoro quase firme de Roberto iria por água abaixo. Tudo perdido. Retornou ao hall e penetrou na sala de armas de

Gustavo. Tudo ainda completo. Faltava apenas o revólver que a polícia levava como prova... Não sentiu mais que uma pequena emoção ao analisar certos fatos que já analisara junto ao corpo morto e na hora da missa do sétimo dia. Não sabia se se acostumara à presença de Gustavo ou se sofrera sua perda por ser apenas o pai dos seus filhos. Com a idade, apenas se aproximavam num momento de doença ou de uma obrigação social. Da sala de armas foi direto ao escritório. Ali estava o tapete. Gustavo! Gustavo! Até a herança do seu pai fora de embrulho nos negócios malparados do marido. O tapete guardava uma mancha desbotada, quase amarela. Atravessou o quarto de vestir. Parou um pouco, observando docemente a banheira, a ducha, o sabonete, as toalhas felpudas, até os saís de banhos. O que viria em substituição àquilo tudo? Sorriu. Depois então, o quarto. Acendeu as luzes, mas não teve coragem suficiente para descerrar as cortinas. As cortinas se remexeram como se o tiro tivesse se repetido. Ainda bem que iria para longe de todas aquelas recordações. Fugiria dos fantasmas da lembrança e só algum mais teimoso e sádico se arriscaria a penetrar num subúrbio longínquo. O subúrbio. A nojeira desumana de um mundo que conhecia apenas por crimes de jornal ou algum comentário sem importância. A casa – como seria, meu Deus? – A rua descalça, poeirenta e quente. E um povo que nem conhecia direito. Talvez apenas um contato com uma empregada que nem chegara a demorar por não estar habituada ao seu modo de viver. Agora, tocava a ela viver ao modo deles. Abriu os armários e vestidos mortos de todas as cores jaziam pendurados. Cada vestido era um sonho morto. Deveriam, segundo Rômulo, ser vendidos para outros corpos que ainda vivessem. Fechou as portas com uma certa mágoa. Sentou-se na cama macia e balançou o cansaço da caminhada. Observando ainda os pés desnudos. Alisou a cama com carinho. Nela conhecera o primeiro amor carnal. A primeira dor da

violação. Nela nasceram Rodolfo e Rômulo. Ricardo e Roberto vieram ao mundo com mais conforto e higiene, nascendo na maternidade. Mabel deitou-se e recostou a cabeça nas mãos, afundadas no travesseiro ainda macio, apesar de morto. Relanceou a vista pelo teto. Quantas vezes, quando o sono não quisera vir logo, pusera-se a contar as tábuas do teto encerado. Estava imersa em seus diminutos pensamentos quando alguém a chamou baixinho.

– Mabel!... Mabel!...

Sentou-se assustada e pequenos arrepios atacaram sua espinha. Estaria sonhando ou mesmo adormecera por segundos?

A voz veio mais nítida.

– Mabel!... Mabel!...

Agora não se enganava. Era realmente uma voz. E nunca a ouvira antes. Sentou-se a tremer na borda da cama e sem se dominar fez o sinal da cruz.

Nitidamente souu uma risada clara.

– Você se esqueceu de mim, Mabel. Eu sou a coisa mais importante desse quarto. Nada do que você se recordou tem a importância que eu tenho. Não se esqueça de que eu sempre ampliei os seus sonhos e gentilmente refleti da maneira mais fiel a beleza da sua vaidade.

Atraída pela voz, se viu diante do espelho. O grande espelho do seu quarto, que alcançava quase três alturas do seu corpo. Que aparecia desde o começo da porta. Era costume antigo vir caminhando alegremente de lá até junto do seu corpo todo refletido. Postou-se tristemente diante do espelho e abaixou a cabeça.

– Levante o rosto, querida, e me olhe com o mesmo amor com que me olhava antigamente.

– Não posso. Já não sou a mesma. Sou outra. Morri.

– Que história, querida! Acenda as luzes e nós ficaremos de novo cheios de vida.

Não podia desobedecer. Caminhou para o lado e girou o comutador. O espelho se iluminou feericamente e refletiu a palidez quase doentia do seu rosto.

– Sabe, Mabel, você ainda é uma linda mulher! Os últimos dias maltrataram um pouco o seu rosto. Mas tudo passará.

Suspendeu as mãos e levantou os cabelos sedosos, pintados de um tom acaju. Verdade que nos últimos dias relaxara um pouco e, na risca, fios brancos denunciavam a origem da pintura.

– Lindos os seus cabelos com esse tom avermelhado, Mabel.

– São falsos. São pintados. Se deixar de pintá-los, serão tão velhos e brancos como as minhas rugas, que aparecem sem a pintura.

– Não importa, querida. Assim mesmo são lindos. Se você voltar a tratá-los bem continuarão uma moldura digna para os seus traços.

– Não adianta, amigo. Tudo acabou e eu preciso abandonar até você.

O espelho fez uma voz magoada.

– Mas você poderá levar-me. Esquece que eu acompanhei todos os momentos felizes de sua vida?

– Bem o quisera. Mas o lugar que vamos é muito feio. Não caberia você. De tudo que nos resta só o velho carrilhão acompanhará nossos passos. Como se tivesse que contar o tempo da nossa tristeza.

– Por que só o relógio, Mabel?

– Porque é velho como eu e começa a ficar bichado. Não tem valor algum. Só isso. Por preferência levaria você...

Teve vontade de chorar e levou as costas da mão aos olhos.

– Assim, não, Mabel. Quero então que você se despeça de mim como se fosse uma rainha. Você sempre foi uma rainha.

Mabel tornou a abaixar a cabeça.

– Caminhe até junto à porta, por favor. Não custa realizar as minhas últimas vontades.

Cabisbaixa, Mabel foi até o começo do quarto.

– Olhe-me bem, Mabel.

Ergueu os olhos e uma alegria que era quase um grito de prazer a envolveu. Estava vestida de rainha. Seus cabelos se prendiam em cachos encaracolados que circundavam a sua cabeça. Falsa tiara, de pedrarias também falsas, reluzia em meio de tanta luz. Estava acabando de se preparar para o baile do Municipal. Nunca recebera tantos elogios como naquela noite. Chegaram a dizer que era a mais linda fantasia do recinto.

– Ouça a música, Mabel.

E a música encheu os seus ouvidos.

– Agora dance, Mabel.

Para não desfazer a magnitude da fantasia, rodopiou uma valsa, aproximando-se do espelho.

– Que rainha! Que beleza, Mabel. Você vai fazer o maior sucesso da noite. Não haverá colombina, nem cigana, nem odalisca, nada, nada que ofusque a beleza do que criaram para você.

Voltou enlevada até à porta, continuando a valsar.

O espelho a atraía como um ímã. Somente a situação se tornara diversa. O seu corpo se envolvia no vestido vermelho de veludo, cujo decote audacioso deixava à mostra o busto forte e bem torneado. Valsando cobiças em todos os olhares. Homens se agachando para beijar a sua mão com o intuito de penetrar mais a vista em seus belos seios.

– Você estava linda no Clube Natal, Mabel. Mas linda mesmo foi no Grande Prêmio no Jockey Club. Aquele chapéu preto, Santo Deus. Os seus olhos...

O chapéu preto de rendas, enormedando uma sombra coquete no seu rosto, ampliando o brilho de seus olhos negros

belamente retocados de rímel, fazia tanta sensação como os páreos que corriam na pista.

Voltou ao armário e abriu-o de par em par. Acariciava cada vestido e cada história de sucesso que eles poderiam contar aos seus ouvidos.

Cansada de tudo, retornou ao momento de Mabel. A mulher mal pintada, descalça e triste.

Olhou-se demoradamente no espelho e sorriu tristemente.

– Obrigada, meu grande amigo. Muito obrigada por tudo. Por tentar guardar no reflexo da saudade tanta coisa linda que me aconteceu na vida...

Girou lentamente o comutador, e o quarto tornou-se momentaneamente escurecido. Deitou-se na cama, acostumando a vista à penumbra.

Fechava os olhos para esquecer, mas as coisas permaneciam vivas e desenhadas nas lembranças.

A quem pertenceria a prataria? Com quem iria ficar a baixela da família paterna? E a pinacoteca? O seu querido Matisse? Os gladiadores de De Chirico? A grande natureza morta de Bassano? Tudo isso indo a leilão. Os próprios amigos invadiriam a sua ex-casa como piranhas famintas para arrebanhar tudo que pertencera à tradição de sua família, tudo que cercara os passos do seu passado...

Sorriu meio anestesiada, pensando nos comentários mordazes que fariam a seu respeito e ao seu azar. Ninguém a defenderia. Isso era certo. Ao contrário, no tocante àquela pequena tragédia burguesa, ririam de uma família cheia de pose que levava uma vida falsa, postiça, sem condições para aguentar o ritmo.

– Deixa essa cama macia, Mabel, porque dentro em breve teu corpo deverá repousar cansado como o de uma empregada doméstica num colchão áspero e vagabundo de crina usada.

Sentou-se resignada a tudo. Jurando que um dia voltaria à mesma vida. Que não era possível a sorte se apresentar assim. Afinal não tinha culpa de coisa alguma que acontecera. Apenas fora carregada numa voragem alucinante. Arremetida num precipício desgraçado.

Pisou de leve no chão atapetado, tentando imaginar o chão talvez de terra batida da nova casa que os iria acolher.

Saiu e cerrou com cuidado a porta do quarto. Como se fechasse todas as lembranças ternas dentro daquele mundo penumbroso de silêncio.

Desceu contando os degraus da escada.

Ao chegar à sala, todos estavam falando baixinho. Planificando o futuro certamente. Trincou os dentes decidida a tudo. Poderia uma vez ou outra não resistir e se lastimar. Mas aguentaria o que viesse pela frente, fechando os punhos do ódio interior.

– Que tanto você demorou, Mabel?

Clarissa viera ao seu encontro.

Sorriu sarcasticamente, analisando a irmã. Para que tanto cuidado se nem sequer tinha coragem de acompanhá-la na atual circunstância. Iria, sim, dependurar-se servilmente nas calças de Rodolfo para não ser tão atingida pelo golpe que a atingira.

– Estávamos preocupados com a sua ausência, Mabel.

– Não foi nada. Apenas senti uma grande indisposição intestinal e, de nojo, demorei-me a vomitar a podridão da vida. Foi só.

Voltou ao antigo posto e principiou, apanhando a primeira meia, desenrolando-a e estirando-a perna acima. Repetiu o mesmo gesto com a outra e ligou as ligas na calça. Findo isto, sem tentar abaixar-se, enfiou os pés nos sapatos. Queria assim confirmar que estava disposta a tudo que viesse. Exceto a morte, porque só os outros morriam...

– E então?

Rômulo, que tomava as primeiras atitudes, comentou entre dentes.

– Segunda-feira iremos com o caminhão da mudança.

– Muito bem.

Tia Clarissa limpou os olhos num pequeno lenço.

– Por que tanta humilhação, meu Deus?

Mabel fez-lhe sinal com o dedo na boca para que se calasse.

– De nada adianta reclamar. O que aconteceu, aconteceu. E as lamúrias não remediaram nada. E mesmo, querida, sou eu que terei de ir no caminhão da mudança... Não você.

Rômulo ergueu-se e aumentou a voz. E a voz veio recheada de um sorriso debochado.

– Nem tudo é tragédia e desesperança. Ontem mesmo eu soube de uma grande notícia. Nós não ficaremos toda a vida nessa situação. Haveremos de voltar e, quem sabe, até em menos tempo do que se espera.

Todos os olhares voltaram-se surpresos para ele.

– Ontem me deram uma notícia comovedora e esperançosa. O aneurisma de tio Hermes pode rebentar a qualquer momento e ele não tem herdeiros diretos. Apontou as duas mulheres.

– Só você, Mabel. Só você, Clarissa.

Deu uma risada que não estava nada apropriada ao ambiente e ao cheiro de luto que envolvia a todos ainda.

– Nunca na minha vida rezarei tanto para que um aneurisma rebente depressa.

Ninguém disse nada e, se houve recriminação, somente os olhares duros dos presentes o fizeram.

Depois, abrindo as mãos do cinismo, encerrou a sessão repetindo as mesmas palavras iniciais:

– *Ite, Missa est!*...

Capítulo Segundo

O espelho e Mabel

A NOITE CARIDOSA não deixou que a rua descalça visse direito o desembarcar da mudança. Mesmo assim muita gente se postara por trás das cercas de crótons e espiava. Como a meninada espiava tudo sem comentar.

Luzes acesas e aquele choque de Mabel ante as paredes mal caiadas. Ante a pobreza de tudo. A vida encolhera a comodidade como a água encolhe qualquer tecido vagabundo.

Na manhã seguinte, após um sono cruelmente incômodo, teve de levantar-se cedo para analisar os limites do abandono. Nem sequer uma tampa de privada existia na casinha que por crueldade se colocava fora da casa. Igual a todas as outras tantas casas na vizinhança. Dentro havia um pequeno tanque e um banheiro que nunca conhecera uma coisa chamada água quente.

Do lado de fora, sob uma cobertura, existia um tanque de lavar roupa que a esperava e a esperaria todos os dias.

Felizmente, na mesinha modesta da cozinha, Roberto fizera o café simples e se encarregara de ir a qualquer botequim comprar pão e uma lata de manteiga.

Por dois dias todos deixariam de trabalhar para colocar a casa em ordem. E a casa tomou um certo jeito. As camas ficaram feitas, e as roupas, guardadas em pequenos armários e na cômoda rósea e usada da sala. Sobre ela colocaram o velho

relógio, que parecia suspirar de desgosto marcando o tempo. Parecia sentir falta do que o cercava na antiga casa. Era horrendo o seu vidro refletir pedaços de teto onde não existia forro e sim as telhas vãs, as telhas nuas. De noite, ele via o penetrar até de morcegos. Fato comum em casa que ficara fechada muito tempo. Mas com a invasão da gente, os morcegos voltariam a morar nos laranjais e nos valões no fundo dos quintais.

Foram dois dias e duas noites terríveis. Tinham perdido a vontade de conversar e por qualquer coisa soltavam apenas um sorriso de consolo e resignação.

Depois apareceu o pior. Os filhos levantavam-se ainda madrugada, deixavam-na dormindo e saíam a caminho da estação. Então o seu amanhecer diferente, sem a criada levando-lhe o café na cama, despertou-a em todo o seu amargor. Ainda bem que os filhos procediam com uma humanidade de comover. Deixavam até a pouca louça do café lavada e enxuta.

Sentiu maior o seu grito de silêncio e solidão. Estava só. Lavara o rosto na torneira do tanque e reparou na manhã quente que se anunciava.

Sentou-se desanimada num tamborete e mesmo sentada acendeu uma espiriteira de álcool onde requentou o café. Não tinha vontade nem de conversar com a alma. Apenas rolou as mãos do desânimo ante os olhos, analisando os dedos. Ergueu-se e foi apanhar a tesourinha de unhas sobre a cômoda cor-de-rosa. Enquanto não esquentava o café, principiou a decepar as compridas unhas, visto não significarem mais nada.

Serviu-se do café e mastigou a vida sem importância em forma de pão. Urgia calçar um sapato velho e de salto baixo para ir até à quitanda e ao açougue comprar coisas para cozinhar. No começo, até que se acostumasse com aquilo, a comida deveria sair horrorosa.

Caminhava pela rua de olhos baixos para que não descobrissem o seu desespero. Para não divisar aqueles rostos tão feios e mais feios ainda quando era forçada a encará-los. Forçoso seria engolir em seco em vez de lamuriar-se ou xingar a alma de Gustavo.

Passava os dias só. Completamente só. Não queria mais lembrar-se da outra casa, nem sequer manteria a ilusão de que alguma das “grandes amigas” apareceria até o subúrbio para visitá-la.

Já passadas as oito horas, arrumava-se e se penteava para esperar a chegada dos três filhos e sentir que havia ainda vida ao seu redor.

Mas os três chegavam incrivelmente cansados e pouco tinham a dizer. No começo nem sobraria dinheiro para o gasto de um jornal. E sem música, sem nada para ler, Mabel ruminava o tempo, driblando todos os pensamentos que pudessem torturá-la ou que enchessem os seus olhos de lágrimas quentes.

E algo de tremendamente triste e indiferente começou a se esticar pelas parcelas do seu ser. Pegava a vassoura e varria muitas vezes a casa, sacudia o pó dos poucos móveis que a rua descalça derramava. Fugia de todo o ruído que a rua proporcionava. Não ouvia a briga das mulheres nem o grito do peixeiro. Tapava o ouvido para eliminar os apitos da fábrica.

Se não fizesse assim, acabaria louca, completamente louca. Por vezes sentia rostos vizinhos olhando para o seu degrado. Mas não queria saber de ninguém. Não saberia se aproximar de ninguém tal a distância que a vida lhe preparara, tal a pouca esperança de poder entender aqueles seres que a cercavam.

Veza por outra, parava defronte do espelinho oval, colocado na cozinha, onde os filhos faziam a barba e se penteavam, e tentava saber se ainda voltaria a ser alguém ou se adquiriria uma nova personalidade que tivesse vislumbres de vida. Mas nem o

pequeno espelho sabia conversar, dizer algo que a consolasse ou mesmo criasse um certo ânimo, uma estreita esperança.

Apenas o rosto cansado, mais gasto, sem pintura. As manchas brancas do cabelo invadindo toda a parte onde a tintura ia se desgastando. Só.

– Mabel, você não é nada. Nada! Olhe a sua alma e você verá que não tem mais significado algum dentro da vida.

Sorriu inventando coisas. Se caminhasse até à ponta da cozinha e viesse de lá da porta, o espelhinho, o que refletiria? Uma velha feia, uma bruxa de cabelos caindo sobre a testa, com uma blusa florida e uma saia simplesmente escura. Os sapatos macios, é verdade, mas de salto baixo e usados. Longe se fora o tempo dos sapatos de verniz, de sapatos prateados, dourados...

– Longe, Mabel, que nem você mesma acredita se existiu!...

No quarto dia aconteceu aquilo que mais a apavorava. Nunca fora mulher de pregar um botão. E sempre ouvira dizer que as meias velhas se cerziam. Mas agora a coisa tornava-se uma tragédia maior. O cesto de roupa suja estufava peças para fora. Meias, camisas e cuecas.

Fazia menos de cinco dias que Ricardo esticara uma corda entre duas velhas laranjeiras e sorrira para ela significativamente e com pena. Arrastou o cesto até junto do tanque. Arrolhou-o e deixou escorrer a água da bica. Pelo meio, principiou a jogar peças, uma de cada vez, dentro d'água, que faziam borbulhas ante os seus olhos apavorados. O sabão estava ao lado.

Foi lá dentro, procurou um lenço e instintivamente prendeu os cabelos.

– Não, Mabel. Você prometeu que nada a desanimaria. Pois que está feito, está feito. É só questão de começar.

Enfiou meio enojada as mãos na água tépida e apertou, afogou as peças na água corrente. Desajeitadamente puxava as peças para fora e esfregava o sabão. Repetia muitas vezes e suas mãos ardiam. Começou com as peças mais leves. Depois

de ensaboadas, torceu-as e encaminhou-se para a corda, pendurando-as e até meio satisfeita com a sua conquista. Sentia o sol arder na pele branca, mas não ligou. Voltou para o tanque e tornou a lavar maior número de peças. Quando voltou ao coradouro, o sol ainda era mais forte. Felizmente um pedaço de vento apareceria vindo do fundo do quintal.

Pela terceira vez retornou ao tanque e retirou as últimas peças, torcendo-as; ia encaminhar-se para o varal quando o que viu estancou-a, estrangulando um grito de revolta na garganta.

O vento tinha derrubado todo o seu trabalho. A roupa lavada, no chão de terra e detritos.

Não se conteve, abriu as mãos e deixou que as peças também procurassem o chão.

Bateu com as mãos na parede do tanque por alguns segundos e começou a soluçar, encostando a cabeça no mesmo lugar em que antes batera.

– Meu Deus!... Meu Deus!... Preciso recomeçar tudo de novo.

Continuou soluçando compridamente. Quando uma mão de leve tocou em seus ombros e uma voz toda bondade lhe falou:

– Num chore não, dona. Eu ajudo a senhora.

Ainda de rosto lavado, desvirou-se para a mulher. Era feia, gasta e rachada de rugas, mas seus olhos expandiam bondade.

– Espere um bocadinho.

Foi até a cozinha e trouxe um tamborete.

– Se sente até se acalmar um pouco.

Mabel obedeceu ainda em soluços.

A mulher foi até o varal e recolheu toda a roupa no chão. Voltou sorrindo, esboçando dentro da boca a falha de muitos dentes e a podridão de outros.

– A senhora se esqueceu de colocar os pregadores.

Jogou a roupa dentro da água nova e conversou para acalmá-la.

– Na certa a senhora não tem pregador, não é?

Concordou com a cabeça, mesmo sem saber o que era.

– Eu dou um pulo lá em casa e lhe arranjo uns.

Mabel seguiu-a com os olhos e viu que a mulher passava por um buraco da cerca. Não demorou muito a voltar. E, enquanto o tanque enchia mais, sentou-se em sua beira e tornou a sorrir feiamente.

– A senhora nunca tinha feito isso antes, num foi?

– Nunca. Nunca em minha vida.

Espalmou as suas mãos feridas. As marcas da vassoura e o vergão do esforço ao torcer as peças.

– Que estrago, dona! Umas mãos assim bunitas num nascero pra essas coisa. É uma lasma mesmo. Mas eu dou um jeito. Passei toda a minha vida assim. Foi desde menina. Depois saí da fábrica pra me casar. E nunca mais existiu outra coisa. Menino e pregador.

Enfiou a mão no tanque e Mabel ficou admirada com a habilidade com que fazia tudo. Parecia nem exigir esforço das suas mãos magras e encardidas.

– Viu? Foi um instante. Agora a senhora me ajude. Ponha nessa bacia e venha comigo que a gente vai estender a roupa.

Mabel obedeceu, agradecida.

– Como é que a senhora se chama?

– Bárbara. E a senhora?

– Mabel.

– Pois bem, Dona Mabel, eu venho sempre lavar essa roupa quando a senhora precisar.

– Não é justo, Dona Bárbara, porque não poderemos pagar os seus serviços.

A outra pegava as peças, pendurava na corda e prendia-as com os pregadores. Deteve-se um pequeno tempo e sorriu para Mabel.

– A senhora não precisa de se preocupar. Ninguém está falando em pagamento.

– Mesmo assim não é justo.

– Por quê? A gente neste mundo nasceu foi pra ajudar os outros. E não custa nada, uma roupinha limpinha dessas. Se a senhora visse o que é pegar roupa suada de suor que gruda mesmo e fede. De toda essa gente da fábrica que eu lavo... Aí sim.

– E como é que a senhora dá conta de tudo? A senhora não disse que tinha filhos?

– Cinco, Dona Mabel. Cinco diabos. Tenho de lavar pra fora, costurar a roupa dos cinco e do meu marido e ainda por cima cozinhar pra essa cambada toda.

Quando acabaram o serviço, havia um sorriso de gratidão no rosto afogueado de Mabel.

– Quando a senhora precisar me chame, sim?

– Não é justo, Dona Bárbara. A senhora já tem tanto o que fazer.

– Pelo menos até a senhora se acostumar com essa vida braba, eu venho lhe ajudar.

Mabel acompanhou a mulher até junto da cerca. Foi tomada de curiosidade.

– Como é que a senhora viu o que estava acontecendo?

– Tava caçando uma galinha danada de arisca que eu tenho e, quando cheguei aqui perto, vi tudo.

Começou a esgueirar-se pela cerca furada de bambu. Mas antes de entrar em casa falou para Mabel.

– Se a senhora não se incomoda, eu tenho que passar às vezes por aqui pra pegar uma galinha preta de pescoço pelado que tem mania de botar lá no fundo do seu quintal...

– Venha quando quiser e na hora que quiser. Obrigada.

Mabel fugiu do sol e foi sentar-se no tamborete para descansar. E quando entrou na cozinha, sem querer, olhou o espelhinho oval e descobriu que ele lhe devolvia o primeiro dos seus sorrisos. O primeiro, depois de tantos dias atormentados.

...

Veio então aquela bondade criada por Deus chamada o tempo. E o tempo foi passando.

Mabel agora não doía mais as mãos na água do tanque e seu rosto perdeu aquela palidez citadina para tornar-se sazonado e sadio.

Empurrou a solidão para longe e descobriu que a rua descalça possuía uma beleza incomparável. A capacidade de irmanização e tantas outras formas de simpatia e compreensão. Perdera a estranha sensação da pobreza vista de longe. Assim como no Natal, encarregava-se de obras beneméritas e distribuía as coisas entre os menos afortunados, como se existisse um mundo entre eles. Como se tivesse direito àquela vida. Agora não. Mudara bem. Fizera camaradagem com Dona Bárbara, Dona Cordélia, Dona Maria José. Não se envergonhava de atravessar a cerca e beber do café simples, coado às três horas da tarde, em qualquer casa amiga. Quando tinha tempo, escutava até as novelas da Rádio Nacional, segurando no colo algum petiz de Dona Maria José. Tinha sempre um sorriso bondoso para a preta Bangu. A mulher que mais desejava ter um filho, para que mais tarde fosse um soldado, servindo à Pátria. Mas o médico sabia da impossibilidade disso e proibira até que engravidasse. Porque seriam duas vidas perdidas.

Gostava de dar boa-tarde a seu Abrahão, nas raras vezes que o via percorrendo a rua e fugindo do seu sítio. Era lindo a molecada parar de jogar gude, soltar papagaio e correr para segurar na mão do velho libanês.

Outras coisas, e tantas outras coisas mais, descobrira. Verdade que não desesperançava de um dia voltar à cidade. Mas teria agora os olhos abertos para a grandiosidade da variação com o que Deus fizera no mundo.

Que se passassem muitos anos e jamais poderia esquecer da primeira vez que Dona Bárbara lhe enxugara o pranto do desânimo.

Que a rua tinha os seus momentos de zanga, brigas e até arruaças. Que a rua criava encrências, inimizades e rancor, isso criava. Mas era entre eles.

“Com Dona Mabel as coisas eram outras.” Tachavam-na de senhora fina. De dama bem-educada, e um mundo de elogios aureolava sua presença.

Não mais baixava a cabeça para comprar coisas no açougue nem na quitanda do seu Antoninho Verdureiro. Gostava até de apreciar a sonoridade do falar, o ruído do riso, as cantigas da rua e as histórias que apareciam sempre.

Rômulo no começo recriminou a sua banalidade, ao que chamava de penetração no promíscuo. Mas Roberto e Ricardo olhavam admirados para a mudança de Mabel. Dera um jeito extraordinário de espantar a tristeza e alimentar a angústia. Não podiam acreditar que aquela era a sua mãe. Que aquela fora a Mabel de antigamente. E sorriam aliviados, porque o ambiente mágico da pequena casa começou a vestir-se de simplicidade e paz.

Mas mesmo a paz e a simplicidade não demoram muito. Uma noite Rômulo atrasou-se bastante e dispuseram-se a jantar sem a sua presença. Uma hora mais tarde entrava ruidosamente, quase aos gritos, chamando a todos. Desde o portão a sua voz se erguia alegremente. Algo havia acontecido de excepcional.

– Ricardo! Roberto!

Penetrou de supetão na cozinha e tomando Mabel nos braços começou a dançar.

– Calma, meu filho; você enlouqueceu?...

Soltou a mão e mostrou uma garrafa embrulhada presa na mão direita.

– Olhe o que eu trouxe. Precisamos comemorar a maior novidade do mundo. Uma notícia que nem os anjos do céu poderiam trazer em meu lugar.

Apanhou copos, virou-os na mesa e procurou o saca-rolhas. Sentou-se ainda rindo. Via-se que ele bebera antes, porque seus olhos brilhavam febrilmente.

Encheu o copo e comentou.

– Tim-tim.

Os outros tilintaram os copos, embora nada soubessem ainda da novidade.

– Adivinhem! Já que não adivinham, vou contando. Estou que não me aguento. Vamos voltar à cidade. Seremos ricos de novo.

Os três copos se abaixaram e só o dele permaneceu no alto.

– Os anjos ouviram as minhas preces. O aneurisma de tio Hermes foi pro meio do inferno.

Mas o silêncio dos outros permanecia.

– Como? Eu trago a maior notícia do mundo e ninguém se alegra?

Os olhos o observavam com certo pesar.

– Vamos voltar à vida. Sair dessa porcaria. Abandonar essa rua imunda. Essa gente nojenta e fedida. Não era o que todos queriam? Pois bem, a herança daquele tio miserável e idiota é enorme. Vai garantir o futuro de todos nós.

Encheu de novo o copo, meio desapontado.

– Você não diz nada, Roberto? Nem você, Ricardo? Nem mesmo você, Mabel?

– Você está anunciando de um modo grotesco a morte de meu irmão. O meu único irmão.

– Ora, vejam só. Vocês nem se davam. Sempre houve um ódio tremendo entre tia Clarissa, você e o tio Hermes.

– Mesmo assim, você está anunciando uma morte. E a morte exige mais do que um simples respeito.

– Desde quando isso, Mabel?

– Desde quando?...

Sorriu, passou a mão nos cabelos já totalmente brancos, sem nenhuma sombra de tintura e levantou-se.

– Desde quando, só Deus sabe.

Encaminhou-se para o espelho e viu que ele sorria tristemente para o seu rosto.

Capítulo Terceiro

Todo trem é uma rua que caminha

RICARDO E ROBERTO aos poucos foram se habituando à nova vida. Os meses substituíram aquele verão escaldante por um friozinho até de certo modo impertinente.

Não era tão agradável levantarem-se às cinco e meia, tomar um café mais ou menos magro e se encaminharem para a estação, onde pegavam o trem de seis e meia, um Maria-Fumaça que saía de Bangu e oferecia a oportunidade de viajarem sentados e juntos. Os outros, os que vinham de Campo Grande e Santa Cruz, surgiam lotados, com gente até pendurada nas plataformas.

Hoje, porém, o dia surgira de um modo todo especial. Juntos no mesmo banco olhavam a paisagem do trem. Muitos já se conheciam de vista ou então formavam amizades. Conversavam os seus problemas, retificavam as dificuldades da vida ou simplesmente se queixavam sem solução alguma.

Roberto olhou de relance o rosto calmo e grave do irmão. Certamente pensaria os mesmos pensamentos ao mesmo tempo que os seus.

– Ricardo, o que você achou da novidade?

A resposta custou a vir e assim mesmo com um balançar de ombros, indiferente.

– Não consegui nem dormir direito essa noite.

– Eu notei.

– É tudo quanto você me diz?

– Precisamos pensar com calma no assunto. Muita calma mesmo. Seria melhor pensar durante o dia e na volta a gente conversar sem pressa...

Nada mais disse, mas a frase de Rômulo martelava o seu ouvido, o ouvido da sua estupefação.

“Estamos ricos de novo. Poderemos dentro de uma semana voltar para a cidade. Basta de pobreza!...”

Revia na memória o irmão torcendo os dedos de alegria.

“Voltaremos em breve à civilização. Basta de rua descalça, de gente suja, de verão sufocante. De poeira e lama.”

Roberto não se conteve e tornou a interrogar o irmão.

– Seriamente, Ricardo, você acha que Mabel voltará a ser a mesma?

Sorriu antes da resposta.

– Certamente sim.

Meu Deus! Aqueles meses deveriam ter modificado ao menos certas atitudes da mãe. Não. A mesma, a mesma, não poderia ser. Alguma coisa de mais profundo deveria ter personificado e atingido o íntimo de Mabel. Ela teria descoberto tudo de falso e negativo da vida. Entretanto, não olvidava o seu sorriso de satisfação, quando Rômulo anunciou o que qualificaria de boa-nova.

– Amigos. Chegou o momento. O aneurisma de tio Hermes arrebentou. Vamos ter dinheiro aos montes.

Depois, cinicamente, continuou:

– Nunca rezei, implorei e desejei tanto na vida que um aneurisma estourasse.

Ricardo o olhara duramente, sem comentar. Roberto ficou perplexo. Mas o sorriso de Mabel não desapareceu do seu rosto por todo o resto da noite.

O trem andava, parava, apitava e recomeçava a marcha contando os dormentes da estrada. Em Realengo, o trem tornava-se tão cheio que parecia voltar de novo o calor do verão. Isso porque todo mundo viajava de janelas arreadas para evitar a invasão do carvão. No verão ainda era pior, porque a roupa clara de brim se sujava incrivelmente e Mabel não parava de se lamuriar. Reclamava seus dedos gastos no tanque e a grosseria de calos que existiam nas palmas de sua mão.

– Baleiro. Baleiro. Quem quer mariola. Paçoquinha de amendoim. Balas, caramelos e chocolates!

Pedia licença e empurrava o cestinho por entre o amontoado de gente no corredor do trem.

A professora, que ao lado de outra professora fazia um tricô feio e marrom, parecia não se incomodar com o resto da humanidade e muito menos com o gritar-me-nino do vendedor de balas. Não se lembrava que o garoto levantara-se antes do sol, atravessara ruas descalças a pé, pegara o seu tabuleiro de mercadoria barata e se arriscava à ira dos fiscais, para amearhar uns míseros tostões e ajudar a mãe ou o pai.

– Juro que eu não rezei para que o aneurisma de tio Hermes rebentasse. Nem ao menos desejei isso. Embora algumas vezes pensasse em voltar para a cidade e viver uma vida mais humana e menos cansativa.

Ricardo cutucou o seu braço.

– Você está pensando em voz alta. Eu também não desejei isso.

– Mas Rômulo declarou abertamente.

– Rômulo é assim mesmo. Sempre foi assim.

Retornou o pensamento a Mabel. Será que a mãe também rezara para que “aquilo” acontecesse? Mas não queria fazer mau juízo.

Do outro lado, mais para a frente, surgiu uma discussão danada. Era uma voz esganiçada de mulher quase aos brados.

– O senhor bem que poderia fechar essa janela. Tá pensando que é dono do mundo?

– Num penso em nada, viu? A gente é que está morrendo de calor e abafamento.

– É melhor morrer de calor do que ficar com os olhos cheios de carvão, engraçadinho. O senhor porque usa bicicleta em cima dos olhos não liga.

– Ora, dona, engraçadinho é a avó. Eu sou pai de oito filhos e não ando de trem pra passear. São oito bocas pra alimentar. Gente pra calçar. Escola pra comprar uniforme, papel e livros, viu?

– Não estou especulando a vida de ninguém, mas se o senhor fosse um cavalheiro fechava a janela e já.

– E se a senhora fosse uma dama comprava um Buick e viajava sozinha.

Aí a discussão esquentou mais. Encorpou até. A mulherzinha não calava. Tinha de ganhar a briga.

– Se pudesse comprar um Buick comprava antes um manual de boa educação para o senhor.

– Os incomodados é que se mudam.

Uma criancinha principiou a chorar. E a turma do “deixa disso” entrou em cena.

– Calma, minha gente. Calma. Discutir por uma bobagem dessas.

Ouviu-se o ruído da janela levantando o vidro. A criança parou de chorar aos poucos e a mulher regougou ainda algumas coisinhas e tudo voltou ao que era antes. Com mais calor e menos carvão.

Tio Hermes tinha deixado uma herança enorme. Seria dividida entre Mabel e tia Clarissa. Enquanto montava o legado, Roberto nem imaginava. Mas Rômulo manifestara tamanha alegria que a coisa deveria andar por alto.

O trem avançava o seu destino, só que suas rodas gritavam nos trilhos uma palavra que só Roberto entendia:

– Copacabana! Copacabana! Co-pa-ca-ba-na!!!

Passou a mão sobre a fronte suada. E agora? Voltar à mesma vida. Ora todos voltariam, se voltariam. Era como se viessem de uma viagem em redor do mundo. Entrariam no mesmo nível social com a cara mais limpa, mais lambida. E com o dinheiro de novo, novos jantares, novas reuniões, novos baralhos e roletas vivas durante noites e noites.

Passou um aleijado que sempre subia em Deodoro e saltava em Bento Ribeiro. Era o esmoler das terças-feiras. Já tinha até a freguesia certa.

Empurrava, espremia a multidão e lá ia com a sua muleta e sem uma perna. Ao se afastar, muita gente comentava.

– Dê não, moça. Ele tem até uma porção de casa. Pede por vício. É como aquele cego cearense lá do Engenho de Dentro. Dizem até que dá uma porcentagem pro cobrador...

– Mas o que dou é tão pouco que nem ajuda.

– Pois aí é que está. Esse pouco poderia ajudar a quem mesmo precisasse.

O trem encheu mais. E apareceu mais gente comprimida. Dessa vez uma turma que carregava marmitta dentro de pasta, porque a economia era maior do que comer no batente. Engraçada a alegria com que conversavam. Na certa continuavam a conversa principiada na espera da estação.

– Esse tal de Pimenta não entende é de nada de futebol. Onde já se viu colocar esse tal de Lopes na ponta-direita do selecionado nacional?

– Mas dizem que o homem é bom mesmo.

– Vocês já viram esse homem jogar alguma vez? Já ouviram falar dele antes disso tudo?

– Não. Mas por mim eu emendava a linha do Flamengo com Romeu. Botava Valido, Romeu, Leônidas, Perácio e um ponta-

esquerda qualquer.

– Isso é que não. Tem o Patesko que joga com o Perácio no Botafogo.

– Por mim, não. Sapecava mesmo a linha do Fluminense: Bioró, Romeu, Sandro, Tim e Hércules. Tá?

– Sim. Mas tu sisquicia do Diamante. Sem Diamante Negro, linha de ataque não é de nada.

Veio o cobrador das passagens no seu uniforme azul-marinho com riscas douradas no quepe e no colarinho.

– Passagem, faz favor.

Triquete-triquete-triquete. Picoteava a passagem. Ou recolhia ou devolvia a quem continuava até à Central. Veio se intrometendo no meio da gente toda e se debruçando sobre os bancos.

Uma voz resmungou.

– Peste desse Brozoário! Faz uma semana que ele não aparece e logo hoje, que entrei pela linha e não comprei passagem, ele vem.

Ricardo riu da expressão. Na certa aquele homem nem sabia o que vinha a ser Brozoário. Ouvira de alguma parte e para ele aquilo era tão forte como um palavrão.

Na sua frente o distinto cavalheiro que lia um livro o tempo todo abriu o paletó e retirou do bolsinho do colete o bilhete. Recebeu-o de volta sem tirar os olhos do livro. A capa conservadíssima tal o acuro que o dono lhe dispensava: *O Judeu Errante*.

Pois foi junto do distinto cavalheiro à sua frente que se deu uma vaga em Marechal Hermes. Tratava-se de um senhor gordo, de testa suarenta e sobretudo um pescoço se enforcando numa gravata velha, derramando banha pela gola do batido paletó. Colocou a pasta da marmita sobre o colo e abanou-se com as mãos roliças e pequeninas.

– Uff! Até que às vezes Deus tem pena da gente. Tava com meus calos que pareciam brasa de vulcão.

Ricardo sorriu olhando o homem. Era daqueles que não paravam de falar a viagem inteira. O homem dirigiu-se ao distinto cavalheiro que lia a seu lado.

– Se eu não pegasse essa beira acho que desmaiava de cansaço. Fui dormir quase na hora de levantar. Quebrou o pau lá em casa, sô. A vizinha tem um bandão de galinha, mas não cerca elas. Resultado, as bichas invadiram o fundo do quintal da patroa e ciscaram as mudas de hortaliças que tinham acabado de ser plantadas. Foi um bate-língua dos diabos. A patroa que tem maus bofes sentou varada de bambu nas galinhas. Quando cheguei tava o rolo formado. Entrei de frente. Resultado, fomos parar na delegacia.

– Hum...

Ricardo sorriu bondosamente, mas o homem queria mesmo era conversar com o distinto. Olhou para o irmão, mas ele nem notava o que se passava. Estava perdido na conversa, em frente de duas professoras bem usadas, para não dizer velhuscas. A que contava a história fazia dengues na voz.

– Juro que não sei o que fazer. Mas é um moreno de botar Clark Gable no chinelo. Um tipão de ombros largos. Remador do Flamengo. Uns olhos verdes enormes. Um bigode fininho. Um cabelo negro e liso que cai para a frente...

– E daí?

– Daí não sei que fazer...

– Mas, se o senhor pensa que ficou só na coisa da galinha, está redondamente enganado. A gente foi se deitar pertinho da meia-noite. E quem é que dormia? Todo mundo nervoso dentro de casa. Tomando água de flor de laranjeira. Indo lá fora na casinha, abrindo a porta da cozinha que rangia pra burro.

– Hum...

– Um tipo assim e com aquele sorriso tira a serenidade de qualquer mulher. Fala com a gente, devorando a gente com aquele modo de sorrir. Sabe o que ele me propôs?

– Não. Mas você vai contar.

– Claro. Te conto tudo na vida. Não fosse você minha amiga de infância. Bem, ele me convidou para irmos sábado na sessão das quatro no Metro-Passeio. Nem sei se devo ir.

– Se fosse eu ia de olhos fechados...

– Além daquele rebuliço dentro de casa, o calor danou-se mesmo. O lençol, a cama, tudo esquentava que nem fogo. Eu pensei abrir a janela. Mas a patroa reclamou que entrava mosquito. Falei que a gente abria e botava flit. Mas aí quem pegou fogo foi ela. Se eu estava doido. Logo hoje que ela tivera um trabalho dos diabos para passar cera no soalho...

– Imagine ficar numa fila às quatro na cidade. Fila que não acaba mais. Chamando a atenção ao lado daquele atleta bronzeado, maravilhoso. De repente passa um conhecido. E os comentários vão na certa se espalhar.

– Ora, querida. Que importa? É você quem dá o duro pegando trem de madrugada. Se sacrificando. Que falem. Mesmo sem a gente fazer nada na vida falam, quanto mais...

– Porque na verdade a prefeitura só espia pra cidade mesmo. Copacabana é um luxo. O carnaval leva rios de dinheiro e agora até estádios milionários para um bandão de homem de calça curta correr atrás de uma bola. Um bando de marmanjos que não tem mais o que fazer. O mundo está mesmo perdido. E o resultado é esse: o capim cresce comendo os cantos da rua. Quando chove a rua vira lama pura. E junto ao capinzal se formam poças de água podre e os mosquitos nascem à vontade. Vida, santo Deus!

– Hum...

– Você iria?

– Com um homem desses eu ia até à lua.

– Não sei. Fico com medo porque não sei as suas intenções...
– E quando a gente ia pegando no sono depois de tanta encrenca. Era mais uma modorra que sono mesmo. Sabe o que aconteceu, moço? Uns vagabundos que não têm nada que fazer ficaram discutindo a formação do selecionado brasileiro. Era um tal de pôr Romeu e tirar Luisinho. Um tal de entrar Diamante Negro e colocar Perácio que não acabava mais. É de deixar qualquer cristão enlouquecido...

– Hum...

– Como um homem pode botar a cabeça da gente a perder. Só penso nisso. Até quando eu estou dando aulas enxergo os seus olhos dentro do quadro-negro.

– Como é que ele se chama?

– Ramon. Ah! Ramon dos meus pecados!...

– Aí eu não me guentei mesmo. Pulei da cama e abri a janela com estrondo. “Vocês não têm mais o que fazer? E vêm logo perturbar o sono de quem trabalha e tem que se levantar de madrugada? Por que não vão conversar lá na esquina?” Sabe o que eles me responderam, sabe? Xingaram o nome da minha santa mãe que descansa no céu e ainda me mandaram tomar no fiofó...

Aí deu-se a surpresa. O homem distinto do *Judeu Errante* virou o rosto para o gordo e em vez do hum soltou toda a sua bília.

– Quer saber de uma coisa? Quer? Pois bem. Lá em casa aconteceu algo de parecido. Só que em vez de galinhas eram perus. Até que na sua rua o povo ainda é muito bondoso e pacato. Além de gente conversando sobre futebol, o senhor sabe como fui acordado? Mas sabe mesmo? Com Orlando Silva fazendo uma serenata para mim. Imagine só. Orlando Silva às quatro e meia da manhã cantando “Rosa”, de Pixinguinha, para me acordar. Tá?

O gordo descontrolou-se todo e nem soube responder. O distinto voltou impassível seus olhos para a continuação da viagem do *Judeu*.

Felizmente o trem já tinha atravessado Bento Ribeiro, Oswaldo Cruz e chegava em Madureira, onde o gordo se levantou com a sua pasta de couro preto-russa.

Rapidamente em seu lugar se postou um indivíduo mais ou menos moço, muito perfumado e de cabelos bastante encaracolados, fugindo da moda, porque a moda era alisar ao máximo os cabelos, como o fazia George Raft. Mal o trem rodou nos trilhos, pôs-se a cantarolar baixinho um bolero da moda, com uma sofrível vozinha de falsete.

– Vou?

– Vá.

– Depende.

– Do quê?

– Não sei. Mas já estamos chegando a Cascadura. De Cascadura até Engenho de Dentro eu te digo se vou.

Alguém comentou em Cascadura.

– Não é mesmo que estão começando a instalar as redes elétricas para os novos trens? Vai ser um luxo de matar.

– Besteira. É mesmo que dar pérolas aos porcos. É só botar trem mais maneirinho e limpo que o povo rebenta em dois tempos.

Surgiu a estação de Quintinho.

– Vou?

– Pois claro, mulher.

Encantado apareceu na sua estação apinhada.

– Acho que vou mesmo. Tudo indica que vá.

– Se não for me dê o endereço que eu vou voando.

Engenho de Dentro apareceu bem perto. Ela se levantou e foi tentar abrir o público no corredor do trem.

Pela última vez perguntou.

– Vou mesmo?

– Claro que deve ir. Não é sempre que se encontra um homem assim na vida.

– O que pode a força de uns olhos verdes. Até amanhã.

Mas ao passar por um mulatão de quase dois metros sentiu-se agarrada no braço por uma mão calejada e forte. Olhou o mulato espavorida. Ele sorria cinicamente nos dentes de ouro.

– Sabe, dona, se eu fosse a senhora ia. Mas ia agora e ficava esperando até sábado. Porque na vida a senhora nunca viu uma coisa dessas. Um homem desse tipo não existe nem pra Gata Borralheira. Quanto mais pra senhora. Se aparecesse um homem desses, de verdade, eu acho que até eu ia voando...

Ela se esgueirou nervosa e o mulato riu gostosamente. Sabia que naquele aperto e na pressa de descer não estava se arriscando a levar com a sombrinha pelas fuças.

...

Chegara o sábado. Ricardo e Roberto só trabalhavam meio expediente e aproveitavam um pedaço da tarde para ver a beleza do Rio. Aquela beleza que nunca antes os entusiasmara tanto. Mas o Rio, quando os ardores de verão desapareciam, quando o céu se vestia daquele azul de fim de abril e que aumentava ainda mais de azul saudando o mês de maio... Ah! O Rio de Janeiro em toda a sua beleza e esplendor. O mar emborcando de verde nas bordas da cidade. O verde mais verde e luminoso das montanhas. O encantamento dos jardins. A delícia suave da Gávea guardando a umidade das suas matas e dos seus parques. A elegância de Laranjeiras com os seus solares tradicionais. E por cima de tudo a dignidade do Pão de Açúcar, levando turistas e gente dos outros estados (dos outros estados porque eles como bons cariocas nunca tinham subido nem sequer até à Urca) para descortinar a magia da Guanabara,

espojando-se aos revérberos do sol. E ainda por cima o Cristo de braços abertos, como se fosse uma grande pomba da paz, abençoando e se extasiando ante tanta maravilha.

Almoçaram quietamente em um restaurante agradável na rua São José e retornavam, como Ricardo dizia, à realidade do nosso mundo. Um mundo que começava na Central do Brasil. Na estação D. Pedro Segundo, coroado pela singularidade da favela e pela pedreira de São Diogo. Depois caminharia até a ponte de Lauro Miller, onde rezava a lenda que o engenheiro se suicidara com medo que a ponte desabasse com o correr dos trens e do tempo. Ele se fora, mas a ponte continuava viva e continuaria ainda por muitos anos...

Aos sábados até os trens pareciam conhecer o dia. Não enchiam tanto. Ou porque o regresso era mais cedo ou porque muita gente continuasse com o mesmo horário de trabalho. Para eles não, eram uns favorecidos pela sorte.

Conseguiram sentar-se calmamente num Campo Grande. Pena que não fosse horário do Mangaratiba, que ia direto a Deodoro e de lá até Bangu.

Vinha a invasão dos vendedores de tudo.

– Sorte grande, minha gente. Cobra, jacaré, elefante.

A mulher caminhava entre os bancos, pelo corredor vazio. Falara sardonicamente para um rapazola:

– Veado, moço?

Mas ouvira a resposta que não esperava.

– Vaca, dona.

Disfarçava ante o riso dos outros e procurava entre os bilhetes.

– Vaca não tem.

– Pensei que tinha.

Os jornais apareciam aos borbotões. Os menos afamados no meio dos outros, os mais baratos também no meio dos outros.

– *O Globo, A Noite e O Diário.*

Mas a voz do homem forçava o *Radical*, porque os grandes crimes vinham cheirando a sangue no *Radical* e na *Vanguarda*.

– Pentas, agulhas, carretel de linhas e espelhos.

Até santinhos e santões apareciam nessa hora antes de o trem apitar a partida. São Jorge no seu cavalo matando o seu dragão, pequeno. Santa Luzia carregando a travessa com os olhos, grande. São João com os seus cabelos bem encaracolados e com o carneirinho no ombro, pequeno. Santa Terezinha do Menino Jesus carregando rosas, bem grande...

– Cosme e Damião a senhora tem?

– Puxa, com o diabo de tanto santo a senhora vem procurar logo um que não tem.

Ricardo falou, olhando a paisagem humana, e sorriu com bondade.

– Essa gente é gente, Roberto. Essa gente sabe viver e sabe sofrer. É gente de carne mesmo. E eu gosto da vida deles. A verdade é essa.

Seu olhar adquiriu um tom melancólico e ao mesmo tempo profundamente cismativo.

– Sei. Mas hoje é o dia. Não se esqueça, sábado. Nós combinamos que uma resposta será dada.

– Eu sei. Eles vão embora na segunda-feira. Voltarão segunda-feira...

O trem apitou e foi uma correria de gente que vendia procurando as plataformas para descer.

Mal as rodas deram aquele canto de viagem, um menino de três anos, feinho de doer, vestido grotescamente, imitando o trajar de menino rico, abriu num berreiro danado.

– Água, mamãe. Tou cum sede...

A humanidade se comoveu. Sede já é uma coisa horrível em gente grande, quanto mais numa criancinha.

O menino esganiçava.

Alguém perguntou piedosamente.

– Por que não foi no varejo, dona? Lá, se não dessem água, tinha refresco de limão, laranja, groselha e tamarindo.

– Não deu nem tempo. Eu não podia perder esse trem. Já vinha numa agonia danada, quando saltei na Praça Quinze. Nunca que chegava um bonde “Barcas”. Cheguei aqui estrebuchando. Esse meu filho pesava como chumbo.

A criança aumentava o berreiro. Todo mundo tentava consolar a criança. Que esperasse um pouquinho. Quando chegasse em Engenho de Dentro, pediriam ao fiscal para demorar a apitar. Teriam tempo de correr no varejo e trazer um copo de qualquer coisa.

Mas o menino arroxava de gritar. A mãe não sabia que fazer com a criança no colo. Ninava-a, falava doçura, prometia, mas nada. O barulho era de desenvolver ao máximo qualquer pequena dor de cabeça provocada pelo abafamento.

Conseguiram falar com o cobrador, combinaram demorar dois minutos a mais em Engenho de Dentro. Todo mundo se ligando naquela infelicidade comum.

O trem parou. O fiscal combinou. O apito atrasou dois minutos e um voluntário correu até o varejo e veio voando com um copo de refresco de tamarindo. Aproximou-se ofegante e quis ser ele mesmo o intérprete da sua boa ação. Levou o copo à boca da criança e surpresa imensa apareceu: o menino bateu no copo, empurrou a mão e vociferou:

– Num quero.

Aí a coisa mudou.

– Ah!, você não quer? Pois bebo eu.

Virou o copo goela abaixo. Correu a devolver no varejo e só teve tempo de escutar o trem apitar e começar a andar. Pulou na plataforma e foi ajudado por mãos de boa vontade.

O menino chorava ainda.

Um bombeiro gordo e moreno, que devia pelo menos ter vinte anos de serviços prestados à coletividade, inclinou-se para a

mulher e aconselhou:

– Tenho visto de tudo na vida, dona. Incêndio, afogamento e naufrágio, mas... mas... se fosse meu filho...

Foi o que fez a mãe. Debruçou o menino feio no colo e sapecou-lhe duas imorredouras palmadas. Naquelas palmadas se traduzia a vontade de pelo menos duzentas mãos naquele carro.

Aí o menino choramingou, choramingou, foi fechando os olhos e, para alívio de todos, adormeceu.

– Ricardo, você prometeu. Hoje é sábado.

Ricardo riu e bateu de leve nos ombros de Roberto, acalmando-o.

– Você vai se espantar com a minha decisão. Eu não voltarei com eles. Eu vou permanecer.

– Mas como? Nós seremos ricos de novo, Ricardo.

– Não. Não irei. Eu descobri a verdade e vou trabalhar para essa gente.

– Mas de que maneira?

– Não sei. Na hora Deus me indicará um jeito.

– Você está brincando, Ricardo. E eu?

Ricardo olhou estranhamente para o irmão, mas mesmo assim nos seus olhos existiam um mundo de ternura e compreensão.

– Pois você volta com eles. Só isso.

– Você vai preferir ficar nesse mundo de sacrifícios? Nesse mundo de viagens intermináveis, num universo de uma casinha modesta e apertada, em vez de...

– Certo. Em vez de um mundo egoísta e falso. Cínico e de desamor. Vou ficar. E quando vocês partirem, claro que sentirei a sua falta.

– E Mabel? Mabel é nossa mãe.

– Mabel será feliz. Vai esquecer tudo que passou e voltar ao seu modo de olhar a felicidade. O tempo milagroso tudo apaga, menos as rugas da velhice.

– Você crê, Ricardo?

– Mas o tempo ameniza as rugas da velhice.

Fez uma pausa e foi tomado de uma certa emoção.

– E quando todos partirem, deixarei até o emprego. Não vou mais trabalhar. Só minha alma trabalhará. Vou viver mais próximo dessa gente e ajudá-la.

– De que modo?

– Na hora resolveremos: Deus e eu.

– Ricardo, Ricardo! Como poderá você viver sem nada?

– É suficiente a base. Pedirei que me deixem a casa em troca do bem a que terei direito. Tendo essa base tudo se resolverá.

– E se eu quiser ficar? Eu não o deixarei por nada. Você foi a única pessoa na minha vida que significou carinho para mim. E se eu quiser ficar?

Ricardo sentiu um nó na garganta.

– Não exigiria tanto de você. Mas se você ficasse seria uma festa no meu coração.

– E não sentiremos falta de nada do que já tivemos?

– Eu nunca mais senti falta. Desde o primeiro dia que fugi obrigatoriamente daquela fatuidade. Nunca mais eu voltaria a defrontar-me com aquela que foi o meu amor. Você sabe que estou falando a verdade...

Roberto meneou a cabeça, incrédulo.

– Estranho deixar o mundo de ricos para experimentar um mundo, ao que me parece, de renúncias.

– Estranho, por que, meu irmão? Faz muito tempo um homem chamado Gotama, o Buda, abandonou as pompas e riquezas do seu palácio para viver entre os pobres... e foi feliz. Mais tarde outro homem, Francisco de Assis, também deixou o mundo do luxo para conviver com os menos favorecidos, não é verdade?

– Mas eles eram santos!

– Em suas épocas não o foram considerados como tal. Pelo menos no princípio.

Calaram-se. Entretanto, Ricardo fez renascer a conversa.

– Enquanto sobrar o resto do nosso último ordenado, já que a família não precisará dispor dele agora, viveremos humildemente. E quando acabar Deus nos ajudará. Creia. “Os lírios não tecem, nem bordam. Os pássaros do Senhor enchem o mundo apenas com a beleza dos seus cantos...”

Roberto decidira.

– Juro que eu ficarei com você, meu irmão. Será o meu acompanhamento na mais estranha de todas as aventuras.

– Você verá que não. Que tudo é tão simples. Vamos deixar que cresçam nossos cabelos e nossas barbas. Andaremos como dois velhinhos, na calma absoluta. Eu terei noventa e seis e você oitenta e seis. Só isso. E na maior ternura nos aproximaremos da bondade do coração humano. E essa bondade só existe nas mãos de Deus. E todos podem tocar nas mãos de Deus, contanto que haja a sinceridade no âmago do coração.

Capítulo Quarto

No começo, um novo mundo

DE NOITE, Antão acendeu mais uma vela, procurou a cadeira sua, refestelou Raça Dura no colo e tornou a perder-se nos seus pensamentos.

Ananias acompanhara mecanicamente aqueles gestos que já decorara e cujo único encanto seria ele inverter a ordem da ação causando surpresa. Mas qual o quê! Antão era infalível.

Teve de buscar sua cadeira também. Relanceou a vista pela cômoda pintada de cor-de-rosa na sua humildade desbotada. Em cima, pacotes e pacotes de velas se tornavam testemunhas dos milagres, visitas e dos conselhos de quem procurava o santo. Velas por erisipelas curadas, reumatismos, medo de assombração, espinhelas caídas, nervoso comprido, tosse de cão e tanta coisa mais rezada pelos seus olhos. Impressionante como as velas tinham importância em suas vidas.

“...E agora, Ricardo, como vamos nós fazer?”

Ananias lembrou-se sorrindo dessa primeira pergunta. Depois sorriu mais, porque se quisesse chamar o irmão de Ricardo, não acertaria. Ricardo! Antão sentava muito melhor com a sua dureza.

“...E agora, Ricardo, como vamos nós fazer? A Light cortou a luz. Nossas noites vão ser escuras e tristes.”

Ricardo olhou para ele desinteressado.

“Dá-se um jeito. Você vai ver.”

Falava com segurança absoluta. Aconteceria alguma coisa. Aquela certeza herdada da avó, que gostava de se meter em apuros para ver como conseguia se livrar deles. A família tinha sempre sido complicadíssima. Estranha, superficial e boêmia. Ele mesmo não se esquecia de certas loucuras quase infantis que praticara. Quando a avó morrera, nem sequer se importara. Não que desgostasse da velhinha, que fazia todas as vontades do neto caçula. Ela morreu e pronto. A morte era uma coisa mais que necessária dentro da vida. Um necessário quase desrespeitoso. O povo nascia, não nascia? Conseguia-se viver a vida em suas diferentes fases. Completava-se infância, emendava adolescência, emendava maturidade e penetrava na velhice, nada mais que natural que a morte fosse o alinhavo de tudo. Gente velha devia mesmo esperar a morte. Quando a avó morreu, olhou o corpo duro sem emoção alguma. Afinal vivera oitenta e dois anos. Naquela petrificação última, tudo se perdera: quer a infância, a maturidade e velhice. Mormente a velhice que existira para contar histórias trêmulas; tudo significaria zero e federia dentro em breve. Federia o corpo que tivera orgulho, poses, requintes de elegância e sobras de sangue azul. Apodreceria a língua que contara histórias, falara mal da vida alheia, dissera preces, caluniara e aconselhara. O ventre murcho se decompondo não lembraria nada, a não ser, talvez, folhas de fumo seco. Ninguém ia se lembrar de que fora a continuadora de uma família, que gerara taras e loucuras, desequilíbrios e falsos brios. Orgulho e frustrações. Na verdade, talvez ela não fosse mais do que uma continuidade obrigatória e fatalista.

A avó era aquilo encolhido e mirrado entre quatro velas. A boca murcha e entreaberta sem significar descanso ou dor. Mas as velas, não. As velas eram bonitas, mexiam-se e tinham ritmo de vida respirando...

As velas estavam em cima da cômoda.

“...E agora, Ricardo, o que vamos nós fazer?”

De novo a imagem da avó morta, cercada de rostos que fingiam, tentavam ser compungidos, expressando uma dor premeditada, encenada. E como aquilo tudo o deixava irritado, enjoado da família. Aquela família que gostava de jogo e cujos dedos indolentes pareciam ter nascido somente para embaralhar cartas e apalpar fichas.

Por isso que desde a primeira vez apalpara as galinhas de dona Bárbara para mostrar a si mesmo que seus dedos eram de carne e não de fichas.

Alguns de seus tios olhavam-no rancorosos porque não sabia fingir diante da solene sociedade. Não agradecia. Dava levemente de ombros, quando vinham lhe dizer: meus pêsames.

– Pêsames por quê? Ela era velha e tinha de morrer. Já andava meio caduca, repetindo as mesmas coisas e dera para pintar o rosto de uma maneira mais que ridícula e circense. Foi até melhor assim.

Seus dezessete anos não admitiam uma contrição não sentida. As histórias que lhe contara eram lindas, mas a sua verdadeira história era besta de doer. Sempre conhecera a avó daquele modo. Velha, andando devagar. E quando chegava de viagem, tirava as saias pretas diante das crianças, mostrando um espartilho apertado que teimava em dar forma a um corpo murcho. Trazia balas, revistas, falava rindo, de noite contava histórias da Carochinha e dava-lhe beijos babados de boa-noite. Em suma, uma avó, uma velha.

Bem que pensara, em pequenino, que a avó também tinha sido criança.

– Vovó também foi criança, Roberto.

– Não foi.

– Foi, sim. Pequena como você. Depois é que cresceu.

Como poderia ter sido criança, se a avó aparecera aos seus olhos sempre velha e cada vez mais tornava-se seca e enrugada. Imaginava, imaginava. Um dia teve uma conclusão. Via-a

pequenina, mas igual como estava agora. Uma miniatura de cintas e espartilhos e saias pretas. Assim mesmo. Não riria da descoberta porque pensava seriamente.

As velas na cômoda, Antão pensava e a noite dormia mais quente, porque o verão de subúrbio esquentava mais do que o de Copacabana.

“E agora, Ricardo, o que vamos nós fazer? Precisamos ao menos de velas para a nossa escuridão.”

Mas as velas se encontravam em volta da avó morta. Velas se acendendo, velas se apagando, se gastando. Gente séria aparecendo. E fingimentos e flores. Ricardo espiando, observando com aqueles olhos que desde muito adivinham tudo. Ricardo mais velho que ele dez anos. Aquelles olhos que penetravam tudo. Era ele quem o corrigia sem se zangar, que observava, dava atenção ao seu desenvolvimento físico e moral. Calmo e capaz de lhe fazer um gesto de ternura. Sem nada do esnobismo dos outros. Gostava de lhe pedir todas as explicações possíveis. Era na verdade o seu apoio, o seu amigo. O resto da família não admitia um certo isolamento que o irmão procurava e nem também admitia sem um resquício de nojo que trabalhasse como bancário. Prometera-lhe que logo que se livrasse do exército arranjaria um modo de ir trabalhar no Banco, a seu lado. Ninguém ousava enfrentar a dureza dos olhos de Ricardo, que sabia da vida errada da família. Não comentava o desregramento, mas defendia a sua vida particular, protegendo-a com a espada impressionante dos seus olhos.

O relógio defronte da mesa. Ou melhor, sua avó fora colocada na mesa em frente ao relógio. O carrilhão cantava as mesmas horas. O relógio preto. A avó de preto. Preto – dizia Padre Roquete – preto é a ausência de luz. Um chale sobre os olhos que descia até a boca amarrada agora com um lenço escuro. E, por entre o rendado do chale, o branco enrugado da pele tomava um palor, esverdeando-se.

Não aguentou. Olhou Ricardo e saiu. Lá fora o jardim vivia no resto do entardecer e nas flores. Dirigiu-se para o fundo do quintal, contornando a casa e olhou a mangueira amiga; crescera a seu lado, ao mesmo tempo que seus galhos. Ela era dona das confidências e sonhos de menino. Toda árvore possui coração de criança.

Viu balançando quase que imperceptivelmente o trapézio de fazer exercícios amarrado no galho horizontal e forte. Enojado, sentindo o estômago amargo pelo espetáculo presenciado lá dentro, aliviou-se revendo a bela sombra da mangueira. Verdade que não se aborrecia com a morte e sim por tanto sentimento inexpressivo e fingido. Desejava gritar, de ser tão vivo. Controlou os músculos da perna e saltou. Suas mãos seguraram a madeira do trapézio. Balançou, balançou com mais força e sua vista se perdeu no galho que oscilava, na confusão das folhas verdes subindo e descendo em abertura de leque, tal a vertigem do balanço. Aquilo ia aumentando. O mundo se perdia em verde. O mundo era aquela coisa chata e cansativa que vira antes. Chato, desde os bancos que murchavam a bunda no ginásio. Chato, como as raízes quadradas, as equações de segundo grau. Chato, como a voz do irmão marista que explicava fanhosamente a fórmula da equação biquadrada: “raiz quadrada de menos b mais ou menos raiz quadrada de b^2 menos $4ac$ sobre $2a$ ”. Não, não assim, o senhor errou. Eu falei “raiz quadrada de menos b mais ou menos raiz quadrada de b^2 menos $4ac$ sobre $2a$ ”. Jurava que falara igual, mas possivelmente errara em qualquer colocação do mais ou menos. Mundo besta, chato e vesgo...

Queria esquecer tudo e balançava, balançava e lançava verde e paz no esquecimento que queria forçar.

O trapézio aumentava o círculo. Dobrou as pernas e ficou de cabeça para baixo. Tornou a olhar para cima e a mangueira tinha adquirido a cúpula de um circo; seus pulsos se encontravam amarrados por correias largas. O corpo vestia malha colante

branca e seu peito saliente saltava da camiseta de alças bordadas em ouro. O trapézio voando mais, o corpo dependurado apenas pela ponta dos pés causando frisson na grande plateia. Gente gritando entusiasmada. Não ignorava na volúpia da acrobacia que voltara a ser o mais moço dos irmãos Sarrazani. O homem-trapézio. Os gritos diminuindo. Fechou os olhos deliciando-se com a morte, a parada da velocidade. O mundo aos poucos viria a ser de novo aquela burrice de que fora feito. Voltara também a ser Roberto. Não o mais moço dos Sarrazani. O circo carregava a cúpula, devolvendo as folhas verde-escuras da mangueira. O trapézio parando, parando, parando. Seus olhos se abriram num segundo. Foi quando palmas de verdade ecoaram. Palmas às centenas.

Firmou-se novamente no trapézio e saltou desorientado, no chão. Estava cercado de uma porção de fisionomias conhecidas. Gente espantada que arregalava os olhos ante sua proeza. Gente humana e real que fugira do velório e invadira o pedaço do seu mundo e da sua mangueira.

Imaginou o descuido daquela gente que evacuara a sala e deixara a avó entregue a meia dúzia de mãos que rezavam mecanicamente um terço. O quintal se apinhara. Compreendiam a sua fuga e queriam um espetáculo no interior da sala de visitas...

Seus olhos se encheram d'água e buscou a solidão do seu quarto. Mais tarde o pai subiu a escada e veio chamá-lo para beijar o rosto da velha. Dar o último adeus.

– Não vou. Não quero. Tenho nojo.

Sentiu no rosto a lembrança dos beijos babados da avó. Via agora, mesmo que fechasse os olhos, o rosto saindo da mortalha preta, o lenço úmido que apertava os lábios pálidos. Não. Não iria.

A repugnância invadindo os seus pensamentos. Um rosto-osso, fedendo, ficando gélido, gélido. Não. Quando acabou tudo

é que resolveu descer. A sala silenciosa mais vazia, porque os móveis retirados não tinham ainda retornado aos lugares. Restava, grudado nos tapetes e nas cortinas, o cheiro adocicado das flores. Os pingos de vela sobravam por toda parte como espinhas brancas na face do chão. O relógio vivo gritava as suas horas, num respirar de monotonia. Nenhuma das horas poderia significar tempo, comprovar a existência daquele mundo nojento, asqueroso até.

A mãe se pintava num dos espelhos do grande salão. Minuciosamente retocava o rímel dos olhos, onde as rugas iam devorando as suas pálpebras. A mãe de preto e o relógio sempre preto, preto, grande, bonito, reluzente, parecendo contar em segredo toda uma evolução e toda a decadência do momento de sua família medíocre e insignificante...

“E agora, Ricardo, o que iremos nós fazer?”

“Tenha fé. Espere. Amanhã dá-se um jeito.”

Ananias balançou a cabeça como se quisesse afastar para bem longe aquelas recordações.

O relógio era o mesmo. Mudara de ambiente. Permanecia ali perto da cômoda, porque ninguém o quisera mais. Estava velho. Os pêndulos descascavam ouro. Cupim lentamente devorava a madeira do pai do tempo. Calara-se em sua função. Morrera de silêncio. Morrera como a família que partira. Calara, para talvez não lembrar histórias que ele conhecia tão bem. Velho, velho, o velho relógio preto.

O jeito veio mesmo. Demorou mais dois dias, mas veio.

Era outra noite e Raça Dura remexeu-se no corpo magro de Antão, procurando uma posição mais cômoda. A noite continuava quente e o verão assanhava o cio dos gatos. Sulamita na certa se entregava ao sabor dos instintos. Raça Dura, não. Austero, já sublimara as fases daqueles arroubos românticos. Miava no escuro e ele se punha impassível de olhos quase cerrados, indiferente.

Um grito repercutiu pelas quebradas da noite. E que grito apavorante. A rua se encheu de gente. Todas as janelas se abriram. Cabeças desgrenhadas. Crianças chorando assustadas. O grito se repetiu furioso, funesto, horrendo. Permaneceu mais de um segundo pendurado na noite.

Estavam enforcando gente? Foi lá na casa de seu Costinha? Não foi. Dona Maria José embrulhou-se num lençol e correu à procura do grito.

– Foi a mulher do Miséria e Fome (Miséria e Fome era um vendeiro que não fazia fiado e só faltava vender a mãe, para ganhar mais uns trocados).

– A senhora ouviu o grito, Dona Cordélia? Pois foi. Ela tava de olho arrebetado, pendurado fora das palpras. Devia ter visto meia dúzia de sombração. Ficou de olhos parados, babando, esbabacada. Pegou no facãozão da venda e queria se desencarnar.

Aí Dona Maria José contou abaixando a voz.

– Foi o moço mais velho dessa casa abandonada. Ele foi lá. Trevessou o povo sem nem num pedir licença por obséquio, se aproximou dela e olhou cum um olhar de fogo que era brasa viva. Ela baixou as mãos. Entregou a faca e ele rezou mansinho.

Tornou a fazer outra observação para Dona Cordélia:

– Eu não sabia que eles rezavam assim, tão bem... Depois ele pegou e passou as mãos sobre as palpras dela. A vista se endereitou e voltou pro canto, dentro do olhar. Ele levou ela para a cama no quarto, alisou rezando a testa dela, e ela, trubufe, dormiu. Hoje num se lembra de nada.

Dona Cordélia ficou dura escutando, arregalou que arregalou os olhos. Diante dela, por sobre a cerca, estavam passando fantasmas, almas penadas, capetas brancos, bruxas de meio-dia sem vassoura e até lobisomem fora de sexta-feira...

Mal e mal gaguejou: “Que coisa!...”.

Daquele dia em diante tudo mudou. O verão continuou o mesmo. Os gatos iriam miar muitas noites. Daqui a meses a gata amarela, avó da Sulamita, desproporcionada na sua magreza comprida, traria mais gatinhos feios para o mundo do capinzal. Tão bonita a vida!

As velas começaram a chegar e nunca mais faltaram sobre a cômoda cor-de-rosa e desbotada.

No começo, olhara o irmão mais velho espantado. Aqueles olhos de Ricardo, que tanto amedrontavam a família, eram estranhos mesmo. Ele olhava e se dava aquilo. O fogo flutuante. Uma força monstruosa se realizando fora da sua vontade. No começo, pensara até em loucura. Mas os outros qualificaram devagarzinho como santidade. Ricardo era bom. Totalmente bom. Ele tinha razão, aquela vida que escolhera era humana e verdadeira. E se o seguira voluntariamente devia se adaptar e compreender. Também devagarzinho foi se acostumando aos milagres do irmão. Tudo tão natural. A fama correu pela rua. As velas se multiplicaram. Dinheiro, não. O mais que faziam era aceitar um prato de comida. Depois aos poucos foram dando aula, ensinando a ler. Tudo isso em troca da comida, da roupa lavada e das velas. E as noites deixaram de ser escuras.

– Ajoelhe-se, meu irmão.

Roberto obedeceu.

– De hoje em diante você se chamará Ananias. É melhor assim e muito mais doce para os ouvidos de Deus. Eu serei simplesmente Antão.

Roberto levou um choque e algo doeu dentro do coração. Nem sabia explicar o porquê. Depois foi se acostumando. Ananias, Antão. Antão e Ananias. O relógio parado, a noite quieta e só a gata amarela miando compridamente na escuridão.

Terceira Parte

As guerras

Capítulo Primeiro

Pum!... pum!... – A guerrinha

LÁ ESTAVA Ananias pendurado na cerca, ouvindo conversa fiada de Dona Bárbara. Enquanto isso Tricolinete continuava fuçando no valão. Sulamita esticava sua preguiça mais comprida do que a cauda do capinzal do verão. Ligava à sua cor amarela o capim ressequido. Os olhos esverdeados soltando linguetas de fogo, indolentes fixando a vida. No mais, tudo igualzinho, como sempre.

Dona Bárbara exclamou.

– Lá vai o danado.

Antão andou depressa para o portão, entreabriu-o e gritou.

– Psiu!... Pedrinho, venha cá.

O garoto parou distante dez metros, segurando a gaiola de passarinho.

Ananias aproximou-se.

– Não se chegue que eu corro.

– Não quero pegar você. Só conversar.

– Então “digue”.

O danado o provocava. Devia beirar os oito anos e tinha todas as artimanhas do diabo. Na aula pronunciava tudo errado para irritá-lo. Era “digue” em vez de diga. “Seje” em vez de seja, apunhalando o subjuntivo presente. Isso quando não usava os nomes próprios: “Bartalomeu”. “Bartalomeu” não, Pedrinho. Se diz Bartolomeu...

– Você prometeu que não ia mais pegar coleiro no encanamento. Prometeu, deu sua palavra de honra a Antão que não faria mais isso.

– E quem disse que eu vou no encanamento?

– Estou vendo a gaiola.

– Eu prometi a seu Antão que não ia no encanamento e não vou.

– E onde vai?

– No sítio de seu Abrahão, no fim da rua. Se não fizer assim, já disse uma vez, vou perder meu seriado no cinema Moderno. Não é o senhor que me dá o dinheiro para ver Flash Gordón.

– Górdon.

– Górdon ou Gordón, eu sei é que vou indo.

Virou-se e continuou a caminhada interrompida. Ananias soltou os braços, desanimado. Viu o vultinho querido se perdendo longe. Depois sorriu amavelmente. Era gostoso o sítio de seu Abrahão. Por ter fugido uma vez e passado o dia com o libanês, era que tinha perdido um ano a oportunidade de ser santo no Natal. Por isso e porque se esquecia de que era um anjo e deixava de andar como um velhinho de oitenta e seis anos. Reviu-se lá. Seu Abrahão armou uma rede gostosa à sombra de uma grande mangueira e se viu cercado de meninos. Como ele chamava: os meus pardaizinhos da rua. Chegavam lá fazendo um alarido danado, despejando infância e alegria por tudo que era raio de lugar. Armavam gaiolas pelo sítio todo. Voltavam afogueados e nem pediam licença, entravam na sala para beber água no filtro com uma sofreguidão incrível. Pediam para chupar laranja e ele nunca negava. Só para não tirarem laranja de vez ou verde. Ao entardecer, eles esperavam que seu Abrahão fosse até o chuveiro tomar o seu banho com sabonete *Dorly*, voltasse todo cheiroso, penteasse os fios ralos de cabelo tentando encobrir a careca e voltar para a varanda. Era o seu

momento. Sentar na cadeira de balanço e esperar. Quase sempre a proposta surgida de Pedrinho.

– Não quer cantar hoje, seu Abrahão?

– Vocês já sabem de cor.

– Mesmo assim a gente gosta.

E antes de mais nada entravam no seu quarto, trazendo o bandolim e soando as cordas contra os bordões. Não ignorava que eles faziam aquilo por simpatia. No começo havia até um tom caçoísta no negócio. Mas agora não. Era por amizade. Conseguiram um modo de manifestar gratidão à sua generosidade.

Puxava o corpo grande para a frente da cadeira, arregaçava as mangas da camisa sem colarinho, deixava à mostra os braços cabeludos e recebia o instrumento.

Só sabia duas cantigas e assim mesmo cantava em ritmo de música árabe. Aquilo ajudava a matar a saudade de sua terra distante. Não importava que a música fosse antiga. O que importava era que fazia bem ao seu coração. Dava os primeiros acordes e principiava a cantar:

Yaiá fruta de gonde

E gastanha do Bará...

Fechava os olhos sonhadoramente e a molecada ouvia em silêncio respeitoso. A tal ponto que, sem aquilo, a vinda no sítio de seu Abrahão não estava completa. Terminava e eles batiam palmas e reclamavam logo pela outra.

Os mesmos acordes fininhos do bandolim, tudo igual:

Oí bé de anjo, bé de anjo...

Bé bisador, bé bisador

Tens un bé tão grande

Que é gabaz de bisar Nosso Senhor.

*A mulher e a galinha
São dois bicho interesseiro
A galinha belo milho
A mulher belo dinheiro...
Ói bé de anjo, bé de anjo...*

Batiam palmas e ele entregava o bandolim para guardá-lo, com um sorriso grande onde existia um canino de ouro do lado esquerdo.

Aí ele levantava-se e ia com a gurizada para o porão. Começava a anoitecer.

Uns davam-lhe as mãos. Outros falavam-lhe só até amanhã. Outros até lhe pediam a bênção. E lá se iam de carreira, para chegar em casa antes da noite. Naquela alegria toda, sacolejando as gaiolas e assustando mais os coleiros apanhados.

Era a sua alegria. A infância. E a infância tão bonita como os pássaros. Como a mais bela das flores. A infância era uma rosa.

Ananias retornou devagar até o portão, mas foi despertado por uma zoadada de carroça. E descobriu a razão. Rosinea vinha a pé perto da carroça onde um burro velho e lerdo mal levantava poeira da rua. Ela cumpria a sua promessa: ia morar longe daquela rua sem coração.

Desde que na Rua do Ouvidor levava um esbarrão no violino e a caixa fora ao chão, dera-se a tragédia. A caixa abriu-se e dentro, em vez do violino, havia um avental e a marmitta que também se abriu, derramando farofa e macarrão. Contaram na rua e ela resolvera sumir. Alugar um quarto noutra rua e fazer novas amizades. Nunca mais dirigiria a palavra a qualquer um. Só com eles falaria porque os considerava decentes.

– Bom dia, seu Ananias.

– Bom dia, Rosinea.

A carroça andou mais e ela virou-se triste.

– Adeus, seu Ananias.

– Adeus, Rosinea.

Voltou ao posto antigo, perto de Dona Bárbara. Iam matraquear novamente.

– Não tem jeito mesmo.

– É. Mas o diabo é que eu adoro aquele guri.

– Se vê. Nem precisava contar.

Mas o som da carroça continuou martelando os seus ouvidos.

– Dona Bárbara, a senhora reparou uma coisa?

– No que, seu Ananias?

– A tropa de mulas que vinha do Rio da Prata trazer banana para o mercado nunca mais passou por aqui. Será que tem algum português adoentado?

Antes de responder, fitou bem o rosto inocente do anjo. Será que ele não soubera de nada, não tinham por acaso lhe contado nada?

Na sua cabeça a cena revolveu-se rápida. Um dos portugueses, ao passar por ali, comentou.

– É ali. Cá está a casa dos dois macumbeiros que fazem milagre.

Alguém ouviu e se irritou. Foi tomar as dores. Como? Chamar os santos de macumbeiros? Foi um bate-boca dos diabos. No dia seguinte ficaram tocaiando a tropa, escondidos na casa de seu Abrahão. Diziam até que o velho turco tomara parte.

Fizeram eles se penitenciarem e baixaram um pau que não foi brincadeira; ainda tinham jurado que, se eles voltassem a passar por aquela rua, toda vez que passassem entravam no couro.

– É verdade. Acho que eles resolveram vir por outra rua.

– Mas vão dar uma volta danada.

– Na certa eles resolveram isso porque essa rua está muito esburacada. Depois que deu aquela chubarada.

– Quando, Dona Bárbara?

– Foi de noite. O senhor não viu. Devia estar dormindo sono pesado.

Não quis discutir, mas não notara chuva nenhuma. Porque senão a casa teria amanhecido cheia de goteiras. Enfim, paciência.

Mordiscou um talo de capim.

– Passou a mudança da Rosinea. Coitada.

Dona Bárbara sorriu por dentro. Aqueles homens só podiam ser santos mesmo. Viviam longe de tudo e perto da bondade. Isso que sim.

– Pum!... Pum!... – A guerrinha.

Tinha sido na escola. Um menino provocou os outros comentando: “ele mora na rua daqueles loucos”.

– Louco é a mãe.

– É a sua.

Foi um rolo geral. Foi preciso aparecer a diretora e colocar aquela fila de braços cruzados contra a parede no recreio.

Mas não acabou não. No fim da aula o grude se formou na esquina. Foi um tal de menino lanhado, rasgado, de nariz sangrando e olho roxo que nem dava para contar.

E os dois, ignorando tudo, só fazendo o bem.

Até Dona Maria José entrou na dança quando foi comprar bucho no açougue para fazer dobradinha. Uma guenza amarelada reclamou.

– Ei, seu Deodato. A gente chega premeiro e o senhor vai servir essa macumbeira.

Dona Maria José virou porco-espinho e botou a discovardia para fora.

– Que foi que tu falou, mulhé? Quem é que é macumbeira por aqui?

– Não é, mas vive grudada naqueles maluco lá.

O tapa comeu grosso. Tão grosso que nem sobrou tempo para o palavrão. Resultado foi aquele. Nunca mais a amarela botou os

pés no seu Deodato. Disseram que a coisa foi feia mesmo. Chegaram até a rolar pelo chão, levantando as saias. E o diabo é que a amarela estava sem calças.

– Que foi isso no olho, Dona Maria José?

– Foi nada, seu Ananias. Tava perseguindo uma galinha nanica no quintal e bati com o olho na cerca.

– Então a senhora põe uns paninhos de água bem quente em cima do olho e esse roxo desaparece.

Não, os pobrezinhos não desconfiavam de nada.

– Seu Ananias, se eu contasse um segredo, o senhor guardava?

– Juro por tudo.

E fez uma cruz na boca e outra no coração.

– O senhor sabe quem vai morrer?

– Deus do céu, Dona Bárbara. Não se fala assim...

A outra comentou tristemente.

– É uma verdade triste, mas é verdade. Bangu ficou grávida. Pegou barriga.

– Não!...

– É verdade. O sonho dela era ter um filho que mais tarde servisse à Pátria.

– Mas ela não pode.

– Isso toda a gente sabemos.

– E agora?

– Ela disse que não quer tirar.

– Coitada!

– Pum!... Pum!... – A guerrinha.

Seu Polydoro na feira comentou que o quilo do chouriço estava mais barato na venda do Miséria e Fome.

– Pois compre lá, seu moço. Lá é a rua de milagroso, não é?

– Que é que o senhor quer se referir com isso?

– Não é lá que tem aqueles velhos cabeludos e giras?

– Acho melhor o senhor retirar o que disse. Aqueles homens são dois santos. Respeito, moço, é bom e eu exijo.

Foi a conta. O homem não retirou e seu Polydoro com y no meio lembrou-se dos seus tempos da Força Pública. Foi um tal de voar coisa, de rebentar barraca que não tinha fim. No bar defronte, a confeitaria que era ponto de chofer de praça e todos amigos de seu Poly entraram no brinquedo.

Para encurtar a história: a banca virou muxiba. Se desarmou todinha. O feirante passou na farmácia antes da delegacia. E recebeu um conselho amigo que fosse feirar em Santíssimo, Camará, Realengo, Moça Bonita e que tais. Mas ali em Bangu, viesse mais não. Não era à toa que o delegado tinha sotaque de pernambucano da Ilha do Leite.

E eles não sabendo de nada. Vivendo de doçura e de bondade. Só dizendo coisas que fizessem bem. Era a sua vez de dizer coitados. Coitados, sim, porque a situação estava ficando até perigosa. A igreja entrara em cena. Puseram o Padre Santa Helena de peru no meio da roda. As beatas começaram a trançar os pauzinhos. E quando a igreja entrava, sempre alguém saía perdendo. Coitados!

Antão olhou o sol e sorriu para Dona Bárbara.

– Está na hora de reunir a meninada para a aula.

Entrou e veio com um livro velho e um chapéu de palha esfiapado.

– Até mais, Dona Bárbara. Amanhã a gente conversa mais um pouco.

Afastou-se. Era como a preta Bangu dizia, quando lavava as calças remendadas de Antão e Ananias.

– Será que tem gente tão malvada que é capaz de fazer mal a essas duas criaturinhas? A esses dois santinhos?

A verdade verdadeira: tinha sim.

Que tinha uma mulher que tocava violino, possuía grossos bigodes, morava com cinco parentes, cinco homens vagabundos que passavam o dia jogando cartas com um baralho bem velho e que ficavam de ouvido aceso para escutar a única e velha galinha cantar, anunciando ovo; e que saíam correndo para ver quem pegava primeiro o manifesto da galinha para enriquecer a fraqueza da refeição. Que Dorinha cantasse de Verônica na procissão do Enterro (ficou na dúvida se era Enterro ou Encerro) e que pretendia um dia fazer parte do *cast* da rádio Tupi. Que o violino de Rosinea não existisse e virasse num momento inoportuno em farofa, avental e macarrão. Que seu Edmundo passasse para comprar os jornais, pagava o pão e gastasse a sobra da aposentadoria no jogo de bicho. Que Jacob, ziguezagueando pelas ruas, entrando nas casas e ouvindo tem e não tem. Que a guerra devastasse mares de ódios, ensanguentando desapidadamente a terra e diminuindo os homens. Tinha. E ainda muito mais. Todo o colorido das ruas descalças, esquecidas da comodidade, mas recheadas de música de cigarras, abandonadas pelo descuido da prefeitura e coloridas de vidas vivas, ignoradas pela cidade, mas vibrantes, humanas, respirando e existindo... Pois, tudo isso se juntando, formava um assunto maravilhoso para uma conversa que Ananias não tinha coragem de entabular com o irmão.

Então, as noites tornavam-se impacientemente longas. Abafadas e pegajosas. Os gatos conversavam aos berros naquela eterna conversa: Te dou um vestido de seda – não quero. Te dou um vestido de seda – eu rasgo, eu rasgo. E as horas emudeciam. O relógio parado. Raça Dura, o gato santo, respirando no colo de Antão, ritmando o seu respirar com o do irmão. O silêncio das velas na sala, a dança monótona das chamas. E isso trezentos e sessenta dias. Trezentos e sessenta e cinco dias, trezentos e sessenta e seis dias nos anos bissextos.

Era de amargar qualquer um e fazer às vezes retornar a raiva contra a eternidade.

Começava a praticar jogos de memória: nome de mares, montanhas e de ilhas. Verdadeiras cartografias geográficas. Groenlândia, Djibouti, Caiena, Fernando de Noronha... Credo: só nome de prisões. Mundos fechados de outro calor. E por que não? Não estava quente, a noite? Era quente, mas os gatos se encontravam livres e amanhã Sulamita se confundia no capim, num sono que não tinha mais fim.

Ficava zangado contra as suas próprias queixas, desistia de tudo e terminava por adormecer.

...

A correria aumentou. Os portões se abriam estabandamente. As portas se escancaravam. Gente pulava pelas janelas para chegar logo à rua. Meu Deus! Que foi que não foi? Ninguém parava. Toda a humanidade convergindo para um só ponto. Os brinquedos, o gude, o jogo da criança, os papagaios irritando os nervos finos dos fios da Light, tudo ficou esquecido. O que valia era a grande maratona da curiosidade.

Ananias se pendurou na cerca. Seu Edmundo se esqueceu dos jornais, mudou a direção da rua e lá se foi arrastando os pés, praticando poeira com os chinelos. Meninos esquecidos no portão choravam o abandono. Cercas invadidas por caras velhas que não podiam ir até lá demonstrando medo nos olhos e nervosos gestos. O que foi e o que não foi?...

– Meu Deus! E a notícia esclarecedora não vinha. Não se sabia ao certo o que acontecera. Só todo mundo indo e ninguém vindo para contar o acontecimento.

Ananias se pendurava na cerca quase meio corpo fora.

– Diabo, se não fosse um anjo, ia lá.

Coçou a cabeça meio encabulado. Porque, se fosse mesmo um anjo, já tinha voado até lá. Isso não restava dúvidas.

Voltou quem menos podia esclarecer. Seu Edmundo, suado, vermelho, meio sem fala.

– Que foi, seu Edmundo?

– Dizem que foi uma mulher que se enforcou numa laranjeira. É tudo que sei. Não aguentei chegar até lá.

Apareceu então uma grande esperança. Seu Jacob, que corraera até lá, visto que as casas estavam todas vazias e não respondiam às suas palmas e ao seu negócio.

– O senhor viu?

– Pouca coisa porque eu não gosto de ver essas tristezas. Uma mulher se enforcou na laranjeira. Uma coisa horrível.

E ninguém passava mais. E ninguém voltava mais. E ninguém aparecia para contar o resto do resto. A rua se despovoara. Foi lá dentro. Voltou. Tornou à bica. Veio de novo para a rua. Ninguém. Caminhou novamente até à bica e bebeu um pouco. A rua o atraía, mas como sempre: ninguém. Sentiu sede de nervoso. Lá estava na torneira, abrindo-a, lavando as mãos, molhando o rosto, os cabelos. Gritou por Tricolinete. Mas Tricolinete arrasava o mundo do valão e nem ligou. Aí esqueceu da sua qualidade de anjo e correu para o portão. Nada. Ninguém...

Meu Deus, este povo está louco! O choro dos meninos nos portões aumentava e ele só não chegaria para consolar tanta criança esquecida. De repente seus olhos brilharam. E foram brilhando ainda mais. Dona Maria José vinha numa fúria louca. O busto balanceando sem compasso, as pernas arqueadas de tanto carregar a novidade e de tão longe. Aí, Ananias entrou de mansinho, sem fazer ruído e foi se deitar no fundo do quintal, escondido no meio da cerca de crótons e do capinzal crescido. Ninguém poderia contar uma história melhor que ela.

– Dona Cordélia! ...

Nova pausa. Os olhos de Dona Cordélia estavam alcançando o apogeu.

– Pois quando ele voltou, ela estava lá. Dependurada na laranjeira. Um horror! Os olhos saltando pra fora. As pernas fina balançando, se balançando. A língua, Dona Cordélia. Ai Jesus! A língua roxa saindo quase dois palmos no canto da boca. A pele cor de coador de café lavado, dando pra ficar cinzenta...

Os olhos de Dona Cordélia estavam chispando. Redondos como bola de gude. Nem respirava. Estava dura. Durinha. Duríssima. Foi-se virando para o lado do seu quintal. Não entendia nem as palavras de Dona Maria José contando o enforcamento. Fixou as laranjeiras e tremeu. As laranjeiras adquiriram proporções imensas. Os galhos estavam recurvos. Cheios de laços. Cheios de gravatas. Cheios de cordas de enforcar e avançavam em sua direção. Tinha chegado a sua vez. Que vale que a morte viria rápida. Já se resignara. Fechou os olhos. O mundo rodou e estatelou-se no chão.

...

De noite, os santos foram chamados às pressas. Antão ficou lá uma porção de tempo passando as mãos e diminuindo o brilho de pavor dos olhos de Dona Cordélia. Até que ela adormeceu de todo.

Dona Bárbara balançou a cabeça, pensando.

“Ou esse homem para de fazer o bem ou Pum!... Pum!... a guerrinha vai continuar danada.”

Capítulo Segundo

O soldado, o sonho e a enfermeira

NEM PARECIA que o verão, o grande verão, partira há muito tempo. Verdade que o frio tornava as noites mais gostosas para dormir, diminuía os mosquitos, mas crucificava os que tinham de levantar cedo, os que mourejavam na pedreira do Murundu e os que trabalhavam engolidos pela fábrica. Os da pedreira sempre viviam entre a vida e a morte. Ficavam lá em cima quase tocando com os dedos no céu e olhando para baixo davam com o cemitério, a terra dos dormidos, só lembrados por flores e velas, ou alguma saudade que morasse no coração.

Chegava o frio e todos ansiavam pela volta do verão. Vinha o verão e as reclamações se multiplicavam porque o calor demorava tanto. Nem parecia que fora tão quente assim o último. Ninguém estava muito contente com as estações. Mês bom mesmo era abril. Mês de muito azul no céu e que nem era quente nem frio.

O frio agora entrava por todos os cantos de todas as casas com aquela umidade que nem um pouco de pinga conseguia aquecer. Quem tinha um cobertor razoável podia se encolher no seu abraço acalentador. Mas os santos se encolhiam todos, debaixo de umas colchas ralas. Era preciso que unissem o queixo aos joelhos como se fossem fetos ampliados. Achavam

bom quando o dia apresentava um pouco de sol. E foi no sol minguado que Dona Maria José encontrou os dois sentadinhos nos tamboretas. Tricolinete esquentando-se nos pés de Ananias e Raça Dura entrando quase peito adentro na magreza de Antão.

Vinha com um grande embrulho de jornal.

– Imagine o que eu trouxe aqui?

Eles apenas sorriram sem responder.

Ela desembulhou o grande pacote e duas capas velhas azuladas apareceram. Não eram bem capas e sim japonas sem botão dourado.

No chão, rolando do pacote entreaberto, ainda havia um embrulho de papel de venda, cor-de-rosa.

– Não é coisa muito nova, mas esquentada. Foi Cordeiro quem inventou de trazer.

Experimentaram. Entretanto, as japonas viraram quase capas. Tal a magreza e o encolhimento dos dois.

Dona Maria José coçou a cabeça.

– Credo! Cordeiro falou que era as menores que tinha por lá.

– Mas são ótimas e muito quentes. Muito obrigado, Dona Maria José.

– E são muito lindas também.

Ela abaixou-se e apanhou o embrulho.

– Comprei dois tamancos na venda do Miséria e Fome. Onde já se viu ficar pisando no chão de pé nu, com essa friagem toda. De repente pegam uma gripe forte, uma tosse de cão ou um pileumonia braba?

Andaram devagar com os tamancos e acharam muito bom. Ananias sorriu feliz para Dona Maria José.

– Ano passado, quando fazia muito frio, eu quase perguntei se seu Cordeiro não tinha disso pra arranjar pra gente.

– E por que num falou? Ficaram passando frio um inverno todinho...

– A senhora já faz muito pra gente.

Ela se emocionou. Eles nunca reclamavam nada. Tudo pra eles se apresentava de bom para melhor.

– E o que os senhores faze pra gente?

Antão tomou a palavra.

– Nós não fazemos, na verdade, nada. Às vezes a gente acerta quando Deus permite.

– Hoje a gente vai dormir tão quentinho, não vai, Antão?

– Se vai.

Dona Maria José olhou os dois mondronguinhos que sumiam dia a dia conforme iam ficando mais santos e teve uma piedade tão grande dentro da alma que quase ficou com os olhos molhados.

– Me diga uma coisa. Já tomaro café hoje?

– Não, senhora. Dona Bárbara foi visitar uma prima na serra que está com espinhela caída e Dona Cordélia está pros lados de Realengo. Foi ver o nascimento do primeiro neto.

– Então desde ontem os senhores não comem? Meu Deus!

– Não, senhora. Pedrinho ontem trouxe uma maria-mole pra mim e eu dividi com Antão.

Aquilo era demais! Se era. Não havia cristão que não ficasse com lágrimas nos olhos em ver tanta humildade. Eles nunca pediam nada a ninguém, mas quando precisavam deles não mediam esforços para o bem fazer.

Dona Maria José deu a mão aos dois.

– Vamos lá em casa, vamos.

Atravessou a rua carregando os santos pelas mãos como se fossem duas criancinhas, o que na verdade não deixavam de ser.

Sentaram-se na cozinha e começaram a comer pão e a beber café.

– Coma mais um pedaço, seu Antão. O senhor tá desaparecendo. Tá ainda mais magro que seu Ananias.

– Precisa não, Dona Maria José. Eu quase nunca tenho fome.

Mas segurou na mão o naco de pão oferecido.

– O tempo tá passando, minha gente. E a barriga de Bangu está crescendo que é uma coisa.

Silenciaram um segundo, porque todos conheciam o tamanho daquela tragédia.

– Pode ser hoje. Pode ser amanhã... E o que dá pena é que a pobre até num poder andar mais ficou bordando os trezinhos de nenê que num pode ter. A gente ficava com a impressão que ela tava fazendo fralda e cueiro para a morte...

Ananias se comoveu. Muito mais do que Antão.

– A gente fez de tudo pra ela arrancar a criança. Ela nem num quis. Preferia ir a favor do que contra a vontade de Deus.

Ananias lembrou-se da mulher comprida que gostava de lavar a roupa deles e dizer coisas bonitas de se ouvir.

– Ela sempre foi muito *Bayer*.

– O senhor fica falando difícil e a gente não entende. – Ele riu feliz na sua japona usada.

– *O que é Bayer é bom*. Logo, ela é muito boazinha.

Calaram-se, e o pensamento de Ananias foi lá longe, na curva escondida do passado. Um seu colega de banco usava sempre aquela frase. Nem sabia por que se recordara aquilo agora. Ele era capaz de repetir todos os anúncios dos bondes verdes.

Veja, ilustre passageiro

O belo tipo faceiro

Que o senhor tem a seu lado.

E no entanto acredite

Quase morreu de bronquite

– Salvou-o o Rhum Creosotado.

E tinha mais, o seu colega era capaz de dizer tudo aquilo trocando o final das frases.

Veja, ileiro passajustre

*O belo teiro facipo
Que o senhor tado a seu lem.
E no entretite acredanto
Quase morrite de bronqueu
Salvou-o Reotado Creoshum...*

– Vamos, Ananias. Vamos. Onde é que você estava? No mundo da lua?

Olhou Antão e sorriu sem nada dizer. Não podia explicar que fugira da condição de anjo por alguns momentos.

Os dois atravessaram a rua de mãos dadas e lentamente. Mas antes prometeram que iriam comer um prato de comida na casa de Dona Maria José.

Ananias ficou com a coisa de anjo martelando na cabeça. Nunca perguntara a Antão a que espécie de anjo ele fazia parte. Qual a sua classificação. Padre Roquete sempre dissera que os anjos se dividiam em muitas legiões: Anjos, Arcanjos, Potestades, Tronos, Querubins, Serafins e parece que Domínios. O resto não tinha lembrança exata. Mas não fazia mal. Mas se ele pudesse mesmo escolher, escolheria a legião dos Tronos. Era mais lindo. Deviam ser os anjos-reis, os anjos-duques, os anjos-príncipes. Uma lindeza de coisa.

...

Resolveram apagar as velas cedo para aproveitar bem o calor das jponas, visto que a noite era chuvosa e ventava bastante. Seria o primeiro inverno em que teriam tão bom abrigo. Anos passaram-se sem que conhecessem aquele doce conforto. A chuva manhosa driblava as telhas e caía fora das latas de goiabada que lhe servia de amparo. De vez em quando algumas gotas acertavam no vasilhame e cantavam um som gostoso e convidativo a dormir.

Meia-noite já deveria ter-se passado quando bateram furiosamente na porta.

– Seu Antão!... Seu Ananias!...

Ananias levantou-se depressa, riscou um fósforo e acendeu uma vela. Abriu a porta a quem chamava e recebeu um pouco de chuva no rosto.

Era o próprio seu Deodato quem viera correndo.

– É a preta Bangu. Ela está morrendo e quer ver os senhores.

Nem havia o que discutir ou o que pensar. Foi enfiar o chapéu de palha na cabeça e os tamancos novos nos pés e buscar a rua.

Feia e triste, a rua descalça se encontrava ensopada pela chuva. Tinham que pular as poças de quando em quando.

– Vamos beirando a luz dos postes, que é mais alto e menos molhado.

Nuvens de insetos esvoaçavam em volta da lâmpada e sapos se assustavam com a aproximação de gente.

– Fizeram de tudo. De tudo. Até o farmacêutico da fábrica apareceu. As comadres parteiras disseram que não há jeito mesmo. Que o filho não nasce de modo nenhum.

Andaram mais debaixo da chuva e a distância se esticava por causa do lameiro e do perigo dos escorregos.

– Chamaram Dona Rosália, a benzedeira, e ela viu que não dava mesmo. Chamaram o Dr. Frederico, e ele disse que mesmo fazendo cesariana a mãe não escapa. Telefonaram pra tudo que foi assistência. Mas de Deodoro pra Engenho de Dentro não tem uma. Houve um engavetamento de trens em Sampaio. Uma catástrofe. Tão dizendo que morreu mais gente e tem mais feridos do que os últimos desastres já havidos antes.

Estavam chegando no fim da rua e já se notava a claridade da casa acesa. Mesmo com a chuva havia gente apinhada no portão e junto da cerca. Tinham umas vozes que cantavam um bendito em tom bem baixo.

– O enfermeiro aplicou uma injeção que ela vai ficar meio tonta até chegar a hora final.

O povo se afastou respeitosamente quando os santos começaram a entrar.

Da sala se ouvia o gemido da mulher. Ajudaram a tirar as juponas encharcadas e eles deram boa-noite com humildade.

Num canto sentava-se o Padre Santa Helena, que viera para confessar ou mesmo administrar extrema-unção.

Cumprimentaram simpaticamente o padre, porque sabiam que ele era uma pessoa de muita bondade mesmo. O padre respondeu e ficou analisando a penúria e magreza dos dois homenzinhos barbudos e cabeludos. Eram aqueles os homens-problema da sua igreja. Mas como criaturas tão simples e de olhar tão puro poderiam merecer tamanha guerra, como estava havendo ultimamente? No máximo viriam ali para rezar e tinham esse direito. Pois ele também não viera para rezar? De coração fazia uma oração para que a pobre coitada não sofresse demais. Sabia lá o que era ter uma criança procurando vida, querendo sair e a natureza se recusando a ajudar? Mil gotas juntas não alcançariam a dor enorme que sentia a mulher gemendo lá dentro.

Passou a mão na testa para limpar o suor do mal-estar. Fazia frio, mas a sala se encontrava abafada transudando aquele cheiro de roupa usada muitas vezes sem a lavagem suficiente. Fechou os olhos, tentando cochilar, mas o rosto dos dois homens aparecia na sua retina como dois anjos de expressão purificadora. Estranho tudo aquilo...

Antão entrou no quarto e na velha cama ele descobriu Bangu de olhos esbugalhados e o rosto lúcido de suor. Parecia que um brilhar envidraçado morava nas suas pupilas.

Aproximou-se dela e tomou-lhe uma das mãos. Apertou-a com certa força. Só o gemido da mulher se ouvia no quarto. Nem Ananias respirava forte para não atrapalhar. Quem acompanhava

a manobra do santo fixava o olhar com rigidez, como se formasse uma corrente unida de esperança. Da última esperança.

O enfermeiro estava fascinado com a cena. Dona Maria José por pouco mais bancaria Dona Cordélia e ia ter uma coisa.

Aí, Bangu o descobriu e falou baixinho, implorou.

– Me salve, seu Antão. Me salve. Não me deixe morrer...

– Calma, minha filha. Aqui não se trata de ninguém morrer. Se acalme.

Sem desgrudar a sua mão, ajoelhou-se com dificuldade e colocou a outra mão sobre o ventre tumefato da negra.

Foi então que se deu uma coisa impressionante. Antão elevou a vista para o alto e seus olhos derramavam luz. Como se grandes lágrimas de luz descessem sobre sua face e sua barba. Todo seu corpo se transparecia e parecia querer elevar-se do chão.

Começaram a se afastar dele assustados. Um grito horrível escapou-se da boca de Bangu. O ventre começou a se movimentar, a se movimentar.

Aí sobreveio uma enorme palidez em troca da luz que desaparecia.

Começou a falar se debruçando sobre o rosto, quase tocando no ouvido da mulher. A fala saía com esforço, ofegante, sentida.

– Viu, minha filha. Você queria um filho para servir à Pátria, não foi? Mas nem sempre as coisas saem como a gente quer. Mas Deus lhe deu a vida. E você não terá o sonho completo... Não será um soldado, mas uma linda enfermeira para também...

Pediu que o erguessem, pois não tinha forças. Todo o seu corpo era um tremor total.

– Chamem as parteiras e o enfermeiro. As convulsões do parto começaram. Agora o trabalho é de...

Deu com os olhos de Dona Maria José deslizando verdadeiros jorros d'água. E foi tudo. Caiu desmaiado no chão.

...

Durante uma semana Antão ardeu em febre e Ananias quase enlouqueceu pensando que o irmão morresse. Mas aos poucos melhorou. À sua cabeceira, revezavam-se dia e noite todas as mulheres da rua. No meio delas, Dona Bárbara, Dona Cordélia e Dona Maria José.

A notícia do nascimento da filha de Bangu correu rapidamente por todas as ruas do subúrbio.

E Dona Bárbara não cansava de murmurar amedrontada.

– Meu Deus, se antigamente era guerrinha, Pum!... Pum!..., agora o que será?

– Pão! ... Pão! ... uma guerrona.

Capítulo Terceiro

A volta

SUANDO EM BICAS, empurrando devagar o corpo gordo para a frente, protegido por um guarda-chuva desbotado, lá ia o Padre Santa Helena para a estação.

Subindo a escadaria, divisava a tabuleta: Bangu. E do alto, o seu subúrbio, o seu mundo se descortinava melhor. O campo do Bangu Atlético Club. Os grandes jardins da fábrica de tecidos e mais ao longe, ao sabor do vento, um mundo de papagaios coloridos trançando o céu. Era o tempo do papagaio e a menina fugia do seu catecismo, das suas rezas. Mas que reza maior existira do que encher o céu de Deus de cores tão bonitas como o azul e o branco das nuvens? Pensava isso para poder amenizar, tirar o peso do coração. Estava presente no mundo daqueles papagaios. O mundo das ruas descalças. O mundo da tuberculose. O mundo da gente comida pelo apito nostálgico da fábrica.

Principiou a descer os degraus lentamente, colocando os pés com cuidado para não molestar a cruz da sua gota. Mas dessa vez suas mãos doíam mais, porque embora trocasse a pasta negra de mão para mão ela pesava tanto quanto todos os pecados do mundo. Em seu interior encontrava-se aquele maldito abaixo-assinado. E logo ele o portador de tamanha crueldade e miséria.

Tão angustiado se encontrava que não conseguia olhar a quem o cumprimentava. Sentia-se na mesma situação de Pôncio Pilatos. Sem nada poder fazer. Nada.

Procurou um banco e sentou-se colocando aquela maldita pasta junto a seus pés. E como não sentia ânimo para conversar, retirou os óculos do bolso, encangalhou-os no nariz e abriu o Goffiné. Tentaria manter um diálogo com Deus para que ao menos um vestígio de paz nascesse ou renascesse em sua alma. Assim, parecendo rezar, pois não o conseguia, o povo o deixaria em sua solidão.

Mesmo assim não evitou que algumas criancinhas dele se aproximassem pedindo santinhos. Procurou nos bolsos e, como não os encontrasse, foi se desfazendo dos poucos que marcavam seu livro de orações. Quando acabou, deu um sorriso triste.

– Agora acabou. Se vocês forem lá na igreja me procurar, eu dou mais. Tem santinho para todos.

Voltou a concentrar-se nas orações e não conseguia, porque os dedos em riste das três Marias o crucificavam, o empurravam contra a parede da sacristia.

– Infelizmente, Padre Santa Helena, o reverendo deixou a coisa se alastrar demais. Demais, mesmo. Veja agora o perigo que correm as nossas vidas. O senhor precisa tomar uma atitude drástica.

Na verdade, a guerra começara. Aliás, as duas guerras. Do outro lado do mundo os homens se ameaçavam e se destruíam. A Alemanha devorava a França. Ameaçava engolir a Inglaterra. E os noticiários dos jornais mostravam fotos sangrentas. A Rússia logo tomaria partido. Os Estados Unidos também. Navios eram postos a pique. O Brasil aderira à guerra. Até o Sebastião, filho de Dona Conceição, se alistara de voluntário. Partira feliz, na inocência dos seus vinte anos, para a guerra. O seu orgulho não conseguira apagar as lágrimas no rosto de sua mãe. Lembrava-

se que ele fora até à igreja tão moço, tão lindo e tão feliz, pedir sua bênção. Além de abençoá-lo, colocara no seu peito, presa a um alfinete, a medalhinha de Nossa Senhora da Penha. Para que o protegesse naquela sinistra aventura. E assim muita gente deveria estar se sentindo naquela hora. Quantas mães, quantos pais espiando fugir dos lares uma mocidade inquieta. E com quem Deus estaria numa guerra? Ele que era só amor, paz e bondade. Na certa, os alemães e sua religião achavam que Deus estava com eles. Na certa, também os franceses e sua religião achariam que Deus estava a seu lado...

De tarde os jornaleiros apregoariam novas sangreiras. Novas atrocidades. Novas barbaridades. Navios indo ao fundo. Até os brasileiros já começavam a ser torpedeados. Lera muitos nomes de navios brasileiros que tinham sido cruelmente destroçados. Confundia os seus nomes. Não sabia se estava certo quando os qualificava. Se era o Poconé, o Itanagé e outros. Só um ficara gravado na sua memória: o Araraquara. Isso porque tinha o nome de uma arara na frente...

Mas na frente dos seus pensamentos: o dedo de outra guerra. Uma guerra que o atingia mais de perto e duramente. Era o dedo em riste das três irmãs.

– Veja o perigo que corremos. O senhor mesmo viu que despedaçaram os vidros de nossa casa. Por enquanto foram só os vidros. Mas temos recebido ameaças. Bilhetes escritos e enrolados em pedra. Aqueles loucos não podem continuar. Não podem mesmo. O senhor está vendo a histeria coletiva que deu naquela rua e atingiu em cheio as outras circunvizinhas. Como se não bastasse o perigo que correm as nossas santas vidas, ainda o prejuízo enorme que teremos em restaurar toda uma frente de casa.

Do outro lado apareceu seu Abrahão. Vinha no seu terno enfatiotado da Missa do Galo. E quando o libanês se abalava até a sua sacristia era porque a guerra estava acesa mesmo.

– Olhe, Padre Santa Helena. Ninguém quer mexer com ninguém. Mas se for preciso, o pau quebra mesmo. Ora, deixem os santinhos em paz, porque eles não fazem mal a ninguém. São uns bobezinhos inocentes que só abrem a mão pra fazer o bem.

Limpou o suor do esforço aliviando o rosto e empinou de novo o nariz cercado de um bigodão preto que começava a embranquecer.

– Nada de história de levar os santinhos pro hospício não, padre. Eles só vão sair de lá, se saírem por sua vontade. Eu vim aqui em nome do povo daquela e das outras ruas. Tá bem, Padre Santa Helena?

Prometera ao velho libanês que eles só sairiam de lá de livre e espontânea vontade.

Mas de novo as três irmãs o acusavam.

– O senhor tem uma certa culpa, Padre Santa Helena, não deveria ter deixado a coisa atingir estas proporções. Os homens têm que ir para o hospício. Lugar de doido é no hospício.

Não era à toa que os seus cabelos ralos e loiros tinham se embranquecido nesses últimos meses. Sentia-se tão aturdido que não notou o trem se aproximando e o pessoal procurando lugar onde pudesse subir. Um homem o cutucou.

– Padre, o senhor está tão distraído que ia perdendo o trem.

Agradeceu sorrindo o auxílio que as mãos simpáticas lhe davam, ajudando a erguer a gordura de sua angústia.

– Deixe que eu carregue a sua pasta.

Melhor assim, porque o homem não saberia que estava carregando o peso constrangedor do mundo. Não havia lugar, mas uma alma bondosa cedeu o banco para o padre gordo e cansado, suado e triste. Com a pasta entre as pernas, voltou a procurar o Goffiné no bolso. Precisava fugir às conversas, mas mesmo assim teve que responder monossilabicamente a dois comentários sobre a guerra.

– Tá certo que alguns os achem loucos, mas por enquanto eu só vi bondade no que eles fizeram até agora.

Dona Maria da Penha se encrespou como um velho galo de briga.

– Bondade? O senhor chama bondade aquilo? É loucura e das boas e eu estou aqui para falar pela maioria da comunidade. Ou eles saem por bem ou por mal. Não ficaremos assistindo impunes aos ataques da credice dessas ruas. Nosso Senhor Jesus Cristo não carregou uma cruz no Gólgota para se expor ao ridículo de dois velhos, mendigos, sujos e analfabetos.

– Eles não são nada disso. São remendados, mas limpinhos, não pedem esmolas e não são analfabetos. Ao contrário, estão vestidos de doçura e da humanidade que tanto caracterizaram a ternura de Jesus.

– Então quer dizer que o senhor está do lado deles? Está contra a dignidade da nossa e da sua Santa Igreja?

– Não estou tomando partido. Apenas não quero ser precipitado nem participar de uma injustiça.

– É bom que o senhor saiba que os nossos homens vão se armar para evitar os ataques que nos estão fazendo. A nossa gente, os filhos de nossos amigos. E vai ser, Padre Santa Helena, vai ser um rio de sangue e violência. Nada nos deterá contra a fúria de uma plebe alucinada.

Meu Deus, meu Deus! Que fazer? Que argumentos usar numa hora dessas?

– Está bem. Procuraremos agir da maneira mais calma. Irei até à rua e conversarei com o povo.

E fora. A resposta viera nítida e sincera.

– Eles não irão para o hospício. Não serão tirados por mal. Só sairão de lá se quiserem de espontânea vontade ir para o hospício. Ou se seus parentes vierem buscá-los.

– Muito bem. E nesse caso quem avisará os seus parentes? Uma pessoa tem de viajar até à cidade e procurar pelos seus

parentes. Essa é que é a verdade nua e crua.

E a pessoa indicada tinha sido ele. Por isso se encontrava no trem que rodava nos trilhos, com a sua pasta desbotada. Com o guarda-chuva da sua paciência e velhice, já bastante envelhecido e ruço.

Virou a página do livro, porque teria de dar a impressão de que rezava.

Era a guerra. As guerras. A guerra. As guerras. O trem falava para os dormentes: a guerra, as guerras, a guerra, as guerras...

Lá os homens se matando, se devorando. Aqui, os homens se matando, se hostilizando. E revia o dia do chamado milagre.

– O senhor mesmo presenciou o milagre.

– Não, eu não vi o milagre. Eu saí antes e se tal houve foi por vontade de Deus. Não cai um só fio de nossa cabeça sem a vontade de Deus.

Apareceram risos de deboche ante essa afirmativa. Mas o milagre maior que vira nos homens era apenas a simplicidade. Eles chegaram meio tímidos, meio encolhidos. Olhando com uma pureza, uma bondade, uma compreensão tão grandes que enchiam o coração dos outros olhos de confiança e paz. E, resignado ao fracasso de sua vida, lembrou-se mais dos olhos dos dois homens a quem chamavam de loucos. Aquele brilho de doçura e carinho era um verdadeiro templo. Um templo maior e mais caloroso, mais humano e mais vívido do que todas as velas, todos os círios, todos os altares, todos os santos da sua igreja.

Sem poder, foi ficando com os olhos embaçados e apressadamente retirou o lenço bordado com as suas iniciais em verde e tapou os olhos soluçando baixinho. Porque nem mesmo chorar um pobre e miserável padre tinha esse direito.

...

Foi recebido numa saleta tão luxuosa como nunca vira antes. Esperava sem jeito, com a pasta sempre se apoiando nos joelhos e o guarda-chuva tinha sido guardado pela empregada. Se por acaso se esquecesse de pedi-lo, não voltaria atrás com vergonha, apesar de ser o único que possuía.

Mabel entrou na sala devagar. O padre que a conhecera antigamente notou a diferença do tratamento. Agora seus cabelos encontravam-se completamente brancos e os repartia ao meio num coque atrás da cabeça. Apertou a sua mão e com a mesma mão prendeu o ombro do padre, sabendo da dificuldade que o atacava para movimentar-se.

– Quanto tempo, não, Padre Santa Helena?

Perguntou gentilmente da sua gota e se ele ficava para o jantar.

Nem sabia o que dizer. Aquela mulher um dia ficara mais à vontade no seu ambiente do que ele, ali.

Suas mãos aparentavam tratamento e a pintura das unhas tinha uma tonalidade natural. Nem mesmo a pintura manchava o seu rosto onde as rugas demonstravam envelhecimento e dignidade.

– Eles de novo?

– Sim. Eles. Só que dessa vez a coisa está tomando um tom de tragédia, de guerra até.

Abaixou-se e abriu a pasta entregando o abaixo-assinado.

Mabel colocou os óculos e leu demoradamente. Fitou perplexa o sacerdote. Seus olhos estavam cheios d'água. Apenas murmurou com agonia.

– O povo tem razão. A sua igreja tem razão e naturalmente o senhor também.

– Estou nisso como Pilatos no Credo, Dona Mabel. Eu não queria que acontecesse isso aos moços. Lutei o máximo. Por nada no mundo deixaria que os dois saíssem de lá à força. Foi também por isso que resolvi ser o portador dessa mensagem.

Livre daquilo, suas mãos pareciam ter adquirido a força normal e o mal-estar diminuía na alma.

Mabel rolou a folha de papel almaço no colo e fitou longamente a cortina de cassa. Depois puxou a fita de uma campainha e esperou sorrindo de uma maneira tocante.

Quando a empregada entrou, apenas pediu.

– Por favor, peça a Dona Clarissa que tome meu lugar. Não voltarei ao jogo hoje.

Justificou-se ao padre depois que a porta se fechou.

– Estávamos jogando um pif-paf. Algumas vezes na semana fazemos isso e tiramos uma parcela para uma obra de caridade qualquer.

Agora o peso mudara-se para as suas mãos e não sabia como principiar a resolver o problema.

– O senhor acha que é caso de tratamento? Claro que acha. Eu também raciocino do mesmo modo.

O sacerdote meneou a cabeça.

– Eu gostaria de saber se eles pioraram tanto a ponto dessa gente querer escorraçá-los da rua.

– São acusados de fazer milagres. Acusados de fazer o bem. Não acredito que fosse preciso tanto. Mas há uma guerra ferrenha entre o povo da minha igreja e o das ruas que cercam onde eles moram.

Mabel reviu a casinha modesta em todos os seus detalhes.

– Procuraremos retirá-los de lá...

Mas foi traída pela emoção e chorando agarrou nas mãos do padre.

– Por favor, Padre Santa Helena, não deixe que maltratem os meus filhos. Eles estão doentes, mas não são criminosos.

– Não sou eu, é o povo da rua que não deixará que ninguém toque nos moços. De minha parte também tenho tentado amenizar sempre a situação. Envidarei todos os meus esforços para que não haja violência.

A empregada voltou com uma bandeja de prata. Os dedos de Mabel tremiam tanto que o padre pediu para que o deixasse servir. O café acalmou um pouco os ânimos e logo que a empregada se retirou recomeçaram a conversa.

– Não dava para a senhora ir ajudar na vinda deles?

– De nada adiantaria a minha presença. Talvez fosse agravar mais ainda a situação. Para eles eu fui um fracasso voltando. Eles julgam que voltei exatamente ao superficial da vida que levava antigamente. Mas não compreenderam que apenas procurei de novo garantir o resto da velhice que ainda me sobra.

– Talvez o mais moço...

– O Roberto?

Padre Santa Helena sorriu.

– Sim. O que chamam de Ananias. Talvez esse não esteja tão doente e possa ajudá-la.

– É difícil. Roberto sempre seguiu os passos do irmão. A prova é que há muitos anos o acompanha nessa terrível aventura. O senhor sabe o que acontece em cada Natal? Pois bem, eu envio presentes para cada uma de minhas amigas. Peço que Dona Bárbara entregue uns pacotes a eles. Pois eu soube que eles abrem os presentes e distribuem para quem acham precisar mais. Sempre foi assim. Eles nos repudiaram. E só gente que não está sã pode proceder da maneira como eles vivem.

– Quem me dera ser como eles e ter aquela paz de espírito e renúncia. Nunca um santo deixou de passar por louco antes. Só Deus poderá julgar na Sua justa bondade.

Mabel recostou-se na poltrona e suspirou fundamente.

– Muitas vezes sinto saudades daquela rua. Foi um ponto de referência que Deus me deu para descobrir que não significamos muito nesta vida. Nunca encontrei tanta sinceridade em corações humanos como no meio daquela gente. Enfim...

Voltou à posição anterior e ligou o comutador, inundando a saleta de luz, pois que a tarde estertorava.

– Rômulo irá amanhã com o carro. Tentará trazê-los. E aqui chegados serão encaminhados aos melhores médicos, aos melhores sanatórios. O que me preocupa, padre, é se eles não quiserem sair.

– Com ternura, jeito e paciência, eles acabarão voltando.

– Caso contrário?

O padre abriu as mãos sem poder responder como desejava.

– O povo... a polícia... o hospício...

– Por favor, não continue. Mesmo loucos são meus filhos e eu lutarei até a morte para ajudá-los. Mesmo não ignorando que eles não querem mais saber de nós. O senhor poderia nos ajudar acompanhando Rômulo.

– O que estiver em minhas mãos o farei de coração.

– Então o senhor ficará aqui. Jantará conosco e amanhã cedo irá no carro do meu filho mais velho.

– Não posso, Dona Mabel. Eu agradeço a gentileza, mas não posso ficar.

– Seria uma caridade para mim. Pense na gravidade do caso, padre. São os meus filhos. Por que o senhor nega que eu receba alguém daquele subúrbio que tanto me ajudou? Por amor de Deus. Eu suplico que fique.

Mesmo assim o padre continuava indeciso.

– Se não quiser jantar na mesa com os outros, porque eu entendo que os outros possam desagradar à sua simplicidade, jantaremos os três, o senhor, Rômulo e eu, num outro compartimento. E falaremos com mais calma sobre o assunto. Fica, não?

– Sabe, Dona Mabel, eu me sentiria honrado, mas tenho uma complicação comigo que me força a voltar hoje mesmo para casa.

– A gente não poderia resolver aqui mesmo? Use de franqueza comigo, Padre Santa Helena. O que existe de tão complicado assim?

Ele abaixou os olhos encabulados e a voz quase não saiu.

– São os meus pés.

– E que têm eles?

– Eu sofro de gota e cada noite preciso de um tratamento simples, mas especial. Se não o fizer, amanhã passarei um dia pior do que os comuns.

– E o que é necessário?

– A minha velha empregada os lava toda a noite numa bacia de água morna com um pouco de sal. Em seguida, passa talco entre os meus dedos para que amenize o ardor.

– Então o senhor ficará. Eu mesma lavarei os seus pés. E o senhor não me negará essa oportunidade de devolver um pouco de gratidão ao seu mundo.

– Isso nunca permitirei, Dona Mabel. Por nada desta vida...

– São favas contadas. Nem se fala mais. O senhor verá que os meus filhos se enganaram a meu respeito em algum ponto. Eu aprendi a lavar. Nunca mais esqueci uma fala. E era Dona Bárbara na sua simplicidade: “a gente nasceu para servir os outros”.

Levantou-se e deu a mão para o sacerdote.

– Vamos que eu o levarei ao quarto de hóspedes. Nem precisa subir as escadas. Vou lhe arranjar um pijama. Uma toalha e uns chinelos cômodos. O senhor vai ver que a minha rua não é descalça, mas possui ternura. Depois do banho o senhor descansará um pouco até a hora do jantar.

Parou e olhou o padre com as lágrimas descendo. Tomou as mãos gordas entre as suas e apertou-as com carinho.

– Só Deus pode avaliar a caridade que o senhor está me fazendo!...

...

A novidade invadiu a rua. Por todo canto o mesmo grito se repetiu.

– Estão querendo levar os santos.

Foi um corre-corre dos diabos. As casas ficaram vazias. Quem tinha vassoura, foice, machado, pedras e tijolos e ainda por cima pedaços de pau se munuiu deles. Mal o carro negro e luxuoso atravessou a Rio-São Paulo e virou para o lado dos santos, o povo encheu a rua e se preparou para tudo. Cercaram a casa dos dois homens se preparando para defendê-los com unhas e dentes.

Só os dois lá dentro ignoravam tudo. Mas por garantia Dona Bárbara e Dona Cordélia entraram pelo fundo da cerca e foram conversar com eles como a resguardá-los mais.

Do carro, Rômulo e o Padre Santa Helena divisaram a multidão parada em atitude hostil.

– Precisamos de muita calma, Dr. Rômulo. É melhor dirigir com mais vagar. Não há de acontecer nada, meu Deus!

Tirou um lenço branco do bolso e, de uma maneira meio ridícula, colocou o braço para fora, acenando-o.

O carro parou a dez passos e a multidão parada espiando. Gente desde Vovó Sinhazinha até Pedrinho. De seu Abrahão até o Miséria e Fome. Não se sabia de onde surgiu Rosinea, esquecida do seu rancor e empunhando uma sombrinha ameaçadoramente.

Primeiro desceu Padre Santa Helena e deu um sorriso sem jeito.

– Bom dia, minha gente. Não viemos aqui com má intenção. Vocês viram, eu fui até à cidade como combinamos e trouxe o irmão mais velho. Se eles não quiserem ir, não serão forçados. Mas seria melhor que vocês todos ajudassem.

Mostrou o carro com a mão gorda. Queria provar que a sua intenção fora a melhor possível.

Encaminhou-se para seu Abrahão.

– O senhor tem de ajudar a convencer os moços a irem. É melhor. Dona Mabel vai tratar deles. Arranjar bons médicos.

Vovó Sinhazinha se intrometeu na conversa.

– Médicos pra quê? Eles não são doentes. Não existe médico pra curar santidade.

Seu Abrahão falou pelo povo.

– Traga os moços. Se eles decidirem a ir, não faremos nada.

Rômulo desceu e parou no portão meio tombado. Reparara por um momento o estrago que o tempo e o desleixo fizeram na casinha. Faltavam telhas e as cercas já quase não existiam mais. Buracos se abriam nas paredes, mostrando os dentes dos tijolos. O capim cercara a casa e só deixava uma passagem por uma espécie de trilheiro.

A cabeça de Dona Cordélia na janela da cozinha.

– Pode trazer os santos.

E vieram os dois devagarzinho como se tivessem realmente a idade que julgavam ter. Dona Cordélia trazia Ananias pela mão e Antão dava o braço para apoiar-se em Dona Bárbara.

Foi então que o povo da rua percebeu que realmente eles tinham se tornado dois velhinhos trôpegos e emagrecidos. A pele do rosto parecia ter escurecido com a magreza e com a sombra das barbas compridas.

Eles nem se espantaram com tanta gente parada defronte à sua casa. Riram bondosamente para o Padre Santa Helena e depois para o homem bem vestido. Ananias não o enxergava direito, porque o sol era muito forte e eles tinham saído da sombra. Mas aos poucos reconheceu o homem. Espiou para Antão e reparou que nos seus olhos não existia o menor vislumbre de reconhecimento. Sentiu uma dor muito forte, como se fosse rebentar o peito. Era o primeiro arpão da dolorida realidade.

Abriram o portão para que passassem. O silêncio e a expectativa habitavam em cada rosto. Parecia que ninguém

conseguia respirar.

– Roberto!... Ricardo!...

Olhou o rosto dos dois mais irritado do que emocionado. Pegou no braço de Antão.

Mas com gentileza Antão soltou-se da mão que o agarrara e falou com a voz mais doce possível.

– Eu não sou Ricardo, moço. Ele não é Roberto.

– Vocês estão velhos e acabados. Estão caminhando como se fossem dois velhinhos.

– Mas nós somos dois velhinhos. Ele tem oitenta e seis anos e eu noventa e seis. Eu sou Antão. Ele, Ananias. O senhor deve ter-se enganado. A quem busca?

Os olhos de Rômulo criaram chispas de raiva, mas ligeiro o braço do sacerdote o deteve, implorando.

– Calma. Eles são como crianças. Deixe que eu trate com eles.

Os olhos de Antão começaram a ver tanto rosto amigo junto. Parecia uma festa e fazia muito tempo que não via uma festa.

Ananias encaminhou-se para o carro e, num gesto de anjo, talvez o último, ficou espiando os faróis tão bonitos e os para-lamas lustrosos, apesar da poeira da rua. Com as costas da mão, ficou limpando o pó. Fazia aquilo para disfarçar, porque dentro a dor continuava crescendo muda.

Rômulo veio até ele.

– Você quer? Eu dou esse carro para você.

Ele sorriu e foi até perto da direção.

– Entre. Sente para ver como é macio.

Ananias entrou e balançou-se nas molas macias.

– Posso buzinar?

– Claro. O carro é seu. Se você for comigo para a cidade, eu dou o carro para você.

Ele desceu a sua dor ao mesmo tempo que o corpo.

Rômulo se encaminhou para Antão para fazer-lhe também a mesma proposta.

Padre Santa Helena segurou docemente o braço de Ananias. Segredou-lhe a seu ouvido.

– O senhor sabe a verdade. O senhor precisa ajudar a gente. Tem que levar o seu irmão. Porque senão será pior e muito mais triste.

Os dois homens se olharam bem próximos e Ananias prometeu no olhar que iria fazer o possível. E a sua dor continuava mordendo-lhe até a tristeza.

Antes que Rômulo dissesse qualquer coisa, passou os braços carinhosamente sobre os ombros do irmão.

– Venha, meu irmãozinho. Venha ver o carro que é um brinquedo lindo e grande. Ele vai dar pra gente todo esse carro bonito. Você não quer entrar, meu irmãozinho? Faça isso se me quer algum bem.

Mas Antão continuava parado indiferente, fitando o carro. Não se interessava em se aproximar.

– Você não acha o carro preto grande e bonito?

– É sim, Ananias. É grande e bonito. Mas de que adianta. Amanhã será também uma lata velha a mais. Só isso. Vamos entrar que é melhor. Lá dentro existe mais sombra e mais calma.

Mas a mão forte de Rômulo o impediu.

– Ricardo, Ricardo!... Você não me reconhece? Eu sou Rômulo, seu irmão mais velho.

– Eu sou seu irmão? Não. Só aquele: Ananias é que é meu irmão.

Aí Rômulo explodiu.

– Idiotas. Idiotas! Cretinos! Porcos! Sujos. É isso o que vocês são. Preferem se lambuzar na esterqueira a viver uma vida digna na cidade. Nós enriquecemos, cretinos. Se esqueceram do aneurisma do tio Hermes? Pois o idiota nos deixou ricos,

riquíssimos! Vocês precisam sair desta imundície e voltar para a cidade comigo.

Padre Santa Helena atravessou sua figura entre os dois.

Antão puxou Ananias pelo braço e comentou.

– Vamos, meu irmãozinho. Vamos que esse homem está louco e poderá nos agredir e fazer-nos mal.

Puxou o irmão para dentro e fechou o resto do portão, que por milagre se mantinha em pé.

Foram se afastando de novo, como dois velhinhos trôpegos, procurando a sombra e a calma do interior da casa humilde.

Ainda lá dentro escutavam o doido vociferando praga contra eles.

Viu os olhos cheios de lágrimas de Ananias, passou-lhe os braços pelos ombros e abraçou-o como se o ninasse.

– Não fique assustado, meu irmãozinho. O mundo está cheio de gente violenta assim como aquele homem. Mas aqui dentro, enquanto estivermos unidos na nossa amizade, ninguém nos separará e fará qualquer mal.

Capítulo Último

A Paz do Senhor

DE NOITE, na sala, como se nada tivesse acontecido, as velas continuaram acesas sobre a cômoda. O relógio parado, a noite quieta e o tempo do cio de Sulamita se acabara.

Antão pensava. Voltaria ao seu estado anterior. Mas ele não. A dor da verdade o atingia. Continuava em seu olfato o perfume do irmão invadindo a casa pobre, grudando-se na cerca, nas paredes. Aquela gente ainda era, voltara a ser, a mesma coisa. A família continuava não prestando para nada, como nunca prestara. Sempre a mesma repetição de superficialidade. Imundos! Tinham de novo a casa em Copacabana. Possuíam automóveis. Deveriam continuar jogando, jogando. Até perder de novo, jogar fora a herança honesta deixada pelo tio Hermes. Iriam queimar, gastar, hipotecar o suor do velho tio solteirão que nem sequer deixara um herdeiro decente. Eles não mudariam nunca. Para que queriam que voltassem? Antão ignorava tudo. Mas ele sabia da verdade, da dureza da realidade, das palavras recordadas em pedra, duras, doloridas que iam aumentar a sua dor escondida. Ananias sabia que precisava voltar. E aquela fora a melhor de todas as oportunidades. Pena que não tivessem ficado esquecidos para sempre naquela ruazinha deserta. Mas era gente do outro lado do subúrbio que fizera a guerra contra eles. E por quê?

Ouvia o chiado do carro rolando e a molecada atrás. Os homens e as mulheres dizendo impropérios contra o irmão.

As palavras de fogo de Rômulo chicoteavam seus ouvidos. Idiotas! Cretinos! Eram aquelas palavras que tentavam atingi-los no eco de fraternidade. Idiotas, cretinos simbolizavam em um instante os anos de ausência de uma família que nem fizera falta...

Ah! Se fosse possível eles continuarem velhinhos e trôpegos, que caminhassem devagar, que se vestissem como mendigos, que tremessem as mãos como senis. Como os senis que se aproximam da morte. Era tudo isso preferível. Preferível ter a bondade no coração e a indiferença pela matéria que apodrece...

De repente, Antão foi tomado de um ligeiro tremor. Olhou o rosto do irmão. Tinha emagrecido tanto que a pele se colava nos maxilares e já agora os primeiros fios brancos invadiam sua cabeça e sua barba. Raça Dura, no aconchego do seu colo magro, se assustou até.

– Ananias, meu irmão. Por favor, traga a sua cadeira para bem perto da minha. Será que você faria isso?

Ananias dessa vez não obedeceu.

– Você gostaria de conversar comigo um pouco?

Não respondeu. Estava ninando a sua dor sozinho. Tantas noites procurara eco na solidão do irmão. Mas ele se santificava e não respondia quase.

Não se conteve ao pedido do irmão e acabou aproximando.

– Ananias, eu estive pensando muito. Aquele homem disse que era nosso irmão. Você ouviu?

– Ouvi, sim.

– Mas por que dizia que era nosso irmão?

– Porque a verdade era essa. Ele é nosso irmão mais velho. É Rômulo.

– Não. Não pode ser nosso irmão. Se fosse mesmo nosso irmão, não nos teria chamado de idiotas, de cretinos. Irmão não

trata outro irmão dessa maneira.

– Pois é nosso irmão mesmo. Ah!, meu irmãozinho tão querido, se você soubesse pelo menos da metade do acontecido...

– Assim como?

– Por exemplo: a guerra.

Ananias remexeu-se angustiado e virou o rosto aflitadamente para o irmão.

– Você disse que houve guerra? Mas houve guerra mesmo, Ananias?

Antes de responder, Ananias levantou-se, arrastou a cadeira para junto da cômoda e apoiando-se em sua borda trepou sobre a palhinha furada. Abriu o velho relógio, procurou a chave e começou a dar corda nele. O ruído encheu de vida a sala.

Voltou para junto do irmão tornando a arrastar a cadeira e a se sentar no canto anterior.

– Por que fez isso, Ananias?

– É a realidade de que fugimos. Nós paramos, mas o tempo não parou. – Deliciava o ouvido com o bater ritmado do relógio preto.

– Mas houve guerra, Ananias?

O anjo fitou o irmão longamente. Recordou-se das suas noites de angústia silenciosa, quando queria falar, quando queria contar, conversar com ele sobre a guerra, sobre a dificuldade da vida, o escasseamento dos víveres, sobre tantos problemas da rua... As semanas que ficara com raiva da eternidade em que olhava o relógio parado e as sombras das velas que dançavam a música de sua solidão. Lembrava-se então de tudo. Das Missas do Galo e dos Presepes. Das suas lutas contra o sexo, contra o desespero de fugir das lembranças, de prender-se na sua santidade tão difícil de alcançar. Da sua vida sublimada, se resumindo apenas numa sala, numa porquinha, numa gata amarela, num capinzal, no silêncio e sobretudo na distância...

– Houve guerra mesmo, Ananias?

Que adiantaria falar agora? Agora era difícil, tornava-se difícil falar. Difícil, porque tudo passara e de fato se sentia envelhecer. De hoje em diante a rua já não teria o mesmo colorido de outrora. Não sabia bem o que aguardava pela frente. Antigamente, sim, a rua era a rua descalça. Os ímpetos daquela época, sim. A curiosidade, as novidades que descobria e tinham que morrer consigo mesmo. A satisfação de escutar às escondidas tudo que se passava na rua... nada tinha que comentar agora. Esgarçara-se no tempo. E o tempo só agora renascia no vibrar alegre do pêndulo do relógio.

Não respondeu ainda à pergunta de Antão. Só indicou o relógio trabalhando naquela voz que agora se assemelhava a sons vivos e humanos.

Antão sorriu tristemente. Ora, o relógio. Eles não precisavam necessitar do tempo. Logo, logo, o irmão esqueceria de dar corda nele, sentindo a inutilidade das horas.

– Houve guerra mesmo, Ananias?

Pensou que deveria ter retornado com os outros. Mas como abandonar o irmão que nem sabia que a guerra estourara. Mas também retornar com os outros por que e para quê? Lembrou-se de Mabel. Eternamente retocando os lábios, os olhos, a sombra azul sobre as pálpebras. Engrossando os lábios com batom. Mabel, que se tornara divina de humanidade, maravilhosa de compreensão humana. Mabel, que virara toda uma ternura. Mabel, com medo de ficar com eles. Ansiosa para voltar ao seio da inoperância. Mabel, que chutara a verdadeira chance de ser viva. Mabel, que os abandonara, afinal.

Sentia à sua frente as mãos tratadas de Rômulo. As unhas polidas e brilhantes arrotando atitudes. A empáfia de Rodolfo com a certeza de que a vida fora feita exclusivamente para o seu bem-estar. A fraqueza de tia Clarissa tão fantasticamente

imprestável e ingrata. Nem sequer fizera uma visita à sua mãe durante o tempo em que classificavam aquilo de: Degredo.

Mas Antão parecia ter adquirido a monotonia do tique-taque.

– Houve guerra mesmo, Ananias?

Não. Não voltaria. Como poderia abandonar a rua. Esquecer a única vez que fizera um milagre, uma graça, curando com mijo novo a erisipela de Dona Pifância? Esquecer o capinzal do verão? A gata Sulamita sempre cercada de filhotes feios e compridos? Tricolinete, que crescia assustadoramente? E depois, como poderia, meu Deus, abandonar Antão? Deixar o irmão que sempre o quisera tanto? Abandoná-lo naquela sala nua, tão vestida de abandono e cada vez mais vazia? Ficando Antão com as velas, o gato Raça Dura, o relógio morto e a sua ausência na cadeira defronte? Trocar a calma do silêncio pelo fingimento, pelo som das fichas, pelo falar forçado dos outros?...

– Pela última vez eu pergunto, meu irmão. Houve mesmo guerra?

Bem que não queria falar. Não queria mesmo. Olhou o irmão nos olhos e sentiu necessidade de esclarecer sua curiosidade. Procuraria falar bem pouco.

– Sim. Houve guerra. Muitos anos de guerra. Os homens se mataram tanto. A vida encareceu. Os homens se mataram muito. Tião, o filho de Dona Conceição, não voltou mais. Países foram invadidos. E os homens continuaram se matando ainda muito mais. Inventaram a bomba atômica que arrasou impiedosamente cidades...

Antão não ouvia mais. Pensava nos homens se devorando. Nos homens se devorando. Nos homens se devorando...

Ananias agora tinha vontade de falar, de não poder parar mais.

– Crianças, velhas e moços caindo pelas estradas. Aviões devastando tudo. Consumindo um mundo perdido. Houve guerra,

Antão, e só você não soube. Você e algum outro santo como você...

“Sangue, sangue, mais sangue e só sangue. Sangue moço, sangue velho se juntando no chão das estradas, nos buracos dos prédios derrubados, na lama das ruas que ficaram novamente descalças. Entretanto, a você, agradecem. Dão velas. Você é santo e cura a tristeza dos outros e rega a esperança de todos com sua bondade. Mas, lá, regaram a vida com o sangue do ódio. Trucidando os corpos dos irmãos. E todos eram irmãos...

“Mas aqui, bem perto da gente, os outros, a nossa família, bebeu o suor dos homens dos campos pelas mãos gananciosas de tio Hermes. Nos lugarejos abandonados, cheios de febre, ele vendia um queijo e a cachaça por preços desmesurados e todo esse dinheiro iria se transformar em fichas escorrendo o suor dos pobres. Entre dedos lustrosos e unhas tão polidas que refletiriam a luz dos grandes lustres. Houve guerras, Antão, e você nem soube.”

Não falou mais. Apenas abaixou a cabeça e continuou a remoer os pensamentos das noites esquecidas.

Aquela confusão de morte. E por que os homens se matavam? Por que os homens se adiantavam para a morte quando a morte sempre viria naturalmente, por fim? Teria de vir. Se a queriam mais cedo, havia as probabilidades dos desastres, os desesperos dos suicídios. Se a queriam mais tarde, mais tarde nos leitos eles esperariam por ela. Mas por que matar? Destruir, destruir e devastar? De que essência tão má brotava o coração dos homens maus? Os irmãos se entrematando. Lá e cá, os homens se explorando pelo preço, de tudo, principalmente da vida. Diminuindo-se lá, pelas lâminas, pelas bombas, pelas balas... cidades destruídas. Navios torpedeados... A senhora dos ódios: a bomba atômica. Lugarejos dizimados pela febre e pela fome. Bocas famintas e o queijo e a cachaça custando fortunas. Bocas famintas, corpos famintos: lá e cá. Em todo canto a

matéria se deteriorando, se vendendo, se conspurcando. Sangue enfraquecido em todos os corpos. Corpos morrendo, e bem perto a canção das cigarras morava no verão dos espinheiros e a rua ainda era bonita. O silêncio da sala. As velas da paz ardendo. Os hospitais vermelhos e mãos moribundas sem velas. Ruas calçadas se enchendo de pedintes da piedade alheia. Restos de gente com a alma completa. Toda aquela grande miséria sem a paciência humana e filosófica da morte. Sonhos interrompidos. Lares incompletos. O sorriso de Tião partindo como herói. E o filho de Dona Conceição não voltou mais.

Mas, para eles, a família voltara. Só que de maneira diferente. Com a baioneta da maldade espicaçando a humildade de suas vidas. Idiotas! Idiotas e cretinos! Eram assim reconhecidos. A eles que se desprenderam da matéria, que somente olharam o próximo com os olhos de infinita bondade criando símbolos de aproximação. Como poderiam os homens ser de ferro quando a carne era somente a carne? A força da fraqueza levava o vício e a virtude ao mesmo lugar, para apodrecerem juntos. Maus os homens, os de lá e os de cá.

E foi assim que Antão chorou. O santo estava chorando. Chorava de dor pelo abandono dos outros, pela incompreensão, pela tristeza, pela maldade do mundo dos homens.

Aos poucos sua dor foi se sublimando, se cristalizando na segurança da sua dureza. Agora só existia um fino caminho de lágrimas secando contra o vinco do rosto magro. A barba resplandia, guardando um simples fio de orvalho. Acabava-se o pranto que viera pela primeira vez em muitos anos lentamente, lentamente...

Ananias olhou-o, contristado. Tomou seu pulso seco entre seus dedos num sinal de cordialidade e aproximação. No latejar, sentiu que o santo vivia o resto daquela dor passageira. Apenas o sangue latejava contando movimentos infinitos de vida, de sangue e de células. Nada disso apareceria diante do mistério

dos olhos. Mas o relógio na parede estava vivo. Ressuscitara. Viveria mais vinte e quatro horas, tentava traduzir em sons o latejamento do irmão dentro daquela solidão desejada.

– Sabe, Ananias, nós cometemos um engano muito grande.

Fez uma pausa e soltou o pulso dos dedos de Ananias. Precisava da mão magra para em gestos poder se expressar melhor.

– Nós salvamos a rua, mas deixamos de salvar o mundo. E precisamos salvar o mundo.

Balançou a cadeira e alisou o pelo de Raça Dura.

– E amanhã é outro dia de Natal.

Ananias sabia que não era, mas se ele desejava que fosse, por que contrariá-lo?

– Amanhã é outro dia de Natal. O dia de que você tanto gosta.

Muito bem. Então amanhã era outro dia de Natal. Eles cortariam os cabelos. Dona Bárbara viria dar boas-festas e perguntar se haveria aula. Não, no dia de Natal não haveria aula. Não havia nada. Nada de nada. Nem guerra houvera. Nada existira. E o milagre maior, incompreendido, vinha do nada. No mais, a vida era bonita. Bonita como a terra, como o capinzal, como as rosas de maio, como o mistério sem desenvolvimento da rua. Os mistérios cresciam para se matar. Os meninos de pipiu de fora cresciam sem compreender o mistério da rua. Os homens grandes eram aqueles sem classificação que tinham crescido e se adaptavam ao meio em que apareciam. A verdade é que a vida não tinha mistério. Era só mais comprida que qualquer rua. Sua finalidade era apenas: aceitá-la, achá-la bonita, para depois devolvê-la debaixo de uma primavera de terra ou de pedra.

Nada importava. Amanhã seria outro dia e a noite voltaria a ter a solidão de outras velas em outros cantos. Porque talvez a sua noite e a de Antão fosse variar um pouco. O relógio talvez morresse nos últimos movimentos, estertorando devagar. A

poeira viria de novo cobrir sua cor preta descascada. E o preto também não era cor. Tudo uma ilusão de ótica. O professor de física falando no raiar da vida, nos vislumbres esquecidos do passado:

– Senhores, preto não é cor. É ausência de luz.

No momento, a noite era a sala e a sala se encontrava clara. Viviam as velas em forma de luz oscilante. A verdade é que as velas eram tudo. Davam luz aos vivos e até aos mortos disfarçavam a sua feiura e insignificância ante sua luz.

– Amanhã, Ananias, quando o nosso irmão vier nos buscar, iremos.

Fez uma pausa e olhou o céu das telhas vãs.

– Você irá comigo, não irá, Ananias?

– Claro que irei, meu irmão.

Afirmou aquilo com a maior de todas as ternuras. Aos poucos seu coração renascia de doçura. Iria com ele onde quer que fosse. Para o Purgatório. Para o Inferno. Até mesmo para o Céu.

Amanhã pela manhã, os sinos da igreja estariam cantando. E Padre Santa Helena lembraria que nascera o Homem. Lembrando que surgira há muito tempo um homem que salvaria o mundo. E o mundo não se salvara de todo. Porque o mundo era aquilo mesmo. Era preciso que os homens se matassem. Que os velhos morressem. Senão haveria tanta gente que as calçadas das ruas se encheriam de tanta sombra, causando a noite.

– Senhores, preto é a ausência de luz.

De manhã, Sulamita se espicharia no capinzal amamentando com a fome de sua magreza os gatinhos de olhos azuis. Tricolinete não morreria nunca, porque era o símbolo da ternura e a ternura não morre. Nunca apareceria no espeto. Mesmo porque não possuíam uma travessa grande para colocá-la na mesa com rodelinhas de limão e farofa na barriga. Continuaría sempre como a rainha do valão, gorda e luzidia.

– Amanhã, quando nosso irmão vier nos buscar, nós iremos. Iremos à cidade e da cidade vamos começar a salvar o mundo.

– Sim, meu irmãozinho. Começaremos a salvar o mundo. No começo vai ser muito difícil.

– Certo, será. Então vamos dormir bastante agora. Levantaremos cedinho para nos preparar.

– E como sabe que ele virá?

– Porque eu sei de tudo, Ananias. Amanhã ele virá.

Apagaram a noite e se encaminharam para o quarto. Amanhã seria dia de Natal. Um homem viria. Um homem que também iria perder o mundo e a paz.

...

Levantaram-se tão cedo que foi preciso acender velas. Antão readquirira uma mocidade inusitada. Dera até para andar depressa, olhando os detalhes das mínimas coisas. Ao contrário das outras manhãs, a sua alegria tornava-o até certo ponto tagarela.

– Hoje é a manhã de mais um Natal, Ananias.

– Eu sei. Natal é um dia como outro qualquer.

Nem sequer perguntaria se conseguia ser santo este ano. Esperara demais cada ano que passara.

Antão achou na cômoda a tesoura e puxou o tamborete. Pela primeira vez, cortavam os cabelos na cozinha e à luz de velas.

– Sente-se.

– Não, Ananias. Hoje você será o primeiro.

Obedeceu e ouviu o tique-taque da tesoura decepando seus cabelos longos. Depois a tesoura continuou encurtando a sua barba.

– Sabe, meu irmão, hoje os seus cabelos estão mais longos e a sua barba também.

Apenas sorriu. Levantou-se e cedeu o lugar ao outro. Em silêncio, executou a sua tarefa.

– Agora vou lá dentro arranjar as nossas coisas.

Enquanto Ananias caminhava para o quarto, abriu a porta. A manhã começava a pintejar o céu. Voltou-se e apagou as velas. Saiu para o quintal. Queria espiar pela última vez a manhã dos homens. Os pássaros começaram a cantar muito antes do apito fúnebre da fábrica. Havia um adeus em cada canto que olhasse. Cada pedaço de cada coisa guardaria um resquício de saudade. Sabia que viriam buscá-los. Sabia que Antão não se enganava nunca.

Dona Bárbara, estranhando aquele movimento fora de hora, veio até à cerca para espiar.

– Que foi, seu Ananias?

– Não foi nada, Dona Bárbara. Bom dia.

– Mas o senhor cortou a barba e o cabelo?

– Antão inventou que hoje era a manhã de mais um Natal.

Dona Bárbara notou que Ananias estava chorando de leve.

– Mas por que o senhor está assim tão triste? Cada Natal o senhor sentia a alegria de um passarinho feliz.

– Mas hoje o nosso Natal vai ser completamente diferente. Eu até queria lhe pedir um favor.

– Diga que eu faço.

– Espere só um instante.

Voltou ao tanque e descobriu Tricolinete. Tricolinete ainda adormecida entre uns panos velhos.

– Vamos, minha bichinha.

Sentiu o calor do seu corpo, que engordecia cada vez mais. Ficou até com muita pena.

Suspendeu a porquinha nos braços, que acordou reclamando num ronguim-ronguim cheio de dengues.

Na caminhada até a cerca da vizinha, apertava toda a sua ternura contra o cheiro natural de porco do animal.

– A senhora poderia tomar conta dela pra mim? Eu não posso levar o bichinho comigo. Pra onde vamos, não dá.

Falou gaguejando o tempo todo. Dona Bárbara apanhou o animal adormecido.

– Mas pra onde vão os senhores?

– Ele resolveu ir. E eu o acompanharei onde ele quiser ir. Só isso.

– E quando é que irão?

– Hoje mesmo. Lá pelas nove horas virão nos buscar. Antão não se engana.

– Mas ontem mesmo ele não queria ir?

– Resolvemos ontem à noite. Assim é a vida. Assim foi a vida. Talvez seja a melhor solução. Agora preciso ir arrumar as minhas coisas.

Saiu caminhando como um velhinho de oitenta e seis anos. Carregando o desânimo de uma longa vida fatigada.

Dona Bárbara ficou com os olhos cheios d'água. Que coisas teriam para arrumar? Umas calças velhas remendadas. Umas camisas ásperas e cerzidas que ela, Dona Cordélia, Dona Maria José e Bangu costumavam lavar e remendar. Que tinham eles, durante tantos anos, acumulado naquela herança de pobreza? Ah!, mas na mochila da gratidão da rua eles levariam ternura de todos os tamanhos.

...

A notícia encheu os espaços.

– Os santos vão embora.

E veio uma mágoa coletiva morar em cada olhar. Assim poderiam ir. Sem que ninguém os obrigasse. Mas a rua ia ficar morta sem a presença, sem a bondade, sem o sorriso amigo deles.

E desde cedo começou a juntar gente defronte da casa. Dessa vez as mãos apareciam inermes, armadas apenas pelo desalento.

Lá dentro, os dois sentados na cama esperavam com a trouxa de roupa no chão e um velho chapéu de palha desfiado no colo. Antão, de um certo modo, aflitamente. Ananias calmo na sua tristeza.

Seu Abrahão surgiu na sua roupa de Missa do Galo. Quiterinha colocou seu vestido verde-quitanda. Vovó Sinhazinha não parava os lábios murchos de tanto rezar. Padre Santa Helena, arrastando sua gota pela poeira da rua, não deixou de comparecer. Ele estava triste. Mas era a solução para que a guerra cessasse. Triste solução, mas era a única. Deus escrevia certo por linhas tortas. Deus os iluminara. E eles partiriam fazendo ainda o bem. Evitando que as suas presenças pudessem acarretar até derramamento de sangue.

Os olhares se fixavam doentiamente, agoniadamente na estrada Rio-São Paulo, de onde surgiria o carro. Exatamente cinco para nove horas uma voz clamou doloridamente:

– Lá êvem eles.

Um murmúrio perpassou pela multidão que comprimia todos os cantos da rua.

Dona Maria José chegou com a voz aos pedaços dentro do quarto. Antão ergueu-se pressuroso. Mas Ananias, resignadamente.

– Deixe que eu carrego a sua mochila também. Antão veio para fora amparado no braço de Dona Bárbara. Lembrou-se de uma coisa e fez minchinho, minchinho, procurando Raça Dura. Ele veio correndo para fora da casa e se atirou nos braços do santo.

O carro parara bem defronte do portão, e era difícil um rosto que não se enchesse de lágrimas vendo os dois como velhinhos cansados e de corpos emagrecidos caminhando vagarosamente,

apoiados em duas mulheres. Nas suas cabeças, as auréolas de dois chapéus esburacados para receber carícias do sol.

Perto do portão, Antão se lembrou de uma coisa. Passou o gato para os braços de Dona Maria José e sorriu para Ananias.

– Hoje, Ananias, é dia de Natal. E aqui está o seu presente.

Tirou o seu chapéu e o do irmão também.

– Ajoelhe-se, meu irmãozinho.

Com dificuldade Ananias obedeceu.

Antão colocou as mãos sobre os seus cabelos e olhou para o céu naquela sua maneira muda de rezar. E seus olhos adquiriram um brilho de impressionante beleza. E suas mãos ficaram tão transparentes e luminosas como se fossem as mãos do próprio Deus.

O povo assistia estupefato tudo aquilo.

Depois o santo ajudou o irmão a levantar-se e beijou carinhosamente as suas faces.

– Deste momento em diante, Ananias, você deixou de ser anjo e está santificado. Era esse o meu presente de Natal.

Andaram dessa vez de braços dados, iguais em santidade e perfeição.

– Veja o lindo carro negro de nosso irmão. Ele vai nos dar de presente para irmos morar de novo na cidade.

E Ananias apenas enxergava a assistência do hospício. Muito branca e com o sininho abafado por um pano para não assustar a quem buscavam. Tolice, nem precisaria aquilo.

– Vamos depressa, meu irmão. Precisamos andar logo. O mundo é muito grande e teremos de o salvar.

Por mais que desejasse, as pernas de Ananias teimavam em não avançar.

Antão desgarrou-se dele e apanhou nos braços o gato Raça Dura. Foi até perto do enfermeiro, que o olhava espantado.

– Sabe, Rômulo, ontem eu não o tratei com humanidade. Me desculpe. Mas eu sei que você é meu irmão. Vamos logo.

Abriram-se as portas da assistência. Algumas mãos amigas ajudaram o santo a sentar-se subindo a escadinha.

Com Ananias foi mais difícil. Todos seguravam em suas mãos e muitos beijaram os seus dedos e pedaços da sua camisa. Bangu implorava chorando.

– Pelo menos o senhor, seu Ananias, fique com a gente.

– Não posso. Prometi que acompanharia meu irmão onde ele fosse.

Uma cena cruel aconteceu. Abrindo a multidão e com o rosto afogueado, Pedrinho apareceu com uma gaiola cheia de coleiros. Atracou-se nas suas pernas, chorando.

– Não vá, seu Ananias. Não vá. Olhe.

E foi quebrando as varetas da gaiola e deixando os pássaros procurarem a liberdade do azul.

– Se o senhor ficar, eu prometo que nunca mais pego passarinho.

– Não posso. Tenho de ir.

Subiu o primeiro degrauzinho da assistência. Subiu o segundo e virou-se para o povo sorrindo docemente.

– Tenho de ir. Mesmo porque...

Aí o Padre Santa Helena abriu a boca de tamanho espanto.

– A paz do Senhor se encontra em qualquer parte em cada um de nós.

Olhou para todos, escutando o ruído do motor em marcha e pela primeira vez seus olhos de santo rezaram e abençoaram aquele povo.

A mão de Antão começou a puxá-lo para dentro do carro.

Lentamente as portas se fecharam. Lentamente o carro rodou na rua descalça.

Não tinha andado nem duzentos metros quando um grito de espanto atacou a todos. Sem poder se controlar, todos caíram de joelhos. Até o Padre Santa Helena se persignou.

– *Sic transit Gloria mundi!*

A assistência milagrosamente começava a levantar voo. E já ultrapassava a altura dos fios da rua. E subia velozmente mais e mais. E, quanto mais subia, procurando os céus, menor ia ficando. Agora estava muito mais alta do que a chaminé da fábrica. Mais alta do que onde todos os papagaios da rua poderiam alcançar. Tornara-se um ponto tão pequeno que perdia a forma. Em breve tomava o tamanho de uma estrela e desapareceu num rastro de luz.

- Milagre! Milagre!
- Até o gato foi pro céu.
- Milagre! Milagre!
- Os santos não eram desta terra...
- ...e foram pro céu.

Vovó Sinhazinha deixou de rezar e sorriu feliz, envaidecida quase.

Dentro da rua descalça da sua ternura, havia um gesto de amor. E nesse gesto somente uma frase o acompanharia.

Abriu os braços em cruz e, com o rosto todo em lágrimas, anunciou.

– Eles foram para o céu, para o lugar que era só digno da bondade deles. Foram seguindo o caminho dos meus dois foguetes!...

FIM

Ubatuba – 1968/69

1. A exceção é *O Meu Pé de Laranja Lima*, título lançado em 1968.

[««]

2. PAES, José Paulo. *A Aventura Literária*: ensaios sobre ficção e ficções. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.34-35.

[««]

José Mauro de Vasconcelos nasceu em 26 de fevereiro de 1920, em Bangu, no Rio de Janeiro. De família muito pobre, teve, ainda menino, de morar com os tios em Natal, capital do Rio Grande do Norte, onde passou a infância e a juventude. Aos 9 anos de idade, o garoto treinava natação nas águas do Rio Potengi, na mesma cidade, e tinha sonhos de ser campeão. Gostava também de ler, principalmente os romances de Paulo Setúbal, Graciliano Ramos e José Lins do Rego, sendo estes dois últimos importantes escritores regionalistas da literatura brasileira.

Essas atividades na infância de José Mauro serviriam de base para uma vida inteira: sempre o espírito aventureiro, as atividades físicas e, ao mesmo tempo, a literatura, o hábito de escrever, o cinema, as artes plásticas, o teatro – a sensibilidade e o vigor físico. Mas nunca a Academia de Letras, nunca o convívio social marcado por regras e jogos de bastidores. José Mauro se tornaria um homem brilhante, porém muito simples.

Ainda em Natal, frequentou dois anos do curso de Medicina, mas não resistiu: sua personalidade irrequieta impeliu-o a voltar para o Rio de Janeiro, fazendo a viagem a bordo de um navio cargueiro. Uma simples maleta de papelão era a sua bagagem. A partir do Rio de Janeiro, iniciou uma peregrinação pelo Brasil afora: foi treinador de boxe e carregador de banana na capital carioca, pescador no litoral fluminense, professor primário num núcleo de pescadores em Recife, garçom em São Paulo...

Toda essa experiência, associada a uma memória e imaginação privilegiadas e à enorme facilidade de contar histórias, resultou em uma obra literária de qualidade reconhecida internacionalmente: foram 22 livros, entre romances

e contos, com traduções publicadas na Europa, nos Estados Unidos, na América Latina e no Japão. Alguns de seus livros ganharam versões para o cinema e teatro.

A estreia ocorreu aos 22 anos, com *Banana Brava* (1942), que retrata o homem embrutecido nos garimpos do sertão de Goiás, no Centro-Oeste do Brasil. Apesar de alguns artigos favoráveis dedicados ao romance, o sucesso não aconteceu. Em seguida, veio *Barro Blanco* (1945), que tem como pano de fundo as salinas de Macau, cidade do Rio Grande do Norte. Surgia, então, a veia regionalista do autor, que seguiria com *Arara Vermelha* (1953), *Farinha Órfã* (1970) e *Chuva Crioula* (1972).

Seu método de trabalho era peculiar. Escolhia os cenários das histórias e então se transportava para lá. Antes de escrever *Arara Vermelha*, percorreu cerca de 3 mil quilômetros pelo sertão, realizando estudos minuciosos que dariam base ao romance. Aos jornalistas, dizia: “Escrevo meus livros em poucos dias. Mas, em compensação, passo anos ruminando ideias. Escrevo tudo à máquina. Faço um capítulo inteiro e depois é que releio o que escrevi. Escrevo a qualquer hora, de dia ou de noite. Quando estou escrevendo, entro em transe. Só paro de bater nas teclas da máquina quando os dedos doem”.

A enorme influência que o convívio com os indígenas exerceu em sua vida (costumava viajar para o “meio do mato” pelo menos uma vez por ano) não tardaria a aparecer em sua obra. Em 1949 publicava *Longe da Terra*, em que conta sua experiência e aponta os prejuízos à cultura indígena causados pelo contato com os brancos. Era o primeiro de uma extensa lista de livros indigenistas: *Arraia de Fogo* (1955), *Rosinha, Minha Canoa* (1962), *O Garanhão das Praias* (1964), *As Confissões de Frei Abóbora* (1966) e *Kuryala: Capitão e Karajá* (1979).

Essa produção resultou de uma importante atividade que o ainda jovem José Mauro exerceu ao lado dos irmãos Villas-Bôas, sertanistas e indigenistas brasileiros, enveredando-se pelo sertão

da região do Araguaia, no Centro-Oeste do país. Os irmãos Villas-Bôas – Orlando, Cláudio e Leonardo – lideraram a expedição Roncador-Xingu, iniciada em 1943, ligando o Brasil interior ao Brasil litorâneo. Contataram povos indígenas desconhecidos, cartografaram terras, abriram as rotas do Brasil central.

O livro *Rosinha, Minha Canoa*, em que contrapõe a cultura do sertão primitivo à cultura predatória e corruptora do branco dito civilizado, foi o primeiro grande sucesso. Mas a obra que alcançaria maior reconhecimento do público viria seis anos depois, sob o título *O Meu Pé de Laranja Lima*. Relato autobiográfico, o livro conta a história de uma criança pobre que, incompreendida, foge do mundo real pelos caminhos da imaginação. O romance conquistou os leitores brasileiros, do extremo Norte ao extremo Sul, quebrando todos os recordes de vendas. Na época, o escritor afirmava: “Tenho um público que vai dos 6 aos 93 anos. Não é só aqui no Rio de Janeiro ou em São Paulo, mas em todo o Brasil. Meu livro *Rosinha, Minha Canoa* é utilizado em curso de português na Sorbonne, em Paris”.

O que mais impressionava a crítica era o fato de *O Meu Pé de Laranja Lima* ter sido escrito em apenas 12 dias. “Porém estava dentro de mim havia anos, havia 20 anos”, dizia José Mauro. “Quando a história está inteiramente feita na imaginação é que começo a escrever. Só trabalho quando tenho a impressão de que o romance está saindo por todos os poros do corpo. Então, vai tudo a jato.”

O Meu Pé de Laranja Lima já vendeu mais de dois milhões de exemplares. As traduções se multiplicaram: *Barro Blanco* foi editado na Hungria, Áustria, Argentina e Alemanha; *Arara Vermelha*, na Alemanha, Áustria, Suíça, Argentina, Holanda e Noruega; e *O Meu Pé de Laranja Lima* foi publicado em cerca de 15 países.

Vamos Aquecer o Sol (1972) e *Doidão* (1963) são títulos que, junto com *O Meu Pé de Laranja Lima*, compõem a sequência autobiográfica de José Mauro, apesar de o autor ter iniciado a trilogia com o relato de sua adolescência e juventude em *Doidão*. *Longe da Terra* e *As Confissões de Frei Abóbora* também apresentam elementos referentes à vida do autor. No rol das obras de José Mauro incluem-se, ainda, livros centrados em dramas existenciais – *Vazante* (1951), *Rua Descalça* (1969) e *A Ceia* (1975) – e outros dedicados a um público mais jovem, que discutem questões humanísticas – *Coração de Vidro* (1964), *O Palácio Japonês* (1969), *O Veleiro de Cristal* (1973) e *O Menino Invisível* (1978).

Ao lado do gaúcho Erico Verissimo e do baiano Jorge Amado, José Mauro era um dos poucos escritores brasileiros que podiam viver exclusivamente de direitos autorais. No entanto, seu talento não brilhava apenas na literatura.

Além de escritor, foi jornalista, radialista, pintor, modelo e ator. Por causa de seu belo porte físico, representou o papel de galã em diversos filmes e novelas. Ganhou prêmios por sua atuação em *Carteira Modelo 19*, *A Ilha* e *Mulheres e Milhões*. Foi também modelo para o Monumento à Juventude, esculpido no jardim do antigo Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, em 1941, por Bruno Giorgi (1905-1993), escultor brasileiro reconhecido internacionalmente.

José Mauro de Vasconcelos só não teve êxito mesmo em uma área: a Academia. Na década de 1940, chegou até a ganhar uma bolsa de estudo na Espanha, mas, após uma semana, decidiu abandonar a vida acadêmica e correr a Europa. Seu espírito aventureiro falara mais alto.

O sucesso do autor deve-se, principalmente, à facilidade de comunicação com seus leitores. José Mauro explicava: “O que atrai meu público deve ser a minha simplicidade, o que eu acho que seja simplicidade. Os meus personagens falam linguagem

regional. O povo é simples como eu. Como já disse, não tenho nada de aparência de escritor. É a minha personalidade que está se expressando na literatura, o meu próprio eu”.

José Mauro de Vasconcelos faleceu em 24 de julho de 1984, aos 64 anos.

Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: APIS design

Texto de apresentação: Dr. João Luís Ceccantini

Conversão para e-book: Marina Pastore

Revisão do e-book: Thaís Vallim

© 1969 José Mauro de Vasconcelos

Direitos de publicação:

© 1969, 1979, 2021 Editora Melhoramentos Ltda.

Todos os direitos reservados.

1ª edição digital, março de 2021

ISBN: 978-65-55-39288-3

Atendimento ao consumidor:

Caixa Postal 729 – CEP 01031-970

São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3874-0880

www.editoramelhoramentos.com.br

sac@melhoramentos.com.br



JOSÉ MAURO
DE VASCONCELOS

FARINHA
ÓRFÃ


MELHORAMENTOS

Farinha Órfã

Vasconcelos, José Mauro de

9786555392876

75 páginas

[Compre agora e leia](#)

Estes "contos goianos" caracterizados por uma literatura regionalista de grande força expressiva, são flagrantes líricos ou violentos da realidade dos sertões do Araguaia, onde convivem, de maneira por vezes harmoniosa, por vezes conflitante, a população branca e a indígena. A unidade da coletânea é estabelecida pela metáfora da "farinha branca", que simboliza a solidão dos desgarrados num mundo selvagem e rude.

No conto inicial, que dá título à obra, Adão Jesus está à procura do lugar ideal para formar seu rancho e estabelecer-se com a neta, o papagaio e o cachorro. Encontra-o nos limites de uma reserva indígena e, por isso, vai se defrontando com sucessivas autoridades governamentais, que ora lhe concedem o direito de ocupar o lugar, ora dele o escorraçam. "Boca-de-selva" retrata mulheres decaídas e homens perdidos numa região inóspita e sem distrações, é a descrição, apoiada no humor, de uma partida de sinuca em que, da intenção de roubar um "gringo", emerge o sentimento de resistência do habitante local contra o estrangeiro invasor. A nota lírica aparece em "Eternecência", terno romance sertanejo em que o homem, andarilho anônimo, colhe o amor de

Rosa, a mulher, e parte, em sua inquietação aventureira, em busca de outras paragens e outras colheitas.

[Compre agora e leia](#)

JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS

O VELEIRO DE CRISTAL



QV
MELHORAMENTO

O Veleiro de Cristal

Vasconcelos, José Mauro de

9788506054598

120 páginas

[Compre agora e leia](#)

Edu – personagem principal de O Veleiro de Cristal – é uma criança portando graves enfermidades, mas que possui uma imaginação que lhe dá a oportunidade com que ele mais sonha. De viver. E de viver nas estrelas. Edu é um menino solitário, mas nesse seu mundo, encontra amigos extraordinários que o ajudam a superar o seu sofrimento. Mais do que com a doença, ele sofre com a rejeição das pessoas, inclusive a dos pais. É na companhia de amigos inseparáveis, como Gabriel, o tigre chinês, Bolitrô, o sapo louro, e Mintaka, a coruja empalhada, que Edu vive uma grande aventura a bordo de um veleiro de cristal. O Veleiro de Cristal é algo como um sonho. Ou qualquer coisa diferente, que não há palavra precisa para definir: magia, fábula... Desejo intenso de uma criança de visitar lugares onde nunca esteve nem estará. Principalmente, as constelações, de nomes tão fantasiosos, que habitam o céu, e suas estrelas. Nova edição com suplemento de leitura de Luiz Antonio Aguiar.

[Compre agora e leia](#)

O PEQUENO LIVRO DE
HAI-KAIS DO
MENINO *Zinco*
MALUQUINHO



O Pequeno Livro de Hai-kais do Menino Maluquinho

Ziraldo

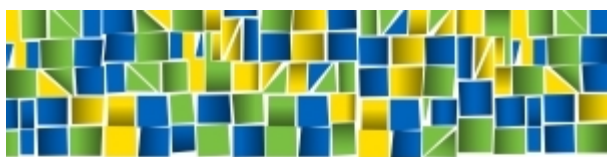
9788506069462

28 páginas

[Compre agora e leia](#)

"O Pequeno Livro de Hai-kais do Menino Maluquinho" é uma singela amostra gratuita dos poemas que compõe o livro "Os Hai-kais do Menino Maluquinho". O hai-kai é uma pequena composição poética de origem japonesa, constituída de três versos com cinco, sete e cinco sílabas, tendo como tema as variações da natureza e a sua influência na alma do poeta. O poeta Ziraldo canta em hai-kais as observações do seu mais famoso personagem, o Menino Maluquinho, sobre a natureza, as relações com a família, com os amigos e consigo mesmo. As ilustrações completam a graça e a poesia da obra, que propõe ao leitor que também faça sua reflexão sobre os temas.

[Compre agora e leia](#)



MICHAELIS

GUIA PRÁTICO DA NOVA ORTOGRAFIA

SAIBA O QUE MUDOU
NA ORTOGRAFIA BRASILEIRA

Douglas Tufano


MELHORAMENTOS



Michaelis Guia Prático da Nova Ortografia

Tufano, Douglas

9788506079973

32 páginas

[Compre agora e leia](#)

O objetivo deste guia é expor ao leitor, de maneira objetiva, as alterações introduzidas na ortografia da língua portuguesa pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990, por Portugal, Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e, posteriormente, por Timor Leste. No Brasil, o Acordo foi aprovado pelo Decreto Legislativo n.º 54, de 18 de abril de 1995. Este guia foi elaborado de acordo com a 5.^a edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), publicado pela Academia Brasileira de Letras em março de 2009.

[Compre agora e leia](#)

Disney · PIXAR CLASSICOS INESQUECÍVEIS
UMA COLEÇÃO DAS MAIORES HISTÓRIAS DISNEY



O BOM DINOSSAURO

PIXAR
MULHOLLANDERS

O Bom Dinossauro

Disney

9788506083864

76 páginas

[Compre agora e leia](#)

Arlo é um pequeno dinossauro que tem medo de tudo. Quando ele se vê perdido na floresta, precisa aprender a vencer seu medo para conseguir encontrar o caminho de volta para casa. Uma atípica amizade com uma estranha criatura será a ajuda que Arlo necessita nesta jornada?

[Compre agora e leia](#)